



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**ENTRE O SERENO E AS PROSAS:
UM ESTUDO HISTORIOGRÁFICO SOBRE O PROCESSO DE
URBANIZAÇÃO EM MONTE HOREBE-PB NAS DÉCADAS DE 1960 E 1970**

LEIANA ISIS SOARES DE OLIVEIRA

CAJAZEIRAS – PB

2018

LEIANA ISIS SOARES DE OLIVEIRA

**ENTRE O SERENO E AS PROSAS:
UM ESTUDO HISTORIOGRÁFICO SOBRE O PROCESSO DE
URBANIZAÇÃO EM MONTE HOREBE-PB NAS DÉCADAS DE 1960 E 1970**

Monografia apresentada à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), do curso de Graduação em Licenciatura Plena em História, da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande, UFCG, como requisito para a obtenção da nota.

Orientadora: Profa. Dr.^a Silvana Vieira de Sousa.

CAJAZEIRAS-PB

2018

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764
Cajazeiras - Paraíba

O482e Oliveira, Leiana Isis Soares de.
Entre o sereno e as prosas: um estudo historiográfico sobre o processo de urbanização em Monte Horebe-Pb nas décadas de 1960 e 1970/ Leiana Isis Soares de Oliveira. - Cajazeiras, 2018.
112f.: il.
Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Silvana Vieira de Sousa.
Monografia (Licenciatura em História) UFCG/CFP, 2018.

1. Urbanização. 2. Historiografia - Monte Horebe.. 3. Monte Horebe - 1960-1970. 4. Espaço social. I. Sousa, Silvana Vieira de. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU - 930(813.3)

*Há quem diga que todas as noites são de sonhos.
Mas há também quem garanta que nem todas, só as
de verão. No fundo, isto não tem muita importância.
O que interessa mesmo não é a noite em si, são os
sonhos. Sonhos que o homem sonha sempre, em
todos os lugares, em todas as épocas do ano,
dormindo ou acordado. (Shakespeare)*

*Ao Deus da minha vida e a todos que sonharam
junto comigo, dedico.*

AGRADECIMENTOS

É difícil transformar sonhos em realidade, mesmo sabendo que a vida é repleta de desafios e conquistas. É repleta de quedas, bater de portas, choro, interrogações, críticas e experiências. A princípio convencemo-nos que estaremos sozinhos ao decorrer dessa caminhada. Logo, toda qualificação proverá unicamente do esforço e determinação individual. Há contrariedades! Há algo que nos motiva a seguir em frente, a sonhar. Muitas vezes esse “algo” é uma força sobrenatural e inexplicável. Outras vezes, esse algo toma forma, semblante e voz. A princípio essa é uma conquista especial, individual, mas de participação coletiva.

É preciso reconhecer que o universo conspirou a favor. É preciso agradecer a **Deus**, por tantas vezes ter sido o meu refúgio e meu ponto de chegada, independente da partida.

À **minha família**, por acreditar em mim e me desafiar a continuar. A eles dedico mais do que minha gratidão, meu amor.

À **Santina Ana** (*in memoriam*), melhor avó desse mundo!

Aos meus sobrinhos, **Anthony Miguel, Isabelle e Maya Louise**, por cada gesto, abraço e sorriso que, tantas vezes me fizeram refletir o compreender que eu tenho uma obrigação maior: tornar o mundo um lugar melhor para eles e para aqueles que se inserem direto ou indiretamente no nosso dia a dia.

A educação é o caminho!

Aos meus irmãos, **Geferson, Luana e Ana Luiza**, por terem me dado os melhores presentes que eu pude receber: os meus sobrinhos! Por serem companheiros e sempre estar dispostos a me ajudar e ouvir.

Aos meus pais, **Assis e Dethy Oliveira**, por darem o melhor de si. Em especial a minha mãe por tantas vezes me fazer enxergar nos seus olhos a satisfação e o orgulho em me ter. Por tantas vezes ter frisado a importância da educação, da gentileza. E a partir das suas concepções filosóficas e de vida, ampliar o meu olhar e conhecimento acerca do mundo. Ao meu pai, só posso afirmar que o amor não precisa de muito, ele está nos gestos mais simples.

A vocês dedico mais que a minha gratidão, mais que uma admiração, dedico todas as minhas conquistas. Vocês são minha casa, meu abrigo, meu lar.

À minha orientadora, **Dr^a.Silvana Vieira de Sousa**, por ter sido um exemplo de humildade, gentileza, paciência e compromisso. Por antes de ser uma mestra, ser sabiamente humana. E ter acreditado no meu projeto. Alguns professores nos impulsionam a ser como eles. Muito obrigada por tudo!

Ao professor **Osmar Luiz**, pelos textos e tempo gasto no início dessa pesquisa.

Aos meus grandes amigos, **Flávio Pereira e Paloma Irys**. Nossa amizade precede essa existência. Amizade é refúgio!

À **Louise, Mayra, Myria, Salyane Matos, Yago Martins e Carmem (Canoro)**, por me ouvir e conseqüentemente me incentivar a ser melhor gradativamente dia após dia. Por nos momentos de angústia direcionarem as palavras certas.

À **Camila Arruda**, por ser um anjo em minha vida. O que seria desse trabalho sem você? Obrigada pela compreensão, pelas leituras, e por me dá forças mesmo em meio a suas fraquezas. Freud não explica isso!

À **Aparecida Damasio, Clairton, Marilia Medeiros, Mônica Lima e Sibebe Farias**, pelas tantas histórias compartilhadas, conhecimentos, sorrisos. “Viver cabe no lattes?! ” Por partilhar tão de perto cada angústia, sentimento de inutilidade e a euforia das conquistas. Vocês são os presentes que a “História” me deu. Cada um em sua singularidade. Acredito que esse laço que nos une é maior que o efêmero tempo que agora nos afasta. Sentirei muita saudade do nosso contato diário. Essa conquista também é de vocês.

À **Alice Alves** por ter me emprestado algumas maravilhas do seu dia a dia. Sua positividade foi essencial e me fez ver que sonhar faz parte da realidade.

À **Alyne Mota** pelo incentivo e por se fazer presente nos diversos momentos.

À **Karla Oliveira**, pelo carinho, confiança e orações. Essas orações nos aproximam. Sou muito grata por tê-la na minha vida.

A **Ramon Queiroz**, pelas tardes de investigação nos arquivos. À **Maria Deodata, Maria Vilani, Geralda Bandeira** e todas as pessoas que contribuíram para essa pesquisa, com fotos, dados e com a rica oralidade advinda de suas vivências.

O que seria um historiador sem suas fontes de pesquisa?

Aos **meus colegas, funcionários e professores** pelos saberes e experiências aqui compartilhados. Agradeço!

Não tenho palavras que descreva o quanto à presença de vocês na minha vida me ajudou a crescer como ser humano e profissional que estou me tornando.

Por fim, agradeço a alguém peça chave durante essa caminhada. Sem ela, sua iniciativa, nada disso tornar-se-ia possível hoje. Diante do espelho agradeço a **mim mesma** por persistir em meio às adversidades e confiar nas minhas capacidades, dons e esforços. Por nunca deixar nada pela metade. E, sobretudo tomar consciência que a vida apesar de estar mergulhada na efemeridade do tempo é única, dinâmica e imprevisível. É preciso lutar pelo que se quer e deixar que o coração bata mais forte a cada novo ciclo concluído. Foram dias difíceis! Todavia nascemos para dar certo, para aprender com cada erro, cair e levantar sozinhos nos tornando assim mais fortes. Que saibamos conviver com as metamorfoses diárias. Que não percamos a e nossa humildade, humanidade e o sorriso gentil. Que revolucionemos a partir de nossa própria vida. Essa é a primeira das muitas conquistas que virão. Avante!

A todos, meus sinceros agradecimentos. Muito obrigada!

“A forma de uma cidade pode mudar mais depressa que o coração dos homens”. (Lepetit,2001, p.148)

RESUMO

Desde muito tempo as cidades passaram a ser temática das mais diversas pesquisas, promovendo um diálogo acerca dos seus traçados, formas, signos, componentes, habitantes e costumes. Além do mais, mais do que significação, as cidades são reconhecidas como espaço da pluralidade, diversidade, bem-estar e dos padrões que a demarcariam como urbana. Ao mesmo tempo em que se percebe uma singularidade, visto que elas se assemelham em suas formas, leis e práticas. Diferenciam-se produzindo características únicas que personalizam ou identificam o espaço construído e seus habitantes. Diante disso, a pesquisa intitulada “*Entre O sereno e as prosas: um estudo historiográfico sobre o processo de urbanização em Monte Horebe-Pb nas décadas de 1960 e 1970*” propõe a analisar a cidade de Monte Horebe, Pb, nas décadas de 1960 e 1970 de forma a captar as suas imagens possíveis e reais, bem como compreender o seu processo de emancipação, urbanização, suas práticas sociais, discorrendo sobre a sua relevância para a historiografia. Assim do ponto de vista teórico flertamos com os trabalhos de Walter Benjamin, Maria Stella Bresciani, Sergio Buarque de Holanda, Leandro Konder, Lewis Mumford, Nicolau Sevcenko, Osmar Luíz S. Filho e outros teóricos. E do ponto de vista metodológico usamos fontes documentais como os livros de Atas da câmara municipal José Dias Guarita, fotografias e oralidade. A partir do manuseio crítico situando-os no discurso histórico, e como tal compreendermos as nuances da construção social do espaço, enfatizando o desenvolvimento urbano e problematização da urbe por seus habitantes.

Palavras-Chaves: Urbanização. Cidade. Habitante. Monte Horebe. História oral.

ABSTRACT

Since a long time as cities have become thematic of the most diverse researches, promoting a dialogue on its tracings, forms, signs, components, inhabitants and customs. Moreover, more than significance, as cities are recognized as a space of plurality, diversity, well-being and standards as they would demarcate as urban. At the same time, one perceives a singularity, since they resemble each other in their forms, laws and practices. However, they differentiate themselves by producing the only ones that personalize or identify the built space and its inhabitants. Faced with this, a research entitled "*Between the Serene and the Prose: Mount Horebe-Pb urbanization of the process of historiography of the 60s and 70s*" in the decades of 1960 and 1970. In order to capture their possible and actual images, as well as its process of emancipation, urbanization, construction, its social practices and its relevance to a historiography. Thus, the theoretical point of view flirts with the works of Walter Benjamin, Maria Stella Bresciani, Sergio Buarque de Holanda, Leandro Konder, Lewis Mumford, Nicolau Sevcenko, Osmar Luiz S. Filho and other theorists. And from the methodological point of view, we use documentary sources such as the books of Minutes of the José Dias Guarita City Hall, photos and orality. So that from the critical handling we can situate it in the historical discourse, understanding as nuances of the social construction of its space, emphasizing the urban development and problematization of the city by its inhabitants.

Keywords: Urbanization. City. Inhabitant. Mount Horebe. Oral history

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fig 01. Foto aérea do centro da cidade de Monte.....	26
Fig 02. Centro da cidade visto da prefeitura.....	27
Fig 03. Avenida central, 1970.....	28
Fig 04. Praça Venâncio Dias.....	31
Fig 05. Foto da I Praça Venâncio Dias ampliada.....	36
Fig 06. 1ª Praça Venâncio Dias.....	37
Fig 07. 1º desfile cívico, vista frontal.....	38
Fig. 08. Primeiro desfile cívico, vista lateral.....	38
Fig 09. Palanque em frente ao prédio da antiga prefeitura.....	40
Fig 10. Pelotão de alunas enfileiradas, professora e o cabo Pereira.....	41
Fig 11. Alunas com a bandeira do Brasil e casas de taipas ao fundo.....	41
Fig 12. Habitantes pousando para foto na rua Pedro Gondim.....	42
Fig 13. Festinha do dia das crianças ao lado do mercado público.....	42
Fig 14. Fotografia de homens em dia festivo com seus animais.....	43
Fig 15. Descrição no Livro de Ata.....	63
Fig 16. Continuação da descrição do livro de Ata.....	64
Fig.17. Visitação de Frei Damião de Bozzano ao município.....	68
Fig 18. Pedro Guedes, o homem que carregou a cruz até Canindé-CE.....	68
Fig 19. Chegada da estátua do Pe. Cícero no lugar prometido.....	69
Fig 20. Festividade de coroação de Nossa Senhora.....	69

Sumário

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I.....	17
AS CIDADES COMO OBJETO DE ESTUDO DO HISTORIADOR.....	17
A CIDADE SOB O OLHAR DA SEMIÓTICA	20
MONTE HOREBE, ESPAÇO E TEMPOS CONSTRUÍDOS.....	21
CAPÍTULO II	26
IMAGENS DA CIDADE: RETRATANDO O ESPAÇO URBANO DE MONTE HOREBE EM 1960.....	26
“A CIDADE” VISTA SOBRE A TELA.....	26
CAPÍTULO III.....	45
HISTÓRIAS CONTADAS: OS DISCURSOS SOBRE A CIDADE DE MONTE HOREBE... 45	45
MERGULHO NO PASSADO	45
CONFIGURANDO ESPAÇOS, CONSTRUINDO HÁBITOS.....	46
MONTE HOREBE NA DÉCADA DE 70	54
EDUCAÇÃO E CRESCIMENTO SOCIAL EM MONTE HOREBE?	57
COMUNICAÇÃO: ONDAS DO MODERNO EM MONTE HOREBE. A RÁDIO FUSÃO E O USO DOS AUTOFALANTES	59
SAÚDE E MOBILIDADE SOCIAL EM MONTE HOREBE: UMA QUESTÃO SOCIAL?	60
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	73
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E FONTES	76
APÊNDICE A- ENTREVISTAS	81
APÊNDICE B- TERMO DE LIVRE CONSENTIMENTO ESCLARECIDO.....	102
ANEXOS A- HINO ATUAL.....	105
ANEXOS B - BRASÃO DO MUNICÍPIO.....	106
ANEXOS C- FOTOGRAFIAS DA CIDADE	107

INTRODUÇÃO

Essa pesquisa intitulada *“Entre O sereno e as prosas: um estudo historiográfico sobre o processo de urbanização em Monte Horebe-Pb nas décadas de 1960 e 1970”* busca traçar um estudo sobre a formação urbana e social da cidade de Monte Horebe, Pb após a sua emancipação política, datada de 1961, quando teoricamente entende-se que o povoado possui autonomia necessária para comportar formalmente os equipamentos de uma cidade.

Ela surgiu da vontade de se escrever uma história urbana e acadêmica que remetesse a essa cidade um primeiro estudo puramente historiográfico do seu urbano e que unisse o físico e o humano, narrando e problematizando a história das ações dos habitantes sobre ela no delimitado espaço e tempo. De acordo com Walter Benjamin toda narrativa só se torna possível a partir da experiência do tempo que se vive, o presente. E foi a disciplina de TCC que me levou a acolher a linha de pesquisa sobre cidade.

Escolhida a linha de pesquisa, ingressei em um grupo de estudo sobre a temática o que reforçou o meu interesse, visto que, na historiografia é cada vez maior o número de trabalhos escritos sobre ela, isso porque, esse tema tem se tornado desde o início dos anos 80 do século passado muito importante para os historiadores, produzido um potencial de investigação histórica. Esses estudos foram realizados pela recepção de Walter Benjamin, como em Wille Bolle (1994); de Michel Foucault, ganhando recepção de Margareth Rago (1991), Sebastião Rogério Ponte (1993); outras são guiados pelos paradigmas da História Social e da História Cultural, com contribuições expressivas de vários historiadores como as de Maria Stella Bresciane (1991) e tantos outros.

O título se remete ao costume que as pessoas tinham de ao fim do dia sentar em suas calçadas despreocupadas e contar histórias, prostrar. Esse trabalho busca mostrar alguns aspectos da vida cotidiana entendendo o urbano como algo próprio do ser humano e repleto de pluralidades que tencionam e dinamizam as vivências dos grupos, problematizando como além do espaço físico (ambiente físico urbano) estão configurados os espaços sociais, políticos e culturais da referida cidade e quais os desejos postos por seus habitantes. Corroborando com Walter Benjamin, o físico não pode sucumbir o humano pois esse físico resulta dos desejos e indagações humanas.

As cidades, a vida urbana, sempre foram atrativas e instigaram-nos uma forma de olhar para elas com o olhar de quem quer descobrir mais do que se pode ver. Cotidianamente nos instigou o fato da máquina urbana comportar em si tanta matéria, a ponto de ser terreno de inovação, verticalização e tanta subjetividade, diversidade, luzes, cores, comportamentos, regras e resistência.

Ela é uma terra fértil de onde se semeia possibilidades de entendimento da vida humana.

Além da estética de seus prédios, ruas, instituições, bares, hospitais, galerias e *Boulevards*, falando sobre as grandes metrópoles urbanas da modernidade, as cidades em si, comportam o humano, os grupos dentro de um aglomerado ainda maior. Comporta a educação, a solidariedade coletiva, as representações de fé, de cultura, o ambiente, a loucura, o medo, as paixões, a disciplina, a política, a economia, as relações de trabalho e um aparato de ferramentas em constante dinâmica.

Há uma pluralidade de experiências ou vivências que a história social do urbano tenta abarcar se fragmentando e se especializando em cada vertente epistemológica e metodológica. Nesse sentido para o nosso estudo trabalhamos sob a perspectiva e recorte temporal da década 1960, década que Monte Horebe tem sua emancipação política pontuando e estendendo-nos a década de 1970, período de materialização mais acentuada da cidade.

Esse recorte temporal pontua o período ditatorial no Brasil, época de profundas mudanças ideológicas frente a um sistema opressor, marcado por manifestações, violência, torturas dos mais diversos tipos, ao tempo em que de forma setorizada assistia-se o crescimento urbano, pela recente inauguração de uma das obras urbanísticas mais planejadas: Brasília. É um tempo marcado também pela construção ideológica do chamado perigo comunista. Mas também pela produção cultural, cinematográfica e pela luta feminina por direitos. Todavia, se partimos dessa perspectiva mais global poderemos observar também que esse período tão marcante nas principais cidades do Brasil não interferiu ou influenciou na vida dos habitantes de uma cidade tão afastada desses confrontos, como é o caso da cidade de Monte Horebe, no interior da Paraíba. Assim para escrever sua história buscamos nos aproximar dela por meio de uma “hermenêutica da cidade”

Ancorados em Mumford (1998), buscamos conhecer como se deu a formação dos primeiros núcleos urbanos e suas funções administrativas. Utilizando também o texto “Las ordenanzas” de Felipe II, para entender como se deu a organização das cidades latino americanas.

Utilizaremos ainda teóricos como Osmar Luiz da Silva filho, Marieta Pinheiro de Carvalho, Leandro Konder, faremos uso também do livro “Olhares sobre a cidade”, onde se encontra uma série de artigos de urbanistas, arquitetos e historiadores a fim de responder questões inerentes ao urbano.

No primeiro capítulo denominado **As cidades como objeto de estudo do historiador** teorizaremos sobre o objeto formal "cidades" apresentando estudos e olhares já lançados sobre ela. Investigando como se deu a composição das cidades desde os primeiros núcleos urbanos até as cidades modernas e detalhadamente planejadas, geometrizadas. Mais ainda, observaremos como e porque a cidade torna-se um objeto de investigação nas mãos do historiador, fazendo uso de uma literatura urbana. Bem como discorreremos brevemente sobre o processo de povoamento da cidade de Monte Horebe até a independência da mesma.

No segundo capítulo intitulado **Imagens da cidade: retratando o espaço urbano de Monte Horebe em 1960** discorreremos metodologicamente sobre as fontes a luz da teoria, situando a cidade de Monte Horebe nesse discurso historiográfico, a fim de captar as imagens possíveis. Acorados nos estudos de Bresciani (1981) para discutir a aparelhagem técnica da cidade, suas questões de racionalidade, controle de higiene, espaços construídos a partir do uso de fotografias do urbano e da literatura local. Nos ancoraremos seletivamente nas pesquisas de Dias *et al*, 2011 e em algumas entrevistas objetivando discorrer como os costumes e o espaço ia se constituindo para o habitante de Monte Horebe na década de 60.

E por fim, no terceiro capítulo intitulado **As histórias contadas: Os discursos sobre a cidade de Monte Horebe** convocamos as fontes orais, a fim de evocar uma memória individual, mas que sempre parte de um coletivo, seus costumes e regras. Apresentaremos os resultados da discussão, dialogando ainda mais com as Atas da câmara municipal de Monte Horebe, e algumas fotografias de acervo privado, mas sempre dando ênfase aos discursos produzidos em torno dela na década de 70, com o intuito de compreender a dinâmica da cidade, visto que ela é como um campo de disputa da memória; seus ícones, especificidades, suas necessidades humanas e como o habitante se apropriava do espaço social com o qual se identificava. Bem como os propósitos públicos pensados para a urbe, evidenciando o que era Horebe nos anos de 1970.

Esse estudo, portanto, visa contribuir significativamente para os estudos da comunidade local e acadêmica, visto que soma às pesquisas existentes no campo da

historiografia das cidades. Estudando a realidade histórica física, mas acima de tudo humana, a experiência do habitante, sua vivência e encantamento captada através das entrevistas e através da documentação tais como como fotos e atas do poder público municipal a fim de investigar qual a função que essa cidade desempenhava na vida dos “horebenses”, enquanto espaço de sociabilidade.

CAPÍTULO I

O passado, seja remoto ou recente, próprio ou de outrem, é acima de tudo, um relato, um conto. História é uma História.

(HELLER, 1993)

AS CIDADES COMO OBJETO DE ESTUDO DO HISTORIADOR

A urbanização foi um dos maiores fenômenos globais, desde fins do século XIX, expandindo esse crescimento ao passar do século XX e início do século XXI. Dessa maneira, as cidades passaram a ser objeto de estudo de vários especialistas (planejadores, urbanistas, geógrafos, arquitetos, gestores). Os historiadores, por sua vez, promoveram estudos sobre a cidade analisando seus traçados, suas formas, seus signos, bem como as vivências e costumes de seus habitantes. Diante desse cenário constataram a pluralidade e multiplicidade de experiências humanas no urbano, ao tempo em que perceberam as singularidades no espaço habitado e civilizado da cidade. É, pois, em busca do específico sobre a urbe que ao passar do tempo se move o historiador.

De acordo com Lewis Mumford (1998), as cidades surgiram em substituição às aldeias, como uma espécie de instrumento de dominação do homem sobre a natureza. Todavia, ela tornou-se lugar de encontro, expressividade, signos e ritos sagrados. Elas abrigavam funções. Essas funções seriam administrativas, comerciais e de culto. Nas urbes os trabalhos eram divididos, o controle sobre a água redirecionava a um armazenamento, criação de poços, açudes, irrigação, a drenagem de pântanos, ao cultivo e armazenamento de alimentos. Logo a cidade passou a centralizar os variados trabalhos exercidos nas aldeias que a compunha. Dentro da função administrativa destaca-se o comércio, grande impulsionador no desenvolvimento das urbes. Inicialmente se trabalhou com metais, pedras e madeira. Logo tornou-se possível a troca de artesanatos e materiais diversos. Assim como o tráfego de alimentos e especiarias. A invenção do barco à vela e da escrita também está voltada para a urbanização.

As leis surgem atreladas a divisão do trabalho, como forma de controle social, em termos de segurança. Surgiu também a figura de um líder e representante dessa centralização de poder contida nas Urbes. E as desigualdades sociais tornaram-se

acentuadamente evidentes. O desejo coletivo então convivia com a vontade e disposição desses líderes.

As disparidades sociais se acentuaram. A concentração da propriedade acarretava um desequilíbrio econômico: aprofundava-se o fosso entre ricos e pobres no interior da mesma comunidade. Para enfrentar os problemas decorrentes dessa situação, o governo atuava ditatorialmente. Não devemos esquecer que a palavra pólis deriva a palavra polícia. (KONDER, 1994. P.74)

Podemos dizer que a cidade moderna foi impulsionada pela industrialização e as novas formas de produção. Daí advém o êxodo para essas localidades em busca de inserção no novo mundo do trabalho. Emerge também a associação do espaço urbano com o progresso e a civilidade. Como um espaço do ritmo, do crescimento demográfico, do lucro imediato, dos encontros e desencontros. Estabelecendo também um lugar de contrariedade, de desigualdade, de precariedade dos miseráveis que habitam nos grandes centros urbanos e nas periferias das cidades.

Em 1875 Paris passa por uma reforma urbana com a finalidade de melhorar a higienização, o saneamento das ruas do centro e a estrutura da “cidade luz”, referência cidadina de modernidade, progresso e urbanização há uma segregação ou marginalização social. Pois os habitantes empurrados para as periferias significavam uma ameaça à ordem da cidade desfrutada por aqueles que moravam em lugares privilegiados.

No Brasil, somente no final do século XIX para o início do século XX esse tipo de reforma, se inicia através de um movimento e processo que passou a ser conhecido e denominado como “O Bota abaixo”. Foram realizadas reformas em primeira mão no Rio de Janeiro conduzidas por e na gestão administrativa de Pereira Passos. Estas especificamente passam a ser conhecidas como “Reforma Pereira Passos”, consistindo na abertura de circulação de ar na cidade com o alargamento das ruas, arborização, construção de monumentos e outras obras públicas. Através de processos como este das reformas urbanas percebemos que a cidade é apropriada pelo discurso e fazer político que viabilizam essas obras no espaço público e as chegadas do que no século XIX expressa a modernização: O trem e os meios de comunicação. Introduzidos no cotidiano da vida das cidades, em primeiro momento na capital da república, o Rio de Janeiro e posteriormente em outras localidades como São Paulo, Salvador, João Pessoa, Campina Grande, Recife e em outras cidades brasileiras. Salientando apenas que nos Estados do Nordeste essa modernização chegou mais tardiamente que nos demais centros urbanos.

A cidade é o espaço das histórias, das vivências, da racionalidade, dos traçados geométricos. Mas também é o espaço da subjetividade, da poesia formulada sobre as individualidades corriqueiras. As antigas urbes e as cidades modernas trazem traços opostos à efemeridade, mesmo sendo o tempo tão escorregadio. Uma vez que o passado está impresso nos variados vestígios deixados pelos mortais que a habitavam (KONDER, 1994).

A sua estrutura física, bem como a estrutura cultural do espaço urbano não se desenvolveu rapidamente em um ritmo único. É importante salientar que embora cada urbe possua similaridades com as demais diferencia-se em sua singularidade, em seu tempo e nas experiências vivenciadas por seus habitantes. É o caso de Paris, luxuosa no século XIX, com seus *boulevards*, casarões e passagens. Outro exemplo são as cidades da Inglaterra como Londres, Manchester e Birmingham, palco do desenvolvimento capitalista, industrial e da massa frenética que formaram o “espetáculo da pobreza”. Em 1850, Londres detinha a maior população urbana do mundo, chegando a dois milhões de habitantes e dessa data para os nossos dias atuais houve um crescimento considerável e gradativo.

Historicamente, a cidade sempre foi impulsionada pelo comércio, demais atividades econômicas e conseqüentemente pela demanda demográfica, se modificando fisicamente e na mentalidade daqueles que a compõe coletivamente. De acordo com Marieta Pinheiro de Carvalho (2008), as urbes tornam-se principalmente o espaço das luzes, da inovação, modernidade e da razão. Em outras palavras, o desenvolvimento das cidades desencadeou mudanças físicas e mentais. Inicialmente porque o espaço urbano se opunha ao campo. Nelas se concentrava o comércio, os serviços especializados, o acesso à educação e saúde. Logo os hábitos das pessoas começaram a mudar em torno da vida urbana. As vestimentas, a linguagem, o comportamento, as relações.

O historiador ao investigar como se dá esse processo dinâmico dos habitantes diante da cidade pode recorrer a Bresciane (1981) quando ela afirma que a cidade influencia o sentimento dos seus habitantes. Pois cria uma noção de pertencimento.

Ela possui representações, signos, alimenta o imaginário e os sonhos dos seus habitantes. Porém, nela há contrastes. Uma vez que, alimenta um progresso urbano e segrega minorias nas periferias. Em síntese, ela é cheia de transformações e dinamismo fruto da inconstância do querer humano, se configurando como um espaço dos homens criado por eles e para eles. Por outro lado, tecnicamente, a arquitetura oferece singularidade, identidade às ruas, pelo menos até a sua remodelação. E tudo isso, em

suas semelhanças e contrastes, fará parte de uma memória de cada indivíduo que de acordo com Maurice Halbwachs (2013) é sempre proveniente de acontecimentos coletivos.

Infere-se inicialmente que a cidade se opõe ao campo e suas práticas rurais, visto que o campo é tido como um lugar ultrapassado e pouco civilizatório. Todavia, pequenas e médias cidades convivem diretamente com práticas rurais dentro do urbano, como é caso de Monte Horebe. Elas são espaços da convivência, da alteridade, dos ambientes, de inúmeras paisagens físicas, das manifestações de arte, do lazer, de enriquecimento e de conflitos. Mas somente em 1970 a densidade demográfica urbana supera a rural.

Crescendo e se fortalecendo, a cidade foi arrancando um número cada vez maior de pessoas da dispersão em que se achavam imersas: tirou-as daquilo que o velho Marx, no *Manifesto*, chamou de “Idiotia da vida rural” e as aproximou umas das outras, criando para elas novas capacidades de se *comunicarem* (KONDER, p.79)

Podemos pensar o espaço urbano como um objeto de estudo onde as relações sociais se intensificam, a política ganha impulso e as desigualdades sociais e a pobreza se atenuam. A cidade é também espaço da ordem e dos Direitos. É espaço dos valores e dos pudores sociais. Mas existem muitas cidades contidas em uma só. E as diversas tradições e costumes contidos em todas elas.

A CIDADE SOB O OLHAR DA SEMIÓTICA

A cidade em sua representação não se restringe ao uso técnico de mapas e as explicações arquitetônicas e geométricas. É preciso ir além e notar que elas possuem camadas de tempo, como observa Walter Benjamin, referenciado por MATTOS (1994). Isso significa que tudo é construído no tempo e toda mudança que ocorre é peça essencial na sua história. Mas a cidade é mais que traçados físicos que se dinamizam. É expressa na força dos nomes e da memória.

Assim, tomando o exemplo da cidade objeto de nosso estudo, percebemos que a estrutura física da cidade de Monte Horebe nas décadas de 60 e 70 já foi modificada. Mas ela permanece “morta” e cristalizada nas fotografias, telas e documentos. Não adianta mais se prender a modelos explicativos que já não mais abarcam a complexidade e nuances do urbano. Nem partir da ideia que a cidade é um objeto pronto prestes a ser descoberto e revelado. A própria cidade subsidia problemáticas. Sejam elas nas relações de trabalho, nas formas de comunicação, transporte, habitação

comportamento de determinados grupos de habitantes, criação das leis e das próprias vivências. A cidade pode ser entendida não só como um espaço físico, mas como um texto a ser lido e problematizado. Segundo FEBVRE (2001), a cidade depende de um período histórico para ser construída e orientada em sua prática social. É a partir da experiência urbana vivenciada pelo homem que há uma construção de padrões que formulam a identidade do cidadão.

Nos anos 60 a semiótica eclodiu como uma área de diálogo para os historiadores o urbano. Esse profissional deve treinar seu olhar para ver e ler os signos do urbano. Há uma ampliação da estrutura física para a simbólica. As feiras existentes nas cidades por exemplo podem ser analisadas sob a perspectiva técnica, assim como as ruas, favelas, becos, muros pixados. Mas ao ser analisada pela perspectiva simbólica o historiador apropria-se do objeto de forma diferente. Porque cada homem constrói uma narrativa a partir dos signos em decorrência de sua interpretação e experiência. Depreende-se então que o descortinar a cidade e desnudá-la descobre-se questões a serem problematizadas.

MONTE HOREBE, ESPAÇO E TEMPOS CONSTRUÍDOS.

A história de um povo é essencial para a formação de sua identidade e está intrínseca ao sentimento de pertença por um lugar. O passado fornece subsídios para o entendimento do presente. Sendo “a história o estudo dos homens no tempo”, como sugere BLOCH (2001), para abordar a origem, povoamento e independência da cidade de Monte Horebe é necessário traçar uma linha temporal objetivando conhecer as raízes do município, sua cultura, sua atividade econômica até a sua autonomia dada pela Lei nº 2.608 de 05 de dezembro de 1961.

Pequenos núcleos urbanos também produzem histórias, embora pouco conhecidas. Monte Horebe é um exemplo de uma cidade de pequeno número habitacional e história desconhecida por muitos paraibanos, inclusive. De acordo com o senso do IBGE-2010 sua população totaliza 4.508 habitantes em uma área de 116,2m², vegetação arbustiva e uma altitude de 720m. Distanciando da capital João Pessoa 533km. É composta por 48 ruas distribuídas em seis bairros.

Há uma pequena produção de fontes bibliográficas a respeito da história de Monte Horebe. É fundamental se atentar a isso. Pois são necessárias produções acadêmicas em torno de problemáticas e temáticas locais, para que assim a história seja recontada, confrontada e repassada entre as gerações.

Sobre sua formação social inicial registra-se que no dia 10 de outubro de 1925 foi lavrada a escritura de um terreno doado pelo Senhor Joaquim de Sousa em prol de se construir uma capela para São Francisco de Assis. Mas devido à localização geográfica do terreno e as condições sociais pelas quais passavam os comerciantes da região, aquela localidade seria propícia a comercialização de produtos agropecuários, que antes eram comercializados na antiga Santa Fé e no estado do Ceará. ¹Santa Fé foi um centro comercial de relevante importância para a população daquela localidade que vendia seus produtos e adquiria seus bens de consumo. Todavia, não demorou em que os conflitos naquela região surgissem e a prosperidade fosse gradativamente interrompida. Famílias rivais em busca do monopólio político e aquisitivo traçaram sucessivos enfrentamentos, deixando o distrito de Santa Fé em ruínas, provocando mortes e assustando os moradores que migraram para outras localidades em busca de tranquilidade e de uma melhor perspectiva de vida. Profissões de fé marcam a existência de uma cultura imaterial presente no dia a dia da população.

Alguns anos após o declínio do distrito surgiria o povoado de Monte Horebe, que segundo a previsão do padre Ibiapina se tornaria sucessora de Santa Fé e tornar-se-ia ainda mais vinda. E assim se cumpriu. A feira tornou-se muito próspera, as casas começaram a ser construídas. Porém, Dias *et al* (2011), conta-nos que, por volta de 1926 o bando de Lampião saqueou o povoado, aterrorizando os feirantes e os poucos moradores que lá residiam. Somente 36 anos depois da doação do terreno para a construção da capela que se tornaria povoado e posteriormente uma vila bem desenvolvida é que se conseguiu a autonomia política e administrativa do então município.

Pode-se descrever suas origens se delinear-mos na história do distrito de Santa Fé, que na atualidade pertence a zona rural de Monte Horebe.

Conforme LIMA (1977), em 1859 houve a doação de 10 mil réis de terra pelo padre Manuel Lins de Albuquerque para a construção de uma igreja destinada à Nossa Senhora da Conceição, e com isso a região começou a ser povoada. Uma nova doação de terra foi feita por Augustinho Leite de Araújo, a fim de expandir territorialmente aquela localidade, que logo prosperou. Segundo Dias *et al* (2011, p.20), em 1875 Santa Fé elevou-se a categoria de Distrito, conforme os documentos do arquivo do cartório público de Bonito de Santa Fé. Economicamente o então distrito tornou-se próspero,

¹ LIMA, LAURO. O cavalo de piripiri. Roteiro pelo Nordeste. Recife, 1977. P.155.

comercializando especiarias, tecidos e produtos importantes na época advindos de outros Estados, como Ceará, Rio Grande do Norte e cidades das proximidades. Logo o distrito ganhou destaque em comparação a outros centros comerciais de sua proporção, atraindo feirantes e famílias ricas, em busca não só do comércio, mas do clima agradável da região.

O clima de Bongá era tão salúífero que o português José Ferreira da Silva Guimarães, já procedente da cidade de Mossoró, a conselho do médico por estar sofrendo de uma afecção pulmonar, viera acompanhado da família habitar em Santa Fé, e o resultado é que com pouco tempo ficou curado. Com isso, o bonachão Casusa Marinheiro, como melhor ficou conhecido, se apegou a terra e procurou ampliar sua fortuna através da criação de gado em parceria com proprietários da região (LIMA, 1977 apud DIAS *et al* 2011. P, 155).

Dentre as primeiras famílias a habitar Distrito, duas se destacaram. A família Viriato e a Barbosa. Por causa dos conflitos existentes entre essas duas famílias, Santa Fé tornou-se palco de inquietação e medo. De acordo com Dias *et al* (2011, p.22), tornou-se comum que a feira livre em Santa Fé se encerrasse com o tilintar de armas de fogo. O assassinato de um comerciante tornou-se conhecido em toda a região amedrontando e afugentando moradores da região e redondezas. Porém, o fato que culminou com a desestruturação do Distrito está relacionado a um leilão promovido pelo padre José Tomás de Albuquerque, pároco da freguesia. O padre arrematou o primeiro objeto do leilão, e por não obter nenhum lance no restante dos objetos, ofereceu-os a um comerciante por um preço baixo de 2 mil réis. Irritado com a situação o padre deixou o Distrito no amanhecer do dia, sem avisar que não iria celebrar a missa conforme estava programado. Manuel Ferreira encontrou o padre no meio da estrada, ofereceu o cavalo para que o reverendo chegasse em Cajazeiras e rumou à Santa Fé para tratar do ocorrido. Esse fato desencadeou conflitos entre aqueles que aguardavam a missa. Tais conflitos preocuparam o governador da província. O padre José Tomás de Albuquerque amaldiçoou a localidade até a quinta geração.

A origem de Monte Horebe é facilmente ligada a profecia do frei Ibiapina em 1880, em uma visita à Santa Fé, proferiu que: “Está realmente castigada, mas ainda será terra de promessa para os vindouros” (DIAS *et al* 2011, p.24).

Monte Horebe recebeu esse nome pelo padre Manuel Otaviano, fazendo alusão ao monte da passagem bíblica, onde Moisés se encontrou com Deus. Essa alusão acontecera no dia 10 de outubro de 1925, dia em que foi celebrada uma missa, e lavrada a escritura de doação de um terreno doado por Joaquim de Sousa para a construção de uma capela destinada a São Francisco de Assis. A partir daí iniciou-se a construção de

casas por Venâncio Dias. O povoado tornou-se sucessor de Santa Fé. Pois devido as brigas existentes entre os comerciantes de Mauriti, CE e de Bonito de Santa Fé na feira do fronteiroço, surgiu a necessidade de estabelecerem uma feira em alguma parte da Paraíba. A localidade escolhida foi o povoado de Monte Horebe, que se tornou próspera.

Em 1926 um bando de cangaceiros invadiu a localidade causando temor nos habitantes. Como o enfrentamento entre os cangaceiros e a polícia era comum, Venâncio Dias que na época era chefe da polícia local foi ameaçado de morte e teve sua casa incendiada, perdendo 60 sacos de farinha. A solução mais comum adotada pela população saqueada para fugir dos cangaceiros era esconder-se na mata, juntamente com os pertences mais valiosos. Uma vez que as moças bonitas e jovens da cidade eram ameaçadas de serem “carregadas”. O que agravou ainda mais a fúria dos cangaceiros, segundo Dias *et al* (2011, p.27), foi o fato de que no sítio Belém, haviam matado nas localidades de Conceição, PB um cangaceiro conhecido como *Casa velha* e com isso os saques na região foram intensificados. Devido essa série de acontecimentos, brigas, desavenças e saques, o povoado de Santa Fé foi desestruturado e teve reestruturação em 1932, passando a pertencer como Distrito a Bonito de Santa fé. Monte Horebe surgiu, portanto como uma sucessora das relações comerciais e povoação da destituída Santa fé.

Sua nova povoação ocorreu de forma gradual. A vila de Monte Horebe se expandiu e desenvolveu um comércio considerável. Alguns serviços e construções se ligam a esse desenvolvimento, a exemplo do cemitério, cartório de registro civil, correios, e a igreja. “Por esse motivo muitos cidadãos daquela localidade começaram a manifestar seu desejo de lutar por sua independência. Entre eles destacou-se: Lauro Dias de Oliveira, apoiado por Miguel José de Araújo, Miguel Monteiro, Santino Monteiro, Cícero Lôla, João Pereira de Sousa, Ivo Saraiva de Moura, entre outros” (Dias *et al*, 2011).

No ano de 1961 um dos candidatos ao governo da Paraíba era Pedro Moreno Gondim. Lauro Dias, engajado na política local, fez um acordo com o então candidato a governador da Paraíba, que exigiu mil votos em troca de elevar Monte Horebe a condição de cidade. Após a eleição Pedro Gondim consentiu o aval de um projeto para a emancipação política da vila. A autonomia administrativa do município foi conferida no dia 05 de dezembro de 1961. Tal fato contrariou as autoridades de Bonito de Santa Fé que a partir da autonomia de Monte Horebe, passaria a perder a vila. Lauro Dias governou de 05 de dezembro de 1961 até o ano seguinte como prefeito interino,

encontrando dificuldades acerca dos recursos financeiros destinados ao melhoramento do município. As primeiras eleições diretas foram realizadas em 07 de outubro de 1962, onde foi eleito Severino Gabriel de Oliveira. “Sendo também nomeado interventor do município em 7 de novembro de 1966 no governo do presidente da república Castelo Branco” (Dias *et al*, 2011, p.31).

Diante do que foi posto em questão infere-se que após a sua emancipação buscou-se efetivamente incorporar em Monte Horebe a proficiência e comodidade que uma cidade deveria oferecer a seus transeuntes, buscando uma modernização, de forma a atender as suas necessidades e desejos. Desde então iniciou-se um processo gradativo de habitações, impulsionado por seu comércio, enfatizado nas páginas seguintes, repleto de lacunas, mas com avanços significativos que estreitaram a relação que já existiam quando Monte Horebe era uma vila pertencente a Bonito de Santa Fé.

Cada cidade possui uma história, características individuais que a diferem das demais. Possuem diversas paisagens. É nesse sentido que a cidade de Monte Horebe vai ser posta em questão; como um espaço social construído e problematizado pelos homens políticos, por seus habitantes. Podendo oferecer inúmeras paisagens, dependendo do olhar do sujeito, daquele que a observa. É a cidade dos homens, contendo inúmeros significados, sonhos, lutas por poder, por liderança, por melhorias.

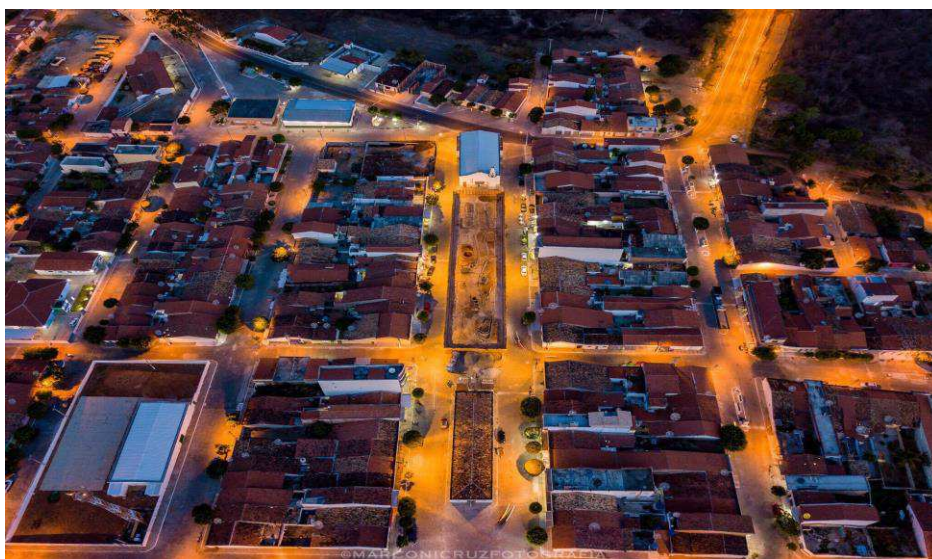
CAPÍTULO II

IMAGENS DA CIDADE: RETRATANDO O ESPAÇO URBANO DE MONTE HOREBE EM 1960

“Toda cidade é uma lenda, tendas de ferro e cristal
ruas de luz e de penas, cenas de fogo e jornal”.

-Zé Ramalho

Figura 1: Foto Aérea Do Centro Da Cidade De Monte Horebe.



Fonte: Marconi Cruz, Novembro De 2017

“A CIDADE” VISTA SOBRE A TELA

Em qual ambiente a cidade de Monte Horebe está envolta? Qual a sua paisagem? Como esse espaço físico foi construído? É possível descrever esse cenário da coletividade urbana através da narrativa de cada cena vista pelo olhar do sujeito, daquele que observa cada detalhe e faz dela seu espaço de pertencimento, admiração ou questionamentos. O historiador deve sempre estar atento aos múltiplos olhares individuais que pairam sob ela. Pois o habitante é o sujeito histórico que atua sobre ela. São suas impressões individuais e narradas que formam as histórias acerca da urbanização coletiva de uma região.

Se olhada panoramicamente a cidade é um conjunto de traçados geométricos, planejados, com curvas e ruas estratégicas que convergem para um centro de onde emana o maior controle e variedade de toda a produção, justamente como podemos ver

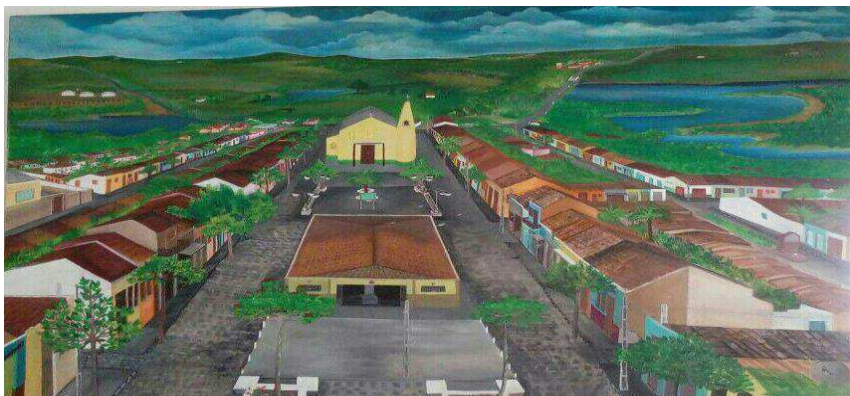
na figura 01 a qual remete-se a uma vista aérea das avenidas centrais e bairros próximos, semelhante à figura seguinte, onde as ruas se interceptam para melhorar a circulação de pessoas e mercadorias de forma a estabelecer acessos rápidos e diversos.

A cartografia noturna é ambígua ao passo que comporta o lugar de euforia das festas, da visão ofuscada pelas luzes do moderno e desejo do progresso, comporta também o lugar de descanso, silêncio e moradia.

A tela a seguir pintada na figura 02 também mostra as ruas centrais de Monte Horebe como espaço aparentemente planejado, bem arborizado, envolta por serras e matas.

Na tela percebe-se também que a maioria das casas obedece a um padrão simples de construção, porém já se nota o desuso pelas construções de taipas. A igreja ao fundo possuindo um sino e um alto-falante no alto da única torre, portas laterais e uma central cuja vista contempla a praça, mais à frente o mercado público, lugar das feiras, seguido pelo “quadrinho”, espaço quadricular tradicionalmente usado para festas dançantes, abertas ao público gratuitamente e a prefeitura, provavelmente de onde esta tela foi pintada. Ao fundo a PB 400, do lado esquerdo direciona-se a São José de Piranhas e do lado direito a Bonito de Santa fé e vale do Piancó, encontrando-se com a avenida presidente João Pessoa. Localizemos também a Praça Padre Cícero na segunda rua do lado direito e superior da tela, a João Agripino. E por fim o clube e quadra de esportes na esquina da segunda rua do lado superior e esquerdo da tela, a Joaquim de Sousa.

Figura 02: Centro Da Cidade De Monte Horebe



Fonte: Arquivo Pessoal De Lauro Dias. Tela Simples

Figura 03: Avenida Central, 1970



Fonte: Tela Simples. Arquivo Da Prefeitura De Monte Horebe.

Descritivamente a imagem pintada na tela, por volta de 1970, dá ênfase a uma racionalidade de traçados. O conjunto de casas erguidas em um parâmetro retilíneo, regular, destacando a existência de uma praça construída em dois planos, separadas por duas pequenas escadarias. As ruas são largas e permite a passagem do vento, se adequando ainda mais ao clima frio da região. É possível ter uma noção do espaço físico moderno, com traçados planejados, comum à temporalidade de sua formação. A igreja localizada na praça, cujas festividades atraem a grande maioria de fiéis da cidade dá ênfase à força da tradição, dos costumes, do sagrado. De acordo com o 1º livro de Tombo da paróquia São Francisco de Assis, sua instalação ocorreu em 26 de maio de 1963 com uma grande solenidade onde rumaram em procissão canônica pelas ruas centrais ao som de 21 tiros de repiques festivos e em seguida os fiéis participaram da missa de posse do Pe. Francisco Tavares Linhares. Muito embora a posse tenha se dado no dia 26 de maio, cabe salientar que desde 15 de janeiro do mesmo ano o Bispo Dom Zacarias de Moura através de um decreto episcopal teria desvinculando a comunidade de Monte Horebe dos serviços pastorais da paróquia Santo Antônio em Bonito de Santa Fé.

Ao lançarmos um olhar para esta paisagem detectamos um casario contíguo, reminiscência de nossa tradição colonial, onde as casas eram dispostas lado a lado, por questões de defesa militar. As fachadas são padronizadas com uma porta e duas janelas, acrescido de um telhado em dois planos, muito próprio da arquitetura barroca. Com uma

largura menor do que o comprimento estas residências abrigavam uma sala, seguida de um corredor, com acesso a dois ou três quartos e a uma cozinha. É muito comum também encontrarmos comunicação dos dormitórios por meio de portas ou, por vezes, separados por cortinas. Segue à cozinha um espaço aberto – o quintal – que por vezes, assenta o banheiro da casa.

As ruas obedecem a um traçado regular, formando ângulos axiais (de noventa graus) e dispendo a organização do casario em quadrículas de (tantos metros de frente por tanto de profundidade). Na parte central a cidade de Monte Horebe recebe a centralidade da Praça Venâncio Dias, lugar de sociabilidade, acolhedora das manifestações religiosas, paroquiais, escolares e das vivências rotineiras dos habitantes, em suas conversas, namoros, encontros, diversões, comemorações.

O arvoredado também embeleza e cadencia o ritmo do transeunte. Em horas de maior intensidade solar elas os abrigam e os aconchegam em sua sombra. Todavia, por ser uma cidade serrana a temperatura não é alta, se comparada às cidades vizinhas São José de Piranhas, Bonito de Santa Fé, Mauriti.

Se estudada através de suas coordenadas e técnicas do plano urbanístico o historiador explica a estrutura urbana através dos traçados geométricos minuciosamente planejados e voltados para uma utilidade. Entendemos que a cidade partilha dessa realidade física. Porém a mesma é muito mais do que se pode ver fisicamente, em seu conjunto de casas, ruas e demais edifícios. É também mais do que o colorido expresso na tela; é mais do que a objetividade do acesso rápido a todas as suas vias urbanas.

Partilhando de outros olhares teóricos sobre a cidade como MATOS (1994), diremos que a mesma ultrapassa a definição de um mero território físico. Aqui diríamos que tudo se constrói com o tempo e é nele que estão retidas as histórias contadas acerca da cidade. É preciso considerar os elementos sociais de quem as relatam, é evidente. O espaço fundamenta a cidade. Mas as mudanças ocorrem ao decorrer do tempo. Temos mais que um mapa físico, mais que um desenho cartesiano a ser estudado e explicado. Temos um mapa invisível repleto de nomes, de memórias, de vidas. Temos uma cidade de homens que se conflitam entre si e com o outro. Uma heterogeneidade de significados que somente serão conhecidos se mergulharmos no mundo cultural, social daqueles atores e se permitirmos nos perder nos labirintos da memória para então nos envolver em significados. Seguindo por essa linha de pesquisa a cidade abre um leque de questões a nós historiadores, se tornando também um campo de disputa da memória.

Ao olharmos para a tela pintada na figura 03 vemos claramente as ruas, as casas postas lado a lado, como já foi mencionado. Mas indo além das suas informações visuais podemos abstrair, a partir dela, um dia recém raiado e os atores que transitam naquele espaço urbano. Muitas vezes surge a figura do comerciante já aprontando seus quiosques de frutas, verduras e artigos de usos. Surge a figura da professora, do padre, do padeiro, da mulher, mãe, dona de casa, da costureira, das crianças se aprontando para ir às escolas. E a figura do agricultor que dentro de uma daquelas casas coloridas e cheia de vida se prepara para mais uma jornada de trabalho árduo em busca do sustento de sua família.

Percebe-se também que a paisagem urbana por mais progressista que seja nessa cidade ela está mergulhada em uma paisagem rural. Afinal, as pequenas e médias cidades mantêm uma relação diária e contínua com o campo. Pois na maioria das vezes a subsistência das pessoas provém de atividades de plantio e colheita nas roças. Há aqueles que moram nos sítios e vendem seus produtos na feira da cidade, mas há também aqueles que moram no perímetro urbano e por isso deslocam-se todos os dias até o campo. É uma paisagem física moderna atrelada a mentalidades tradicionais que se relacionam. Sendo a cultura produtora da sociedade, ao mesmo passo que o homem torna se produto do meio em que está inserido.

Em uma cidade há vários ambientes. O ambiente é, portanto, algo exterior ao homem, como um envolto que pode sim ser condicionante de suas atitudes. O homem é um ambiente em relação ao outro. E conviver nesse espaço causa certa estranheza também. Ao mesmo tempo em que determina um crescimento individual. Sendo lugar de progresso, ela é palco de condecorações e de marginalidade, exclusões e inclusões. Ela é o lugar da conversa, da troca, do encontro.

A cidade é o lugar da praça e do encontro. É espaço inventado pelo homem, para a conversa, para o diálogo. Neles, os homens se encontram e se reconhecem. Contraditoriamente, entretanto, é no lugar do encontro, do diálogo, da criação de identidades que se desenvolve o espaço do estranhamento. A cidade é, também, portanto, o lugar da alteridade: onde se é o outro, onde o estranhamento evidencia a condição daquele que não se reconhece no objeto que cria. (HISSA, p.89)

Figura 04: Praça Venâncio Dias



Fonte: Acervo Pessoal. Dezembro De 2016

A Urbe de Monte Horebe é também lugar da diversão, das rodas de conversas nas calçadas ou até mesmo na praça, ponto comum de sociabilidade; Das músicas cantadas, acompanhadas por uma viola ou embaladas no ritmo da sanfona; Da vida fatigada e sofrida que por hora dava lugar à poesia, servindo de enredo. E das estórias passadas de pai para filho, algumas assustam as gerações até os tempos atuais. Outras eram consolo e enchia o coração do sertanejo de esperança, tendo em vista a chegada das chuvas e as colheitas produtivas em um solo tão castigado pelas secas.

As cidades centralizam a posse de funções administrativas, políticas e de privilégios. Tornou-se centro da diversidade, lugar do sagrado, como já foi mencionado, e também do profano, das festas de 31 de maio ou festa do preto e branco, as festas de junho, as rodas de fogueteiro que, em meados de 1970 concentrava a população urbana e rural na praça e no clube da cidade.

A figura 04 mostra algumas construções de casas, o esquadramento das ruas principais, além da paisagem verde ao redor. Logo a luz dos candeeiros e dos lampiões em casas mais abastadas deram lugar a energia elétrica fornecida pela SAELPA (Sociedade Anônima de Eletrificação da Paraíba) a partir de 1967, de acordo com o livro de Atas de reuniões da câmara municipal da cidade de Monte Horebe, na década de 60. Logo os olhos d'águas cederam espaço para as construções, foram substituídos pela água do açude de abastecimento da cidade e posteriormente o trabalho manual e animal de carregamento de água foram substituídos pela encanação de água nas casas.

Assim como as estradas foram sendo abertas havendo meio de locomoção da zona urbana até a rural e abrangendo outras localidades também. Era o possível progresso advindo da urbanização.

Esta urbanização torna a cidade um o objeto de estudo do historiador. Porém esse é um assunto debatido de forma transdisciplinar. Isso porque a Constituição do urbano é pensada por Arquitetos, Engenheiros, por filósofos, sociólogos, economistas, técnicos, sanitaristas, geógrafos, antropólogos, cidadãos e políticos, pelo Estado, o qual tem a função de democratizar a gestão e o acesso à cidade que é um bem coletivo. E as pessoas pertencentes aqueles espaços precisam estar informadas e participarem das exposições e transformações ocorridas. Em outras palavras deve haver uma inter-relação entre o estado e a sociedade na tomada de decisões. Em virtude disso há a criação do estatuto da cidade e políticas urbanas, norteadas pela Constituição de 1988.

É a partir das discussões, planejamentos e gestão do bem público que Monte Horebe é posta em evidência. Como já foi mencionada, em 1961 essa cidade ganha sua independência através de acordos políticos e começa a repensar sua estrutura, mas não mais como povoado.

Se nos posicionarmos diante da cidade estudada munidos de informações sobre ela poderemos andar pelas ruas da memória e lembrar as transformações que o espaço físico sofreu e passam despercebidas aos olhos de grande parte dos transeuntes.

No entanto, devemos nos colocarmos de forma especulativa, curiosa, reflexiva e veremos que esse urbano é dinamicamente modificado pelo tempo, ou melhor, pelos homens ao decorrer do tempo. De forma que a cidade de 40 anos atrás existe, mas já não é a mesma por consequência dessa dinâmica em sua sociedade. Quando o tempo muda, a sociedade muda e exprime essas mudanças naquilo que é palpável, entretanto a representa subjetivamente e se une a ela de forma identitária.

Dessa maneira a Cidade de Monte Horebe nas décadas de 1960 e 1970 já não existe mais concretamente em seus ritmos, mas está impressa nas fotografias, nas gravuras, na memória daqueles que a vivenciaram de forma direta, no dia a dia, nas diversões, nas labutas, nas reuniões, na vida; E daqueles que indiretamente ou inconscientemente a vivenciaram no decorrer de experiências rápidas e repasse de histórias comumente contadas pelos pais, tios ou pessoas mais velhas no sereno das calçadas quando o sol já havia se posto.

É preciso ir a fundo e descortinar especulativamente esse “universo” que são as nossas cidades. Corroborando com BRESCIANI (1991), podemos identificar

permanências e rupturas no urbano, adentrando a ele por meio de portas e passagens, ou até mesmo galerias como nos faz refletir Walter Benjamin.

A cidade em si também é o lugar onde as histórias e os habitantes se cruzam, se encontram e produzem um sujeito que é histórico, transformador, ativo e participante, seja qual for o seu ofício. Isso porque o habitante se relaciona com o ambiente em que vive. Dessa forma a escrita sobre a cidade se reinventa, recorre outras direções, se remonta se inova, se encaixa em novas narrativas e não visa uma finitude. Mas sim uma nova problemática.

O espaço público comporta o privado, as individualidades, mas direciona a vida pública. Nela há o combate aos problemas inerentes a todos, aos desafios e a adoção das medidas que desencadeiam o crescimento e melhoria da urbe.

Toda cidade possui sua própria paisagem, clima, características, símbolos, se diferenciando das demais. Muito embora arquitetura dê forma, a arte, o significado é dado pelo habitante. Afinal, a arquitetura dela deve agir como um sistema orgânico capaz de preencher as lacunas causadas pela necessidade de dar vida às funções vitais da cidade.

Sendo assim, o humano é instigado por aquilo que o cerca, logo inventar a cidade significa também inventar esse humano. Por outro lado, corroborando com FEBVRE (2001), a cidade não existe sem a latente vida urbana.

O espaço físico humano é problematizado por seus habitantes e o resultado é posto em prática nas estruturas físicas que podem estabelecer uma relação ou retórica ao passe que forma novos hábitos ou modifica os antigos hábitos de sua sociedade.

O habitante está na cidade, mas mesmo que por algum motivo se ausente dela, a sua forma de organização e vivências experienciadas imprimirá nele uma memória, um dado posicionamento que orienta em partes o seu comportamento.

Sendo assim a cidade é a obra da razão e desejos de coletivos. Todavia, há sempre uma conexão entre o tempo, o espaço, diferentes para cada pessoa. Pois o habitante se apropria desses espaços, criando experiências notoriamente variadas.

Mais que um conjunto de ruas que convergem, se encontra ou mantém um paralelo, de vidas, de pessoas seguindo o frenetismo do dia a dia, de forma a quase serem confundidos com máquinas.

É comum nas grandes metrópoles se vivenciar a pressa em apreender o mundo, em ter utilidade, em correr contra o tempo remando a um destino comandado pelo relógio, pela praticidade.

A multidão nos grandes centros se forma, mas não se toca, se olha, mas não se enxerga e vive assombrada pelo medo de suas individualidades não serem notadamente boas e ter o reconhecimento almejado. É amedrontada pela possibilidade de perder a vida que se ganha, mas que gradativamente se está perdendo ao passar das horas. Como dizia Zygmunt Bauman (2007), estamos todos em uma solidão e em uma multidão ao mesmo tempo. O medo e a solidão caracterizam a sociedade-líquido moderna. A modernidade e a praticidade deram lugar à liquidez das relações e ao medo de se estabelecer ou assumir vínculos duradouros, ao medo da gentileza de desconhecidos, da escuridão das esquinas.

Diferente e oposta aos grandes centros, referências de arquétipos urbanos, como Paris e Londres no século XIX, Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador e Brasília no século XXI, as cidades pequenas e interioranas carregam consigo o reconhecimento, a segurança e comodismo que é viver em comunidade “familiar”, onde todos supostamente se reconhecem, se cumprimentam e sabem de algo sobre o outro.

Como já foi mencionado cada cidade possui sua especificidade historicamente construída e, portanto, sua diferenciação das arquiteturas e dinâmicas de arquétipos consagrados e tidos como modelos urbanos não as fazem menos cidade. Pelo contrário, desperta a curiosidade por se entender as múltiplas faces de cada organismo urbano, semelhantes nas suas formas, habitações, política, ou antagonicos, mas nunca iguais.

O historiador a modula e a transcreve, tornando a possível de ser lida. Em outras palavras, o historiador estuda a cidade, nos seus mais diversos aspectos e escreve sobre os resultados dessa especulação.

No dia 28 de dezembro de 1961, anos antes do caos que seria o regime ditatorial no Brasil, é aprovada a Lei da criação do município de Monte Horebe, se elevando da categoria de Distrito pertencente aos domínios jurídicos, territoriais e políticos de Bonito de Sana Fé. Mas não deixando de ir pertencer a comarca.

Na cerimônia solene de instalação do município, estavam presentes autoridades como secretário do governo Walmir Lima dos Santos, representando o governador da época Pedro Gondim. O Deputado Wilson Braga, autoridades do Legislativo local, militares e civis e o padre Francisco Linhares.

A lei de instalação é numerada da seguinte maneira: lei número 2. 608 /05/12/61, publicado no diário oficial em 07/12/1961. Até o ano de 1962 o município foi administrado interinamente. E somente em 04 de novembro de 1962 ocorre a primeira

reunião do Legislativo municipal a fim de se constituir a mesa e empossar os candidatos eleitos a prefeito e vice-prefeito. Como é descrito no primeiro livro de atas de 1961.

O ato constitui a mesa constituída como ficou escrito, deu posse aos candidatos eleitos para os cargos de prefeito e vice-prefeito, cidadãos, Severino Gabriel Vieira e Ivo Saraiva de Moura, respectivamente, segundo o resultado das eleições municipais ocorridos no dia 7 de outubro deste ano. (P.03)

É a partir de sua emancipação que o município é pensado enquanto cidade que precisa desenvolver suas próprias funções utilitárias, muito embora para os seus habitantes já se tivesse esse sentimento de estarem inseridos nas atividades urbanas, com a diferença de que todas as funções administrativas e religiosas contidas nela estavam vinculadas legalmente a cidade de Bonito de Santa Fé.

De acordo com o primeiro livro de atas de 1961, em 10 de dezembro de 1961, encaminhada uma nova proposta orçamentária prevista para o exercício financeiro de 1963 e com ela uma ementa criando no município o Departamento de Estradas de Rodagem (D.E.R), submetido à votação e aprovado por unanimidade de votos, visto que, isso traria benefícios essenciais para o bom funcionamento da recém emancipada Monte Horebe e daqueles que ali residiam. Ainda em 1963 foi apresentado um projeto de lei criando a Estrada carroçável Municipal que ligasse Monte Horebe ao município do Barro, no Estado do Ceará, visando ampliar e melhorar a sua comunicação os municípios circunvizinhos.

Bem como foi criado uma verba no valor de C\$ 300.000, 00 para a conservação da estrada carroçável que liga a Monte Horebe e ao povoado de Santa Fé, hoje distrito do município, "célula" da criação horebense, como é colocada muitas vezes no discurso do legislativo municipal.

Uma vez que em decorrência do declínio de Santa Fé é povoado o território do referente município como uma forma estratégica de continuação do comércio que se tinha em Santa Fé e era muito expressivo, alocando ou facilitando a participação de comerciantes advindos das regiões vizinhas e também servindo de localidade de fuga que acolhia as pessoas residentes em Santa Fé, cansadas dos sucessivos confrontos e mortes lá existentes, o que intensificava o medo e o terror no distrito, causando esse tipo de êxodo.

Outro ponto curioso, já citado acima é que supostamente Santa Fé teria acabado em decorrência de uma profecia ou maldição. Logo no imaginário popular Monte Horebe surgiu prosperamente em resposta a essa profecia e como substituta.

O município recém-emancipado no decorrer dos anos 60 já ia administrativamente se organizando no espaço.

Em seguida o vereador Bonifácio Saraiva de Moura apresentou um projeto autorizando o Senhor Prefeito Municipal a construir uma praça nesta cidade no local que se destaca entre a igreja e o mercado público, tempo em seguida acrescentando que a referida Praça teria a denominação de Venâncio Dias do Nascimento. (1º livro de Ata, 1963).

Com base no discurso proferido no documento acima pode-se dizer que a construção e existência das praças é significativamente uma característica urbana. Visto que, logo após a construção de uma igreja na cidade se construir o que se denominaria praça da matriz. É mais do que um monumento estético ela dá significação e muda os hábitos dos cidadãos. Isso porque na cidade a praça representa um dos principais espaços de sociabilidade e encontro.

A primeira praça construída em Monte Horebe seguia a seguinte configuração: Era plana, em piso retilíneo, feito com cimento, bancos também de cimentos e soltos. Havia plantações de árvores de groselhas que rendiam sombras, onde as pessoas se reuniam, comiam groselhas, conversavam sobre os acontecidos, como podemos ver nas figuras seguintes.

Severino Gabriel começou a construção da praça. Uma pracinha rasteira muito bonita por sinal, bancos soltos feitos de cimento. Esses bancos alguns vereadores colocaram uma placa, teve umas doações e alguns vereadores que queriam o banco com seu nome doava. E na década de 70 já que foi no tempo de seu Lourival ele reformou a praça sem tirar a estética e colocou bancos de encosta que, era tipo sofá. Mas não mexeu na plantação, na arborização que, era groselha e pampola (Entrevista com Maria Vilani, concedida em 08/11/2017)

Figura 05: 1ª Praça Venâncio Dias- ampliada



Fonte: Acervo pessoal de Lourival Dias, década de 60.

Figura 06: 1ª Praça Venâncio Dias



Fonte: Retirada do Livro O Cavalo de Piripiri, 1977.

Antes da construção da praça Venâncio Dias, existiu um cruzeiro de madeira fixado em frente da igreja matriz, o qual, segundo a lembrança de Maria Vilani, servia como para raio e ponto de passeio e conversas.

Era um cruzeiro, era uma armação feita com madeira, lá na cabecinha da madeira tinha um galo e nele tinha uma, uma proteção de não cair raios, era um para raio e era feito um cruzeiro em volta de degraus onde o povo passeava, se sentava pra bater papo. Não tinha praça nesse tempo, só esse cruzeiro onde as pessoas se sentavam nos degraus. Tinha pé de figo. Tinha um pé de figo que era ali onde hoje é o prédio de Jairo. Uma das primeiras plantas. Na esquina também tinha outro. O povo se sentava nas calçadas fora os degraus desse que se chamava o cruzeiro de Monte Horebe que, hoje ele está no cemitério (Entrevista com Maria Vilani, concedida em 08/11/2017).

Seguindo a rua por trás da igreja, na avenida presidente João Pessoa, em uma das entradas da cidade há um cruzeiro simples de madeira fixado. É provável que com a construção da primeira praça da matriz e a retirada do cruzeiro houve posteriormente a tentativa de reproduzir esse monumento que por consequência do tempo e das atividades religiosas tenha obtido um valor simbólico por seus habitantes, todavia hoje praticamente desconhecido.

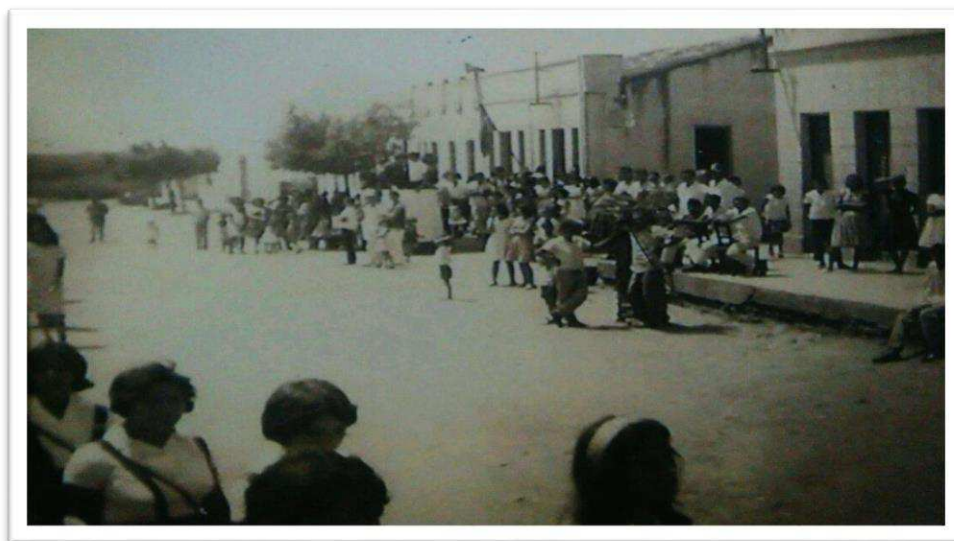
A seguir veremos algumas fotos datadas da década de 60, percebamos como se configurava o espaço retratado nelas.

Figura 07: 1º desfile cívico, vista frontal.



Fonte: Acervo pessoal de Vilani Pereira. Década de 60.

Figura 08: Primeiro desfile cívico, vista lateral.



Fonte: Acervo pessoal de Vilani Pereira. Década de 60.

Observemos que as fotografias foram tiradas todas no mesmo dia retratando o primeiro desfile cívico ocorrido na cidade de Monte Horebe na década de 60, nos permitindo visualizar o mesmo evento e espaço sob mais de um ângulo. Note também que as ruas ainda não eram pavimentadas, havia poucas casas construídas, a prefeitura

não possuía um prédio próprio, funcionando em uma casa, seguida da rádio da cidade. Nos atentemos para o alto-falante fixo na parte superior- demais casas.

Na fotografia 09 percebemos o palanque montado em frente a antiga prefeitura e todos os presentes observando o desfile passar. Percebamos a admiração e atenção com a qual as pessoas aparentam observar o desfile e os dois músicos na frente do pelotão. Logo ainda não existia uma banda marcial. Na fotografia 10 o pelotão de alunas enfileiradas, a professora ao lado, mantendo a disciplina da turma e o primeiro soldado do município Cabo Pereira fazendo a segurança do evento. Na fotografia 11 notamos o patriotismo, típico da época representado na bandeira do país, ao fundo se voltarmos atentamente o nosso olhar veremos construções de casas de taipa, feita com madeira e barro. As penúltimas duas fotografias, 10 e 11 foram tiradas na rua Pedro Gondim, acima do atual prédio da prefeitura, onde atualmente funciona a secretaria de educação. O que nos remete pensar que ainda não havia um esquadramento planejado para as ruas e construções que demarcassem isso.

A fotografia 12, porém nos mostra o antigo modelo de taipa direita e o novo feito de alvenaria, preferivelmente o lugar de posar para as fotografias. A mudança nas construções das casas de taipa para alvenaria começou do centro para os demais bairros, por esse motivo a maioria das fotografias remetem ao centro da cidade. Segundo a depoente Maria Vilani em meados de 1960 já existia um pequeno desenvolvimento do comércio, das casas, a configuração do centro da cidade se dava da seguinte maneira:

[...] a primeira casa que foi construída lá na esquina (onde mora Lourdes Ferreira), naquele prédio que hoje é de Lindete foi a primeira padaria e era do senhor Joaquim Dantas. Onde é Ana & Jairo, Expedito, por ali, era um comércio de tecido, uma loja de tecido de Cesário Pereira de Sousa, por sinal meu tio. Depois vinha as falhas de casa e já vinha para a da esquina de Dona Santana, conhecida como a primeira mulher com o ponto de venda de lanche, de cafezinho, de doce. (Entrevista concedida por Maria Vilani em 08 de novembro de 2017)

Ainda seguindo a lembrança de Maria Vilani acerca da distribuição das casas nas avenidas centrais da cidade:

Passando-se o bequinho aí vinha a casa da primeira professora Francisca Gondim. Aí tinha outras falhas, a casa que hoje é de Neuza Pereira, mas que nesse tempo era do pessoal de tio Venâncio, primeiro... praticamente o fundador de Monte Horebe. Do lado que estou te falando, já do outro lado, a direita da igreja de quem entra tinha pouquíssimas casas. Começava ali casinhas de Taipa, onde hoje é Dezinha. Vizinho a Dezinha tinha mais uma padaria de Joca Dias, aí vinha as falhas. Eu não me recordo tudo. A casa de seu Lourival no tempo da emancipação já era construída, as duas casas de seu Lourival, essa padaria de Joca, a de expedito eu não lembro. Foi construída eu ainda morava no sítio e esquina que hoje é do pessoal de

Vilma era um salão de festa do senhor Clóvis Cavalcante. Aí vinha as falhas novamente que dava de encontro com casas bem falhadas no centro, Mas tinha na esquina que hoje é a praça, como estou le dizendo, tinha o primeiro açougue do senhor José Ferreira Cavalcante. (Entrevista concedida por Maria Vilani em 08 de novembro de 2017).

A partir da rememoração acima observamos que apesar das falhas nas construções a urbe já começava a comportar estabelecimentos que alimentariam a cidade e seus sítios, evitando que seus habitantes se deslocassem com maior frequência as cidades vizinhas a fim de comprar pão, carne e outros gêneros alimentícios necessários e já produzidos na localidade.

Figura 09: Palanque em frente ao prédio da antiga prefeitura



Fonte: Acervo pessoal de Lourival Dias, década de 60.

Figura 10: Pelotão De Alunas Enfileiradas, Professora E O Cabo Pereira



Fonte: Acervo pessoal de Vilani Pereira, década de 60.

Figura 11: Alunas com a bandeira do Brasil e casas de taipas ao fundo



Fonte: Acervo pessoal de Vilani Pereira, década de 60.

Figura 12: Habitantes pousando para foto na rua Pedro Gondim



Fonte: Acervo pessoal de Vilani Pereira, década de 60.

Figura 13: Festinha do dia das crianças ao lado do mercado público



Fonte: Acervo pessoal de Lourival Dias, década de 70.

Figura 14: Fotografia De Homens Em Dia Festivo Com Seus Animais



Fonte: Acervo pessoal de Vilani Pereira.

As fotografias 13 e 14 remontam acontecimentos festivos distintos na cidade de Monte Horebe, observemos que na fotografia 13 uma caminhonete repleta de crianças e tocadores celebram o dia das crianças. Os adultos no chão observam e participam do momento. Na imagem 14, porém chamamos a atenção para as vestimentas dos homens na foto. Possivelmente são pessoas de maiores posses, pois estão muito bem trajados. Todavia, as pessoas vestiam suas melhores roupas para participar de missas festivas, como a missa do dia 31 de maio, coroação da imagem de Nossa Senhora. Na década de 60 a maioria das pessoas vinham dos sítios para a zona urbana montadas em seus burros, cavalos, jumentos ou até mesmo a pé, trocando apenas de sandálias e dobrando a barra das roupas evitando que a sujasse no percurso até a igreja. Comumente durante o ano inteiro mandava-se fazer apenas uma roupa usada nos dias festivos. As mulheres aprendiam a costurar desde adolescência para ajudar nas suas despesas pessoais. Somente os mais apossados possuíam mais roupas e se observarmos bem as duas fotografias expostas acima perceberemos esse contraste de classes nas vestimentas.

Podemos abstrair que ao término dos anos 60 a vida urbana de Monte Horebe ainda se mesclava com a ruralidade de seus sítios. O ambiente físico urbano estava se configurando aos poucos, não havendo muitas construções, tampouco edifícios. As ruas estavam sendo pavimentadas de maneira gradativa, sendo votados projetos

políticos que demonstravam pelo poder público uma preocupação em torna-la tão útil economicamente e culturalmente quanto São José de Piranhas, por exemplo.

As imagens da cidade, especificadas em cada fotografia apresentada, atreladas ao discurso de seus habitantes, apresentaram, portanto, um tecido urbano em desenvolvimento, se expandindo e adaptando a uma nova noção do que seria viver urbanamente. Atreladas aos relatos orais as fotografias dão conta da mudança na estrutura física, bem como da forma que o habitante usufruía dela. É notável que no início da sua emancipação havia poucas casas, sendo que os terrenos centrais foram ocupados por aqueles mais ricos. Ao término dos anos 60 esse tecido urbano passava a tomar uma forma mais acentuada, havendo ainda poucos prédios próprios para fins institucionais, um cemitério, uma igreja, um cartório, algumas “budegas”², a feira livre, um antigo correio em funcionamento em uma casa de alvenaria comum, diferente dos estabelecimentos comerciais de hoje, poucos *jeep's* transitando nas suas localidades, tendo maior predominância de animais com cargas e pessoas. Consideramos que essa década foi marcada pela idealização da cidade em suas funções e legalidade.

Apenas a partir dos anos 70 ela efetivamente passa a ter um desenvolvimento mais acentuado com feiras mais expressivas e um maior fluxo de pessoas transitando em suas vias públicas, assim como escolas de ensino primário no início do seu funcionamento, tanto no perímetro urbano quanto na zona rural, objetivando impulsionar o sonho de liberdade, progresso, civilização e modernização postos por seus habitantes, discutidos nas sessões da câmara e descritos nas Atas.

² Pequeno estabelecimento comercial do interior.

CAPÍTULO III

HISTÓRIAS CONTADAS: OS DISCURSOS SOBRE A CIDADE DE MONTE HOREBE

MERGULHO NO PASSADO

A lembrança me testa vez enquanto para saber se eu sou forte de verdade, para saber se eu aguento uma saudade ou saber se eu estou no meu comando. Mas confesso a lembrança que eu não ando sem estar consciente e prevenida. Levo sempre no bolso desta vida uma gota de choro bem guardada e se a saudade vier volta aguada que eu não sou de enxugar a dor caída.

Certa vez a lembrança fez lembrar do sabor da infância doce e pura e eu me vi remontando a travessura de voltar pro passado e lá ficar. Vi mãe preta sentada a bocejar, às seis horas da noite o céu escuro, era hora do sol tá maduro e se a lua subisse ele caía e ali mesmo sentada ela dormia. Como é bom, mãe te olhar do meu futuro.

Vi vovô caminhando pro roçado com seu terno e chapéu a moda mato e as passadas tão mansas do mulato acusava o seu corpo já cansado. Boi carrero com o nome de azulado marcado no lombo com ferrão e vovó preparando a refeição em um fogo de lenha de angico. Vi que o passado era mais rico que o presente comprado a um milhão.

Avistei da janela da lembrança uma casa repleta de janela e ao entrar no salão vi logo a cela pendurada em um torno pela trança, mãe fazendo a Deus pai sua cobrança debruçada aos pés de um oratório e pai voltando cansado do escritório onde a terra molhada era o patrão. No passado enterrei minha visão, mas chorei ao voltar deste velório.

O umbuzeiro na porta da cozinha era para o pouso de vêm-vém e já sentia o cheiro do xerém cozinhado com caldo de galinha, no empenho da casa de farinha, mandioca nas mãos do caititu, preparava-se a massa do beijú para levar pra mesa mais fatura e o umbuzeiro pra nós era aventura para subir e ficar chupando úmbu.

A lembrança esqueceu só de um detalhe: esqueceu de lembrar de ir embora e se ela se instala a toda hora não existe uma dor que não se espalhe. É melhor então que ela se amortalhe e me traga de volta para o presente e se um dia eu quiser testar a

*mente para saber se eu aguento outra saudade eu chamo lembrança e tu me invade
para mostrar meu passado novamente.*

- *THYELLE DIAS*

CONFIGURANDO ESPAÇOS, CONSTRUINDO HÁBITOS

O mundo simbólico desse tempo histórico tem a força definidora de noções, gostos, hábitos, consumo, e as diferentes aquisições de bens culturais, concedendo sentidos aos elementos estruturadores da era moderna: a máquina, a fábrica, a velocidade, a ciência, o progresso, o tempo da produção, o espaço do capital e do consumo, o novo, o moderno (SILVA FILHO. 1999,pg. 162).

Ao pontuar os símbolos que permeavam a noção de modernidade no século XIX, o autor nos leva a refletir sobre os mitos que se formam em torno da evolução advinda da concepção sobre o que era o mundo moderno e como o mito da estabilidade social permeava atemporalmente o imaginário daqueles que gestam a cidade. Mesmo que essa concepção advenha do iluminismo e nos encontremos em um mundo comumente teorizado como pós-moderno sempre se utiliza referências técnicas, espaciais, culturais e científicas do que é o urbano e estar inserido nele.

Um exemplo claro dessas referências foi a Belle époque no Brasil situada até o fim da república velha. De acordo com SEVCENKO (1998) foram introduzidas no país novos padrões de consumo, impulsionados publicitariamente por uma reforma urbana baseada na *haussmanniana* ocorrida em Paris. A euforia dos “belos tempos” se consuma num espanto de energia reacionária (SEVCENKO, 1998.p37). Onde a associação a *vida moderna* denotou a criação de símbolos e valores. No entanto a Belle époque impulsionou uma racionalização da sociedade baseada em modelos de sociedades consagradas da Europa, cabendo salientar que com as reformas, remodelações e higienizações sanitárias, as populações mais pobres foram excluídas e segregadas para os extremos do perímetro urbano ou se agregando em espaços clandestinos.

Sabemos que o Rio de Janeiro foi a primeira cidade do Brasil a participar de projetos de remodelamento a luz parisiense, através de um processo conhecido também como “bota-abaixo” a fim de retirar o seu aspecto colonial, destruindo os cortiços existentes e desocupando os espaços públicos e privados que retiravam a estética das avenidas centrais do Rio, buscando transformações sociais e culturais de forma a ser atrativa a elite nacional e internacional (MARINS, 1998).

Analisemos que a cidade estruturalmente é composta por prédios públicos e particulares, além de monumentos. O público e privado se interceptam de forma que o público resguarda o direito do que é privado. E ele se submete as exigências e padrões arquitetônicos estabelecidos pelos poderes públicos. Teoricamente deve ser assim, mas sabemos que com o crescente fluxo de pessoas e do espaço reservado para as elites as favelas tornaram-se mais frequentes. No caso do Rio de Janeiro a população pobre passou por um processo excludente devido ao redesenho dessa cidade em prol das elites.

Se refletirmos a maioria das cidades, se não todas, possuem conjuntos habitacionais custeados pelos impostos arrecadados governamentalmente, demarcando assim uma espécie de segregação adotada no século XX nas reformas cariocas devido à pressão popular marginalizada. [...] No Rio e nas diversas capitais do país sofriam processos de exclusão habitacional referenciadas na experiência carioca (MARINS, 1998, p.159). Em Monte Horebe dois conjuntos habitacionais demarcam essa existência. Ambos construídos após os anos 70; o conjunto conhecido como “casas populares” e habitacional do bairro São Francisco, localizados em dois extremos do perímetro urbano. Todavia, o segundo mescla as classes ao passo que aproxima as habitações. Por essa razão afirmamos que a cidade sobrepõe camadas diversificadas das classes sociais.

O Rio passa a ditar não só novas modas e comportamentos, mas acima de tudo os sistemas de valores, o modo de vida, a sensibilidade, o estado de espírito e as disposições pulsionais que articulam a modernidade como experiência existencial e íntima. SEVCENKO, 1998, p.522)

As mudanças nessa sociedade como foi dito não ocorreu pacificamente e de forma igualitária, afetou o cotidiano e a vida social de todos, alguns de forma positiva, pois foram priorizados nesse processo e outros marginalizados. A Belle époque, portanto, exprimiu alterações nos hábitos, no falar, no vestir, na mudança de modelos usados, nos lugares frequentados para as diversões e até mesmo no embelezamento das ruas e prédios incorporados como uma forma de se assemelhar a grandiosidade cotidiana de Paris. Servindo o Rio de Janeiro de espelho e inspiração às demais localidades do Brasil, muito embora lugares como localidades como Recife, Campina Grande tenham passado por reformas urbanas. Brasília, por exemplo, planejada posteriormente adotou parâmetros mais modernizadores e inovadores.

Outro ponto a ser analisado sobre os ritmos diferentes no tempo e no espaço dos diferentes processos de modernização e urbanização remete-se ao fato de que um objeto pode ser considerado moderno em determinado lugar e ultrapassado em outro mais tecnologicamente desenvolvido. Isso porque as ferramentas do moderno estão envoltas em seu tempo e lugar definido obedecendo a uma variação temporal.

Assim, em ritmos diferentes, portanto, as cidades passaram a ser cenários incorporadores de mudanças, soluções e transformações. A exemplo das ruas pavimentadas com paralelepípedo se comparadas aquelas asfaltadas dos grandes centros serão consideradas ultrapassadas. No entanto, em qualquer cidade poderemos encontrar bairros em melhores condições que outros, claro que melhor localizados, com sistema de abastecimento de água, rede de esgoto, segurança, maiores investimentos na infraestrutura de seus prédios, ruas, na educação, no lazer e no sistema de saúde, sendo que na maioria das vezes são as ruas centrais ou que convergem para algum setor utilitário do tecido urbano que recebem as melhorias.

Um exemplo que pode nos levar a refletir sobre essa diferenciação nos ritmos citadinos é simplesmente a ausência de trens em grande parte das regiões brasileiras subsidiando os meios de transporte, mesmo sendo o país cortado por linhas ferroviárias em estado de inatividade na atualidade. Outro fator relaciona-se a precariedade das políticas públicas, visto que cada centro urbano experimentou diferentes processos de implementação do que poderia ser chamado de modernização.

Todavia na Europa os serviços de trem funcionam de forma eficaz como uma medida de redução de gastos, sustentabilidade e mobilidade. Nesse caso o trem é um símbolo de progresso e praticidade, mas na Europa. No Brasil é tido como um meio de transporte inadequado para transportar passageiros, em desuso, provavelmente em decorrência da política administrativa de valorização do automóvel americano. Poucos horebenses conhecem de fato um trem.

Corroborando com SEVCENKO (1998), tanto as tecnologias, inovações, quanto o aumento populacional no perímetro urbano passaria a evidenciar o que era moderno. Daí que em Monte Horebe em 1966 transitava um projeto de lei na sua casa legislativa requerendo um crédito especial no valor de Cr\$ 10.000.000 (dez milhões de cruzeiros) objetivando a pavimentação de ruas, a construção de grupos escolares na zona rural, pois devido a distância das escolas sedes no município atenderia a alfabetização de diversas crianças; e a construção da prefeitura municipal para tivesse seu próprio prédio a fim de melhorar o cumprimento de suas funções.

A idealização do moderno como foi citado anteriormente é perceptível em um discurso proferido na câmara municipal a fim de reconhecer a transmutação na estrutura da cidade em formação.

[...] A administração passada do prefeito Severino Gabriel que deu o primeiro impulso ao desenvolvimento do município acionando alavanca do progresso para que o município de Monte Horebe não fique a margem do desenvolvimento e evolução do mundo moderno. (1º Livro de Ata- sessão do dia 02/02/1966).

Em 1967 através de uma abertura de um crédito especial no Banco do Nordeste do Brasil no valor de NCr\$ 50.000,00 (cinquenta mil cruzeiros novos) a serem pagos no prazo de 10 anos com juros de 12% a.a contratando-se os serviços da SAELPA, encarregada da distribuição de energia elétrica advinda da hidrelétrica de Paulo Afonso. No entanto essa mudança se deu gradativamente a começar pelas ruas centrais e posteriormente nas demais. Antes do seu advento a energia se dava através de um motor, como é descrita a seguir na fala de uma depoente em diferentes momentos.

*-[...] Eu mesmo alcancei a luz do motor.
-Dent' de casa era candeeiro. O motor ficava aí onde hoje é Severino de Santino. Aí.
- Acho eu acendia de seis e apagava de nove.
- Ah... com certeza. Não podia ficar nos escuros. Também assim a gente ficava em casa, não saía muito.
(Entrevista concedida por Geralda Bandeira, no dia 10 de outubro de 2017)*

De acordo com a lembrança a seguir sabemos que esse motor se localizava nas proximidades do centro da cidade, na rua da prefeitura municipal e seu funcionamento se dava através de tanques de água, podendo oscilar em seu desligamento entre as 8 horas, como de costume ou estendendo-se até às 9 horas em dias de extrema exceção.

*A iluminação da cidade era a motor, só funcionava no máximo até oito horas da noite. Era ligado quando escurecia e era naquela rua onde hoje é a casa de Cilinha mãe de Zenaide, era a casa do motor. Aí era abastecida essa energia aos tanques d'água. Eu lembro demais que eu fui conhecer pequena. Tinham uns tanques d'água onde esse motor se movimentava através disso, como eu não sei. Sei que eu lembro que tinha um tanque d'água enorme e no meio desse tanque d'água tinha esse motor pra abastecer a cidade.
(Entrevista concedida por Maria Vilani em 08 de novembro de 2017)*

Ainda em conformidade com os depoimentos anteriores de Geralda Bandeira e Maria Vilani, podemos compreender que esse processo de modernização experimentada pelos habitantes de Monte Horebe não se deu admiravelmente em decorrência de um trem como no bairro da estação em Sousa, Pb o qual na escrita de SILVA (2017) é descrita como um acontecimento festivo, movimentado e que despertava reações sensoriais nos transeuntes. Mas comportava outros instrumentos e tecnologias, não menos fascinante, como a luz gerada pelo motor a água, um grande investimento público, trazendo modificações cotidianas na vivência dos mesmos.

Em concordância com o depoimento a seguir entendemos que por segurança antes do terceiro piscar da luz de alerta do motor as pessoas deveriam recolher-se as suas casas, se protegendo de alguma ameaça física e dos falatórios que difamavam as famílias, como conta-nos a depoente Maria Vilani Pereira:

“[...] Tinha o toque de recolher para as pessoas. Dava três sinais que a luz ia apagar. No terceiro sinal já tava todo mundo em casa. A base de candeeiro. Não tinha vela não, era candeeiro. Fogão a lenha, candeeiro, a base do pote.”

E continua:

“Não tinha geladeira, não tinha ferro elétrico. O primeiro ferro elétrico e a primeira geladeira que foi comprada em Monte Horebe foi Raimundo Martins. E ligava também só um pouquin, porque não tinha energia diariamente.” (Entrevista concedida por Maria Vilani em 08 de novembro de 2017)

Essa rememoração nos mostra a sobreposição dos hábitos de acordo com os instrumentos do moderno. Primeiro a energia elétrica se sobrepondo a do motor, depois os eletrodomésticos, o que remete uma reflexão óbvia de que somente as pessoas mais ricas poderiam usufruir das tecnologias de da moda, comprados por valores altos, de uso regado e advindos com a instalação da rede elétrica, no começo apresentando diversas falhas e apagões.

Nos 42 sítios pertencentes ao município mesmo diante da geração de energia do motor não havia iluminação e tão pouco o uso dessa energia. Nos sítios às 17:30 mn o jantar encontrava-se sobre a mesa. Às 18:00 horas pontualmente ouvia se a oração do *Ângelus* no rádio a pilha, geralmente transmitido pela “difusora rádio cajazeiras”, sentado em uma cadeira de balanço feita de fitilho ou na velha cadeira de madeira e couro de gado, o chapéu suspenso em um torno de madeira próximo a porta com

ferrolhos, o cigarro de palha entre os dedos, olhar no horizonte contemplando a paisagem sertaneja, rasteira, fatigada pela tarde de sol forte.

*“Quando batem as seis horas
de joelhos sobre o chão
O sertanejo reza a sua oração*

*Ave Maria
Mãe de Deus Jesus
Nos dê força e coragem
Pra carregar a nossa cruz*

*Nesta hora bendita e santa
Devemos suplicar
A Virgem Imaculada
Os enfermos vir curar*

*Ave Maria
Mãe de Deus Jesus
Nos dê força e coragem
Pra carregar a nossa cruz”
(Luíz Gonzaga)*

As preces eram elevadas aos céus no interior das casas simples feitas de tijolo batido, quartos conjugados, banheiro fora de casa em fossas e cozinha cheirando a lenha recém queimada no fogão de cimento. Era nesse ritual que o dia se findava em uma jornada exaustiva e normal. Seguramente esse cansaço fazia o habitante pensar no quanto a vida no interior do Nordeste era difícil, porém sossegada, tranquila e o indivíduo acompanharia o ritmo designado por Deus, como é muito bem expressa na música Ave Maria do Sertanejo de Luiz Gonzaga³.

Como já mencionado, no perímetro urbano de Monte Horebe o toque de recolher, as luzes do motor davam três sinais demarcando o costume de adentrar ao

³ Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/luiz-gonzaga/338393/>>. Acesso em: 03 de fevereiro. 2018

interior das casas e recolher-se em família. Em seguida a luz do lampião ou do candeeiro era apagada, economizando o querosene do recipiente de flandres e a luz que se via era das estrelas que reluziam imersas na escuridão do céu.

Mas como o tecido urbano pode estar tão ligado ao campo se para definir-se limita-se a ele e se opõe? Se observarmos o urbano está mergulhado no rural, porém o rural absorve elementos do urbano sendo pertencente a ele de forma anexa, mas diferenciada. Estabelecendo até mesmo uma inter-relação. Pois bem, Monte horebe oferece uma paisagem serrana que outrora se destacava por suas matas verdes, cachoeiras; as mais conhecidas localizam-se nos sítios Areias, Braga e Santa Fé; Chuvas abundantes no inverno e intenso frio sentido principalmente no mês de junho.

Aqui teve época que você amanhecia e anoitecia de meia, roupa de frio e nem ventilador existia, porque era frio, muito frio, principalmente junho e agosto que era com garoa, com gelo. Eu ainda vi chuva de granizo em Monte Horebe do tanto que esfriava. O povo correndo para a rua para chupar gelo que naquele tempo não tinha gelo, o povo chamava chuva de gelo. O povo chamava: vamos chupar gelo! Nós só viamos gelo quando tinha essa chuva de granizo que o povo chamava pedra. Era um clima frio! (Entrevista concedida por Maria Vilani em 08 de novembro de 2017)

Junho era um mês de grande agitação e festividade por se tratar do período de festas juninas celebradas com grande fervor e tradição. Ao passo que o frio se intensificava as fogueiras de São João e São Pedro aqueciam as pessoas reunidas em família com o intuito de festejar e compartilhar com aqueles mais próximos os milhos e batatas assadas na brasa ao som do velho rádio a pilha cuidadosamente economizadas ou ao som dos violeiros e sanfoneiros e de quadrilhas juninas.

Na memória dos habitantes, momentos como esses marcavam a vida cotidiana. Desde aqueles mais apossados, reconhecidos na “alta sociedade”, presentes em todas as festividades de grande importância, donos de dezenas de cabeças de gado e “tarefas” de terras; primeiros possuidores de carros, geladeiras e televisores, símbolos de riqueza, na época. Até aqueles mais simples, pequenos agricultores, cultivadores de milho, feijão, batata doce e arroz; eles criavam galinhas a fim de comê-las em dias festivos com o tradicional angu de milho (moído no moinho manual), macarrão e/ou arroz guardado para ocasiões especiais ou simplesmente vender seus ovos e galinhas na feira para completar a renda mensal.

[...]Tipo assim, a comunidade se dirigia aos que tinha terra, pagava renda dessa colheita que, graças a Deus meu pai não cobrava, o povo plantava e

dava o que queria. E era sempre em cima do milho, do arroz, feijão, da fava. E pra sobrevivência financeira, que isso era só do alimento, né? Para a sobrevivência financeira, pra outras compras era o plantio de algodão, aqui teve um tempo que teve plantio de sisal até na terra do meu pai. Eu era pequena, bem pequena, morava lá no sítio ainda e é... Monte Horebe é dentro desse sítio, 1,5km só. (Entrevista concedida por Maria Vilani em 08 de novembro de 2017)

A partir da fala da depoente Maria Vilani nota-se que havia um cultivo de vários produtos agrícolas e as pessoas estabeleciam uma relação de trabalho, amizade e troca, visto que por razões de parentesco, consideração ou vantagem, aqueles que possuíam terras produtivas e extensas arrendavam ou firmavam parcerias, cobrando um valor fixo ou uma variável dependente da produção. E em outras situações contratando o serviço do trabalhador através de diárias ou empreitadas nas roças. Logo, não eram todos os proprietários que cediam suas terras, tampouco isso era comum. O empréstimo dessas terras como foi mencionado passava por um jogo de interesses pautado ou na relação e parentesco, apadrinhamento ou na obtenção de lucros e favores.

Outra fonte de renda e subsistência no município era as “farinhadas”, ocorridas nas casas de farinha construídas nos sítios. A mandioca era lavada, raspada, processada em um motor, onde a massa era separada da goma através de uma rede, a decantação em um tanque separava a goma da manipoeira. Além da goma, se extraía a farinha que ficava pronta após torrada em um forno grande de cimento. Para esse serviço eram contratadas pessoas da vizinhança, parentes ou compadres. De acordo com LIMA apud Dias *et al* (2011, p. 72) diariamente somava-se oito cargas de animais, chegando a render doze sacos de farinha e quatro de goma. Na produção da farinha eram necessários cerca de 18 trabalhadores. Ao término do serviço eram servidos café, cachaça, rapadura, água, tapioca e outros alimentos compartilhados ao som de sanfoneiros ou violeiros e muita prosa. Muitas vezes o trabalho se estendia até tarde da noite por dias consecutivos.

O fato é que ocasiões e costumes como esses marcam determinada comunidade, como a de Monte Horebe e servem para caracterizar ainda mais o tecido urbano, dando-lhes uma característica semelhante a outras comunidades pertencentes ao mesmo nicho geográfico, diferenciada de outras que há tempos experimentavam as transformações “progressistas” e tecnológicas mais avançadas. Mas que, sobretudo experimentava uma dinâmica consideravelmente distinta. Procurava-se demarcar bem os hábitos tipicamente rurais dentro de um cotidiano urbano.

A pauta da sessão do legislativo de 08 de outubro de 1967 trazia o cuidado pela limpeza e estética das ruas para que se tivesse o padrão do cidadão moderno e civilizado. Digo moderno porque no Rio de Janeiro, período colonial foi descrita uma prática inversa, onde os dejetos eram jogados nas ruas, havendo também a transitoriedade de animais, de acordo com a obra de Emanuel Araújo (1993), o teatro dos vícios.

A partir do projeto de lei nº28/67 de outubro de 1967 foi determinado:

Fica igualmente proibido a criação de animais soltos no perímetro urbano da cidade [...] Fica igualmente proibida a criação de suínos nos muros ou quintais das casas residenciais de modo a incomodar os vizinhos com zuada ou mau cheiro. Art 2º É compreendido perímetro urbano uma área de um km² quadrado, inclusive a cidade. Autorizado o município a proceder apreensão dos animais encontrados soltos na área referida.

De acordo com o referido documento havia um serviço de alto-falante que repassava os comunicados, músicas e notícias locais às pessoas, como será enfatizado mais à frente. Através desse serviço o proprietário do animal solto era comunicado da apreensão, tendo que pagar uma multa que em caso de reincidência seria duplicada. Todavia, decorridos três dias da notícia o animal apreendido seria vendido e seu valor revertido para os cofres públicos, no setor da limpeza.

Um fato que ganhou atenção de todos foi a criação de uma verba mensal no valor de NCr\$ 5,00 (cinco cruzeiros novos) destinados a um dos homens mais idosos do município, pois o mesmo encontrava-se enfermo e em situação degradante. Essa situação nos mostra um jeito de agir em comunidade, típico de cidades pequenas, onde há poucas famílias e todos se conhecem.

A década de 70 na cidade de Monte Horebe assinala, portanto, uma materialização daquilo que foi primeiramente idealizado sobre o que viria a ser uma cidade independente e possuidora de seus próprios equipamentos, como veremos mais detalhadamente a seguir.

MONTE HOREBE NA DÉCADA DE 70

A década de 70 no Brasil foi marcada por muitas transformações, por uma juventude rebelde, de militância, feminismo e ativismo latente. Sinalizou também rupturas e conflitos mundialmente conhecidos e ocorridos no espaço urbano, bem como pela fase mais autoritária do regime ditatorial, conhecida como “anos de chumbo”, pelos

enfrentamentos dos revolucionários, tidos como comunistas contra as forças armadas nacionais, pela criação no governo de Médici dos DOI- CODI's (Destacamento de Operações e Informações-Centro de Operações e Defesa Interna) principais responsáveis por desaparecimentos, torturas e mortes de muitos guerrilheiros. É marcada também pelo processo de anistia dos exilados já no fim dos anos 70, ganhando abertura para a retomada da democracia. Para SANTOS (2011) esse sistema democrático ganhou maior visibilidade pública em 1979 devido a distensão de movimentos sociais (greves, movimentos de bairro, contra a carestia), a promulgação da Lei da Anistia reordenando a política representativa com o fim do sistema bipartidário, efetivo durante todo o regime militar.

No setor econômico, o discurso do milagre econômico era o pilar de sustentação para os investimentos em setores diversificados e para a alta dos preços. Visto que essa maquiagem de valores beneficiava apenas uma pequena parte da população. Enquanto isso, no Nordeste se assistia ao espetáculo da pobreza. A população sofria com a seca de 70, migrando para outras regiões do país em cima de carros conhecidos como "pau-de-arara". Aqueles que ficavam na região se submetiam as explorações dos mais ricos em trabalhos pesados e com carga horária excessiva e do Estado, nas frentes de emergência visando a construção de açudes e estradas. Como enfatiza a socióloga Marília Fontana Garcia (1984) as alternativas frente a precariedade não eram muitas e guiavam o malabarismo da sobrevivência. Rezar, inscrever-se numa frente de trabalho, mendigar, juntar-se a um grupo que cerca a prefeitura, conformar-se, saquear ou entregar-se ao fatalismo se incorporava à tradição e ao cotidiano do povo do Nordeste. Cabendo salientar que a maior parte da população interiorana era predominante na zona rural, ligando suas atividades de subsistência ao campo e sendo severamente atingido pelo problema cíclico das estiagens que no discurso político tornava-se uma forma de angariar votos.

"Em 1970, 55, 9% dos brasileiros viviam em áreas urbanas." (FERNANDES. 2006 P.123). Podemos refletir que a urbanização rápida do Brasil nesse período o advém de uma combinação da segregação espacial mesclada com a exclusão social. E ao se falar em uma urbanização devemos ter em mente os equipamentos básicos que se constrói nas cidades a fim de desencadear seu funcionamento, organizando-a me informa utilitária e viabilizando a sua existência, como os serviços de alimentação, saneamento, transporte, educação, coleta de lixos, limpeza do espaço público, gestão desse mesmo espaço e elaboração de suas leis e regimentos. Dentro dessa elaboração de

leis se encaixa especificamente os processos de planejamento das Urb's, como o código de conduta.

Ancorados nos discursos das Atas e da rememoração dos depoentes entrevistados, moradores de Monte Horebe, entendemos que na década de 70 houve uma preocupação com a cidade e sua organização de forma a pensar em projetos que acelerassem o seu desenvolvimento.

Na sessão do dia 30 de setembro de 1970 foi solicitado a abertura de um crédito especial distribuídos da seguinte forma: “NCR\$ 500,00 para serviços urbanos- mercado, feira e matadouro-material permanente e outro valor de NCR\$ 2.200,00 para educação e cultura-ensino primário-material permanente. ” Diante disso pode-se concluir que os serviços de educação primária- a alfabetização, o abate de animais, limpeza da avenida principal e feira livre estavam em funcionamento. Cabendo ao corpo administrativo buscar melhores maneiras de gerir os recursos públicos, sendo criado um fundo de garantia dos servidores públicos, através do percentual de recolhimento do Banco do Brasil S/A.

O mercado público era o espaço destinado as feiras livres. Apoiados em FONSECA (2014), entendemos que as temáticas das feiras estão interligadas a economia gestada como o desenvolvimento urbano. Afinal, espera-se que uma cidade possua um comércio em atividade. Na época a feira local ocorria aos domingos. “*O povo vivia da agricultura, era o que dava dinheiro. Era jermum, melancia, batata, planta de milho, feijão, algodão e vendia tudo lá, a feira era lá (no mercado da cidade). (Maria Luiza. Entrevista concedida em 7/11/2016).* ”

Nelas se vendiam produtos alimentícios produzidos na própria localidade, enfatizando também que os dias de feira eram dias festivos, de visita à cidade, dia de andar pela praça, admirar os tecidos postos à venda, comer pão com “quebra-queixo” dentro do mercado, que na época possuía uma forma de galpão de meia parede, como conta-nos a depoente Geralda Bandeira:

Aí era assim só uma meia parede assim, um galpão, entendeu? Era tipo um galpão, não era a parede até em cima. Só que era coberto, mas era uma meia parede assim. Nossa, era muito, muito grande, era muita coisa. Muita, muita mesmo. Era tudo lá dentro. Não tinha essas coisas de banquinha fora, essas coisas assim, até banca de tecido as pessoas vendiam lá dentro. Luiz Gonçalves que hoje tá bem de vida, graças a Deus, começou vendendo nessa época ele trazia o banquinho de tecido prá cá.

Existia também bancas, local usado para vender produtos, fora do comércio. Na década de 70 a feira já era bastante expressiva com rotatividade interna de seus artigos. De acordo com Martin Rabot apud FONSECA (2014, p.10), “As feiras são lugares de tensões e de conflitos, mas também de comunicação e sociabilidade”. Ela facilita a comunicação entre as pessoas e é produtora da diversidade material e humana e influenciadora das relações sociais e comportamentos, como podemos extrair do depoimento de Maria Vilani Pereira: *Um ponto de encontro onde a gente passeava em volta. Passeava em volta, namorava, dançava, se divertia tudo de braços dados (risos). Só não podia era beijar!*

Há rumores que em uma de suas visitas de Frei Damião a Monte horebe o dia da feira que ocorria dominicalmente foi mudado para os sábados, pelo mesmo. Justificando que o domingo era o dia do Senhor e não de trabalho, como contou-nos uma depoente. Todavia, os cidadãos horebenses sempre procuraram se abastecer no comércio de São José de Piranhas, indo à feira nas segundas feiras por ser a mesma maior, possuindo amplo espaço para a compra e venda de mercadorias, as rodas de conversas nas calçadas e a transição das pessoas na rua.

EDUCAÇÃO E CRESCIMENTO SOCIAL EM MONTE HOREBE?

A partir das discussões do legislativo descritas no livro de Atas de 1970 compreende-se que a educação no município ganhava destaque nas sessões, visto que frequentemente eram apresentados projetos objetivando a construção e ampliação de “grupos escolares” na maioria dos sítios. “[...]Tendo em seguida apresentado um projeto de lei, dando a denominação de grupo escolar Henrique Severo ao grupo escolar de Areias”. O intuito era que a população que vivia na zona rural tivesse acesso à escola, uma vez que esses grupos escolares atendiam as necessidades das crianças de sítios circunvizinhos, ensinando-lhes desde o abecedário até a 4ª série, atual 5º ano.

É importante ressaltarmos que o ensino era tradicionalmente disciplinar e multisseriado, começando pela alfabetização, visava fornecer o acesso à educação para crianças das proximidades. No início era oferecida apenas a alfabetização, mas com o tempo essa realidade mudou significativamente. Ao decorrer dos anos 70 foi oferecido o ensino fundamental na sua primeira fase e aqueles que almejavam completar o ensino fundamental II, que compreendia da 5ª a 8ª série, atualmente do 6º ao 9º ano deveria passar por uma avaliação escrita, requisito do processo seletivo e para aquelas

pertencentes a zona rural restava acordar cedo e rumar a pé para a sede localizada na cidade.

Aos adultos que desejassem ser alfabetizados ou continuar seus estudos passou a existir a cruzada ABC⁴, MOBRAL ou supletivo, posteriormente denominado. Cujo funcionamento nos sítios se dava nas casas de famílias e na cidade ocorria na escola Ivan Bichara, localizada na Rua José Ferreira Cavalcanti, mas há muito tempo demolida.

O ensino médio, por sua vez só veio a ser ofertado no município após a construção da escola Bonifácio Saraiva de Moura, em 1987, sendo inclusive o único colégio a possuir o ensino médio em Monte Horebe até os dias atuais. Salientamos que na década enfatizada a educação não era acessível e desvalorizada como nos dias de hoje.

[...] Eu cheguei aqui, fiquei até 74 em São Paulo e quando eu cheguei aqui já tinha transporte pra gente estudar em São Zé de Piranhas. Era bem evoluído (Entrevista concedida por Maria Vilani em 08 de novembro de 2017).

Portanto, muitos almejavam completar o 2º grau, como era chamado o ensino médio, se deslocavam a São José de Piranhas em uma caminhonete cedida pela prefeitura. Outros, porém, iam além e ingressavam no ensino pedagógico obtendo o direito de lecionar e sendo reconhecido com muita virtude por saber ler, escrever e poder fazer disso a sua profissão. Pois ainda não se exigia no município a graduação em um curso de licenciatura. A prática se sobressaia à teoria!

[...] eu quando fui ser professora do município eu só tinha o 4º ano e dava conta de ensinar da alfabetização ao 4º ano. Alunos gostavam de estudar naquele tempo. (Entrevista concedida por Maria Vilani em 08 de novembro de 2017).

A escola ampliava também as relações entre as pessoas. Os pais das professoras eram bem vistos e se orgulhavam de seus filhos evitando que os mesmos trabalhassem na roça. Ela alterava a forma como lidavam com suas tarefas diárias.

Em uma entrevista contou-nos uma depoente que a primeira professora do município não possuía formação técnica, mas abraçava a profissão com grande

⁴ A cruzada ABC ou Ação básica cristã consistiu em uma política governamental promovida em meados da década de 60 visando a alfabetização de jovens e adultos. Sendo substituída pelo MOBRAL (Movimento brasileiro de alfabetização).

determinação e vontade de ensinar. Ela era chamada Iracema Dias, filha de Venâncio Dias. Comumente os alunos se reuniam na rádio local e cantavam músicas previamente ensaiadas em sala, no serviço de alto-falante da cidade. "Era uma festa", contou-nos a depoente.

Em 20 de outubro de 1971 o legislativo debatia questões em torno do funcionamento do grupo escolar de Santa Fé, da conclusão do grupo do sítio Areias, da escolha do Polo do Mobral e da construção da linha telefônica ligando Monte Horebe a São José de Piranhas, bem como a ativação dos serviços de pavimentação da antiga Rua da Independência ao lado do mercado velho, um dos pontos de acesso a saída para Bonito de Santa Fé.

Atualmente, se fornece o ensino que vai desde o maternal, tanto na zona urbana quanto rural, exceto o acompanhamento berçário. Sendo fundamental II e ensino médio oferecidos apenas na cidade, nas escolas Venâncio Dias e José Dias Guarita, a primeira sendo anexo da segunda e de responsabilidade Municipal, e na escola Bonifácio Saraiva de Moura de responsabilidade estadual, respectivamente. Há ainda a locomoção de um ônibus escolar que transporta alunos de diferentes cursos e faculdades para estudarem em Cajazeiras, cidade mais próxima e polo da educação superior no alto sertão. Tudo isso é fruto de um processo que foi ganhando força e materialização na década de 70. Significativamente compreendemos que nos anos de 1970 a educação no município em destaque apresentou relevante crescimento que se acentuaria nos anos seguintes.

COMUNICAÇÃO: ONDAS DO MODERNO EM MONTE HOREBE. A RÁDIO FUSÃO E O USO DOS AUTOFALANTES

Na comunicação podemos situar vários elementos do moderno. Pois no município desde meados dos anos 60 ela se dava através do auto-falante da rádio ou da igreja, para comunicados religiosos, dentro do perímetro urbano e em horário e dia de intensa movimentação. Posteriormente a 1970 é que foram instalados alguns televisores públicos nas praças onde as pessoas reuniam para assistir no começo da noite.

Nas suas áreas mais distantes se fazia por meio de linhas telefônicas construídas já com esse propósito ou através de notas emitidas pela rádio difusora de Cajazeiras, feito apenas em caso de grande necessidade e mérito, a exemplo da nota divulgada a posse de um suplente do legislativo e da nota relatando a mudança dias de expediente da prefeitura.

[...] Datado do 1º desse mês essa casa fez divulgar o andamento dos trabalhos através da Difusora da rádio de Cajazeiras, a pioneira em Cajazeiras (Livro de Ata, outubro de 1972).

A solicitação para criar expediente de trabalho aos domingos em decorrência de seu dia no qual ocorre a feira livre e também o zelo pela limpeza pública, solicitando dos moradores que prendessem seus animais de pequeno porte entre as 17 e 18 horas, foi anunciada em nota na referida emissora da rádio. Comunicado esse direcionada especialmente a uma classe:

"[...] Especialmente para a classe pobre que não tem condições de criar o boi e a vaca" (Livro de Ata, 1975. p. 78).

A comunicação com pessoas de outros estados ou de localidades mais distantes e Populares era feita através de cartas. Até o início dos anos 70 antes de funcionar a agência dos correios na cidade de Monte Horebe, as correspondências eram enviadas à agência de São José de Piranhas. Contou-nos informalmente uma depoente que, as cartas destinadas a alguém da sua casa eram trazidas por um senhor que residia em São José de Piranhas, chamado Selestino Amorim. No envelope era descrito "Aos cuidados de Selestino Amorim". As pessoas tinham vidas bem regradas e muitas vezes essa comunicação por cartas eram feitas de um sítio a outro, mas não precisando passar pelos correios. Eram os famosos bilhetes entre enamorados, com formais declarações, saudações e pedidos de encontros. Havia também o gradual crescimento das linhas telefônicas facilitando a comunicação dos sítios que a possuíam até a zona urbana, mas que não eram acessíveis a todos. Somente com quase duas décadas depois surgiram os serviços da Telpa (Telecomunicações da Paraíba) na cidade, aproximando aqueles que se encontravam mais distantes.

SAÚDE E MOBILIDADE SOCIAL EM MONTE HOREBE: UMA QUESTÃO SOCIAL?

Notoriamente uma cidade deve possuir instituições públicas de saúde que ofereçam condições de assistir à população em casos efetivos de doenças, prevenção e manutenção da saúde pública na cidade. Mas como era gestada a saúde em Monte Horebe nesse tempo?

Em 27 de dezembro de 1973 transitou no plenário a proposta de colocar à disposição das pessoas um transporte que as leve a São José de Piranhas ou em caso de doença emergencial. Ressaltamos que havia o posto de saúde, mas que não dispunham

de atendimento médico 24 horas, apenas de serviços básicos de saúde, como administração de medicamentos, vacinas e curativos. Percebemos o interesse público e administrativo em relação a assistir o povo dentro dos seus direitos de cidadãos, visando interesse coletivo.

"[...] Apresentou-se um projeto de solicitação ao Sr. Prefeito, pedido para ser encaminhado ao Sr. Prefeito municipal no sentido de contratar um dentista prático para fazer extração de dentes os pobres aos domingos" (Livro de Ata, 1975. p. 77)

De acordo com esse projeto, o dentista deveria ser o mesmo que trabalhava em Bonito de Santa Fé e para o seu serviço receberia Cr\$ 100,00 da prefeitura e Cr\$ 2,00 por conta do cliente a cada extração. Fazendo-nos refletir aqui para época a saúde estava avançando consideravelmente. Todavia ainda não disponha de um hospital, unidade sanitária ou médico em pronto atendimento. O que nos faz pensar que ainda não existia na localidade uma política de saúde efetiva e de fato assistisse à população, visto que havia a necessidade de deslocamento para a cidade vizinha de São José de Piranhas. Inclusive a maior parte dos nascimentos de crianças eram feitos lá, não oferecendo o município de Monte Horebe condições para esse atendimento.

A política de saúde bucal proferida no discurso da Ata remete a materialização de serviços simples como forma de melhorar minimamente a qualidade de vida daqueles que sofriam com dor de dente, resultado da inexistência de uma saúde pública de qualidade e acessível. Mas se prestarmos bem a atenção ela não era 100% gratuita, o que do ponto de vista social remete a reflexão de que a população na época não dispunha de uma saúde básica assistida. E mais uma vez a desigualdade de classes se atenuavam e quando isso ocorre é muito comum o habitante recorrer ao representante do poder público local a fim de suplicar favores que nada mais são do que obrigação do seu cargo, atreladas as suas funções.

Atualmente o município não possui hospital, mas a mesma UBS (unidade básica de saúde) da época, com maior número de serviços, pessoas assistidas e ampliação do espaço físico, mantendo a mesma dependência com Cajazeiras para assistir procedimentos mais complexos. Mas possuindo serviços de atendimento médico semanal, ginecológico, pré-natal, ultrassonografias, coleta de exames, atendimento odontológico, nutricional e fisioterapêutico para melhor atender e satisfazer a coletividade nas obrigações legais e básicas do poder público da cidade.

"[...] acredito que tenha melhorado muito na saúde, porque antes aqui ou correria pra São Zé de Piranhas ou Cajazeiras ou morria" Contou-nos a depoente Maria Vilani. O

que reforça a nossa afirmativa acerca da precariedade da saúde no município no início década de 70. Acreditamos que a maioria dessas pessoas recorriam a benzedadeiras ou ervas medicinais e chás, buscando o deslocamento para São José de Piranhas em última instância, quando somente o tratamento médico seria a solução.

Ao final dos anos 70, possuía-se o programa de saúde e bem-estar social, chegando a Cr\$ 15.000,00 a fim de atender urgências e emergências. “[...] Solicitando do Senhor Prefeito a construção de uma linha telefônica ligando desta cidade ao povoado de Santa Fé, passando pelo povoado Areias, a fim de atender as necessidades mais urgentes do Povo daquela região” (Livro de Ata, 1974). Essa linha telefônica visava a comunicação de Santa fé a Monte Horebe, em casos de doença para que fosse mandado o transporte que levaria o doente até o hospital de São José de Piranhas ou à maternidade, onde se possuía um convênio municipal. Infere-se, portanto, que mesmo em meio aos recursos demandados para o setor de saúde, na década de 70 o município de Monte Horebe ainda dependia dos serviços de saúde das localidades de São José de Piranhas e de Cajazeiras, não possuindo autonomia necessária para subsidiar nesse aspecto melhorias efetivas aos habitantes dentro da própria cidade.

SANEAMENTO BÁSICO E SOCIABILIDADES EM MONTE HOREBE

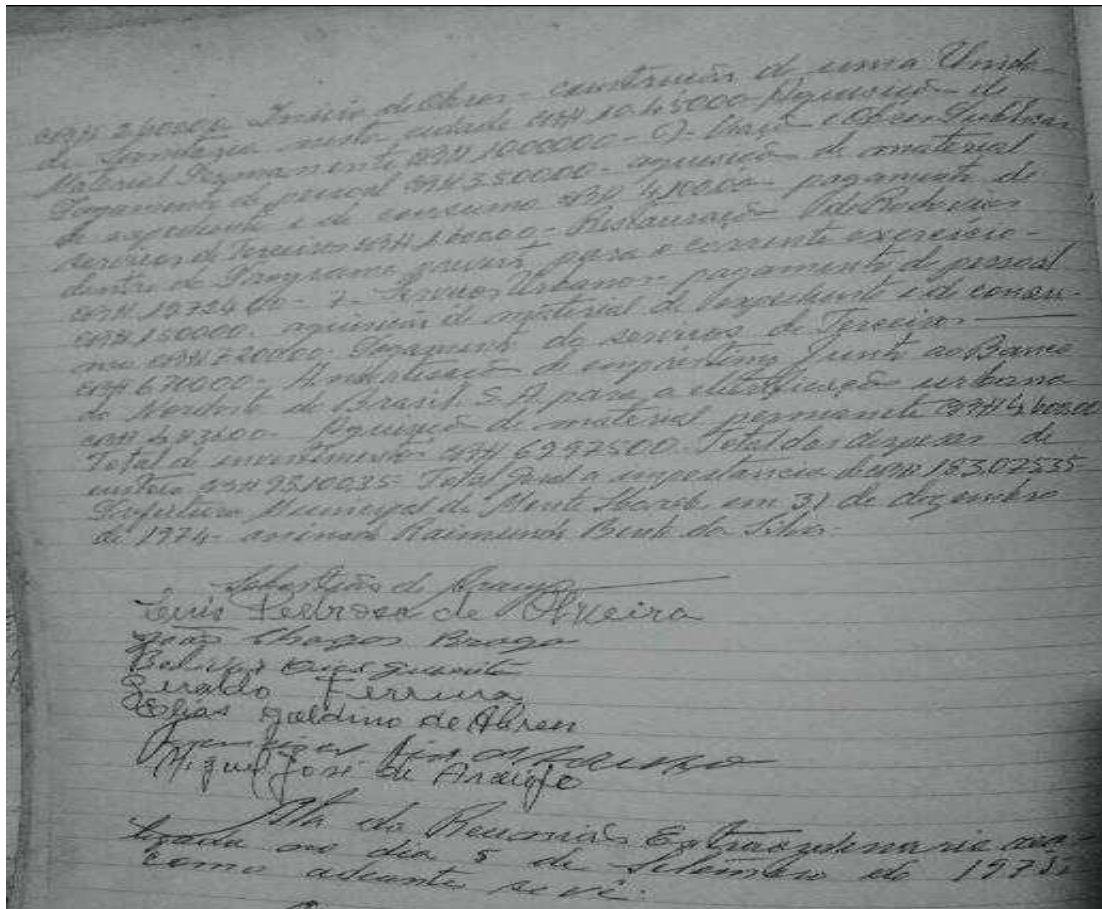
Em 1975 começava-se o projeto de eletrificação total da cidade e com ela a reabertura das estradas municipais e a descrição, emplacamento e numeração das ruas, bem como a aquisição dos primeiros tratores, símbolo da tecnologia da época com intuito de acelerar os serviços de agricultura da população. Observemos a descrição financeira a seguir.

Figura 15: Descrição no Livro de Ata

Município município de 1974, o Capitão Municipal
 de Monte Horebe, no Estado de Paraíba, em obediência
 do que dispõe o art. 34 item II da Constituição
 nº 118/72 de 24 de dezembro de 1972, do
 Conselho de Contas de Paraíba, para publicar o balanço
 das despesas realizadas com recursos do
 Fundo de Fomento Municipal, dos municípios, com o seguinte:
 1) - Despesas com o movimento dos municípios de
 1974, a) Saldo anterior 1973 R\$ 1.128.211,47 -
 Contas recebidas no exercício de 1974 R\$ 1.811.322,18
 Total R\$ 2.939.533,65 - b) Aplicação em despesas com o movimento
 de 1974 R\$ 2.100.351,20 - c) Em despesas do Capital R\$ 839.750,00
 Total R\$ 2.939.533,65 - d) Saldo para o exercício de
 1975 R\$ 839.750,00 - e) Saldo para o exercício de
 1975 R\$ 1.944.514,44 - f) Despesas com o movimento
 dos municípios: 1) - Fomento do Projeto - Fomento
 de serviços de Terceiros R\$ 2.900,00 - 2) - Fomento de
 meios e utensílios destinados ao Fomento R\$
 1200,00 - 3) - Secretaria Geral - Fomento R\$ 2.200,00
 aquisição de material de consumo e de expediente
 R\$ 600,00 - 4) - Educação e Cultura, pagamento de
 pessoal (Fagundes, municipais) a título de complemento
 de vencimento - R\$ 15.000,00 - pagamento de
 serviços extraordinários, paga de Terceiros R\$ 200,00
 aquisição de material de consumo R\$ 500,00 Encargos
 Diversos R\$ 200,00 Equipamentos e instalações R\$
 780,00 aquisição de Material permanente R\$ 10.000,00
 início de funcionamento de um grupo escolar localizado
 no sítio Boa Vista, deste município. R\$ 6.224,00 - 5) - Administração
 Financeira - pagamento pessoal R\$ 2200,00
 aquisição de material de consumo e de expediente
 R\$ 300,00 - Saúde e Bem Estar Social, pagamento de
 pessoal R\$ 15.000,00 - aquisição de material de consumo
 R\$ 200,00 - pagamento de serviços de Terceiros

Fonte: Livro de Ata da Câmara municipal de Monte Horebe. 1974.

Figura 16: Continuação da descrição do livro de Ata



Fonte: Livro de Ata da Câmara municipal de Monte Horebe. 1974

No documento anexado acima, retirado do livro de Atas da câmara municipal de Monte Horebe são descritas as despesas realizadas com o recurso do fundo de participação dos municípios no exercício de 1974. Dentre elas: utensílios destinados ao gabinete do prefeito, aquisição de material de consumo e de expediente a serem utilizados na prefeitura de Monte Horebe. “[...] serviços urbanos- pagamentos de pessoal CR\$ 1.500,00- aquisição de material de expediente e de consumo CR\$ 7.200,00-pagamentos dos serviços de terceiros - CR\$ 6.700,00...” E também recursos destinados aos serviços da educação e cultura e saúde. Entre eles, o pagamento dos professores municipais, a construção de um grupo escolar no sítio Rita e a destinação de recursos no valor de CR\$ 15.000,00 para o programa de saúde e bem-estar.

Foi solicitada também a construção de uma pequena ponte sobre o açude reservatório da cidade, que dá acesso ao Sítio Poço de cavalo e circunvizinhos, a 3km do perímetro urbano e modificações higiênicas no açougue público da cidade localizada

na Rua João Agripino, conhecida como a rua da Praça Padre Cícero e a "recuperação do televisor público da cidade" (Livro de Ata, 1975 p. 97).

O legislativo também chamava a atenção para reconstrução do mercado do povoado de Santa Fé, construindo assim um pequeno mercado local e para a construção de uma rede de esgoto visando um melhor funcionamento e utilidade do aparelho urbano. Logo se observou a necessidade de firmar um convênio com a CAGEPA para promover o abastecimento de água. Considerando o investimento de grande valor material e utilitário. Visto que o abastecimento se dava através do carregamento de água dos açudes, como contamos.

Em 70 teve uma seca que foi triste. Em 80 teve uma seca, mas leve do que 70 e já tinha o abastecimento, tinha a CAGEPA que mesmo o açude não dando pra abastecer normal, criaram-se uma frente de emergência que fizeram tipo o canto onde as pessoas pegavam água que era ali abaixo da casa de Bida. Aquilo ali eu nem lembro como era que chamavam, eu sei que tinham umas torneiras de água e o povo ia pegar água. Antes não eram caixas de água, eram torneiras em determinado lugar pra o povo pegar água, só tinha nesse canto também, não me lembro se tinha em outro canto não (Entrevista concedida por Maria Vilani em 08 de novembro de 2017).

O açude utilizado para o abastecimento localizava-se a margem esquerda da PB 400, trecho de ligação entre município com São José piranhas, nas proximidades do colégio Bonifácio Saraiva de Moura, da Rua Teotônio Martins de Figueiredo e do conjunto das casas populares. Do seu lado direito o prédio do Venâncio Dias, assim como um terreno cujo espaço pertence ao antigo Colégio Ivan Bichara, que ao ser desativado serviu de lá para dezenas de famílias desabrigadas do município, popularmente chamado de "colégio velho".

O abastecimento de água na cidade antes de eu vir morar aqui eu ouvia falar que pegava em açudes vizinhos. Depois construíram esse açude que era chamado açude da rua, na entrada de São Zé de Piranhas para Monte Horebe. E antes desse açude o pessoal pegava água ali na frente do Venâncio Dias onde tinha uma cacimba que hoje chama de poço. A água potável era essa. (Entrevista concedida por Maria Vilani em 08 de novembro de 2017).

Pois bem, paradoxalmente antes das construções da rede de esgoto e convênio com a CAGEPA, as pessoas usavam desse açude para lavar suas roupas e abastecer suas casas com a água. Mas com a aquisição da rede de esgoto e do abastecimento encanado todas as impurezas dessa rede passam a desembocar dentro desse reservatório, mesmo com tantos apelos em torno da preservação das águas públicas, pedidos de fiscalização,

solicitação para a construção de uma lavanderia pública e solicitação da mudança do matadouro público de lugar, pois as sujeiras do abate eram ecoadas para dentro do açude, tornando-o totalmente poluído até os dias atuais.

Porque o açude foi feito justamente para abastecer a cidade, só que as pessoas indo pegar água. Lata d'água na cabeça, ancoretas, caçambas com latas. A gente comprava querosene, esvaziava as latas pra carregar água nessas caçambas. E eu fiz parte disso. Minha primeira profissão aqui em Monte Horebe foi botar água. Eu botava água na casa da minha mãe e das minhas irmãs. Em vez delas pagarem a outras pessoas que botavam pra ganhar, elas me forneciam roupa, calçado, perfume. E eu já tinha meu 12 anos, e foi minha primeira profissão em Monte Horebe, botar água em jumento para abastecer algumas casas. (Entrevista concedida por Maria Vilani em 08 de novembro de 2017).

E o pior é o fato de em tempos de estiagem o açude construído depois dos anos 80 e que abastece a cidade seca, mas não se pode usufruir da água desse reservatório pois é imprópria a qualquer contato humano. A solução é os abastecimentos por meio de carros pipas vindos do açude dos “Pereiros”, em Bonito de Santa Fé e de caixas de água espalhadas pelas esquinas das ruas. Quando há o abastecimento dessas caixas as pessoas se apressam para encher seus recipientes e esperar pacientemente pelo período de chuvas tão distante. Seria um descaso do poder público? Ou da população? Ou de ambos? Com certeza é um péssimo cartão de visita para o Monte Horebe.

Um fato relevante em 1977 foi à posse da primeira mulher eleita para o cargo de vereadora na eleição do dia 15 de novembro de 1976, a senhora Maria Gonçalves, que usa de sua posição de vereadora para representar as mulheres dessa localidade. Assim como discutir questões de saúde pública na cidade. Mas o que nos chama mais a atenção nesses debates relatados no livro de atas do início de 1974 até de 1977 é o discurso em torno das questões de saneamento básico, onde praticamente em todas as sessões participadas a vereadora acima citada reivindica a tomada de medidas para resolver o problema da poluição do açude público devido aos dejetos do matadouro. Outro acontecimento muito debatido foi a reivindicação da classe estudantil para construir uma escola de 1º grau, visando o não deslocamento a São José de Piranhas.

Assim, ao término da década de 70, Monte Horebe contava com muitos equipamentos urbanos, edifícios públicos, água encanada, açougue público restaurado, extensão de energia elétrica, atingido as ruas mais distantes do centro. Havia também a regulamentar coleta do lixo, onde as pessoas deixavam-no em caixas ou cestos nas calçadas de suas casas para o recolhimento. Prezando pela limpeza pública das ruas

nessa época foram contratados empregados para trabalhar nesse setor, bem como a aquisição de carroças de burros para reter o lixo da cidade a fim de solucionar o problema de contaminação do açude.

Intensificou-se a perfuração de poços, e projetos de iluminação nos sítios, a começar por Santa Fé. A solicitação da construção de uma pequena casa do caixão, como era chamada, objetivando de fornecer caixões para pessoas com poucas condições financeiras, o cartório, os correios e uma agência do Bradesco passou a realizar serviços nesta cidade. Investiu-se na reabertura de estradas que dão acesso aos sítios, à construção de calçamento de diversas ruas, muito embora atualmente ruas como a Teotônio Martins de Figueiredo permanece em chão batido. Findando com a reforma da Praça Venâncio Dias e o estabelecimento de uma norma que proibia a transitoriedade de animais, inclusive essa norma acarretou um grande problema entre a população, pois, de acordo com o livro de Atas datado da década de 70, o vigia envenenou alguns animais e a população pediu o seu afastamento.

Com essas mudanças urbanas Monte Horebe rumava para alcançar uma modernidade tão sonhada por seus habitantes, de acordo com os discursos contidos no livro de atas de 1978, geradora de conforto e status, embalada pelas músicas da Jovem guarda, Brega, Beatles, Elis Regina, os mutantes e Pink Floyd tocados nos discos de vinil. Os jovens de Monte Horebe se divertiam em festinhas organizadas por particulares em uma espécie de casa de show destinada ao público juvenil e localizada próxima a igreja matriz. Optavam também por participar das rodas de fogueteiro, um espetáculo de fogos de artifícios e afins realizadas por Joaquim Ferreira de Lima no dia 18 de agosto; da festa do Preto e Branco, das vaquejadas e pegas de boi no mato e dos famosos “forrós no sítio”, indo a pé para essas festas e as moças deviam ir acompanhadas de seus irmãos, primos ou alguém da família que detivesse confiança dos seus pais. Isso porque se obedecia a códigos de condutas, prezando a honra da moça, sendo reforçados tanto em casa quanto nas missas.

As festas religiosas também reuniam nos seus pavilhões montados muitos fiéis. O costume era dividir a noite entre a festa religiosa, momento da celebração eucarística e a quermesse ou festa dançante, onde os fiéis passavam a socializar melhor e desfrutar de comidas diversas, bingos e boas conversas. As festas mais comuns eram a coroação de Maria no dia 31 de maio, a festa do padroeiro São Francisco de Assis em 04 de outubro, a festa de padre Cícero, e a festa de todos os santos. A população dessa localidade apresentava assiduidade na fé por meio da prática da religião católica, sendo

ela a maior norteadora da conduta das mulheres, criadas para serem boas esposas, mães e os homens de bem e trabalhadores. A seguir veremos algumas fotografias que retratam esse envolvimento dos fiéis nas festas e atividades da igreja, demonstrando assiduidade e compromisso com as coisas do seu Deus. Atualmente além dessas festas há a cavalgada ocorrida no dia 12 de outubro, dia de nossa senhora Aparecida, festa mais recente e criada por vaqueiros devotos de Nossa Senhora Aparecida saindo das proximidades do sítio Pinga em romaria até o passo municipal onde ocorre a celebração da santa missa. Conclui-se, portanto, que mesmo frente aos ares do moderno a tradição religiosa continuava em Monte Horebe, a exemplo das missões populares de Frei Damião e demais eventos citados acima.

Figura 17: Visitação De Frei Damião De Bozzano Ao Município



Fonte: Retirada Do Livro Monte Horebe 50 Anos De História E Estórias. P.58.

Figura 18: Pedro Guedes, o homem que carregou a cruz até Canindé-ce.



Fonte: acervo pessoal de Maria Luzinete.

Figura 19: Chegada Da Estátua Do Pe. Cícero No Lugar Prometido



Fonte: Acervo Pessoal De Maria Luzinete

Figura 20: Festividade De Coroação De Nossa Senhora



Fonte: Acervo Pessoal De Maria Vilani Pereira

Descritivamente podemos ver na página anterior, na figura 17 o momento de uma das peregrinações de Frei Damião de Bozzano por Monte Horebe. As pessoas se aglutinavam em busca de oração, cura, milagres e participação da missa celebrada por ele que como elenca SOUSA (2011), ficou conhecido na região Nordeste devido aos seus sermões e vida dedicada as missões, compondo dessa forma o imaginário coletivo. Na fotografia 18 temos a personagem do “pagador de promessa”, um homem conhecido por Pedro Guedes que rumava a pé com destino ao Canindé-CE carregando uma cruz nas costas a fim de pagar uma promessa feita por ele. Na fotografia 19 é retratada a colocação da estátua de padre Cícero em uma praça com o mesmo nome, devido a uma promessa alcançada por um morador da cidade, logo haveria uma frequência mensal de

celebrações no nicho dessa estátua. E por fim, a fotografia da coroação ocorrida em maio. Era um evento muito importante para a igreja, pois arrecadaria verbas legais para o seu bom funcionamento e bom para a família cuja filha iria coroar a nossa senhora, servindo de status elevado.

A mesma multidão que comparecia aos eventos religiosos também se fazia presente nos eventos cívicos de Monte Horebe. Ao final dos anos 70 pela primeira vez o seu símbolo foi hasteado na avenida central devido a criação da bandeira oficial do município, tornando a cidade mais amada diante de seus habitantes que passaram a entoar o hino do município com mais intensidade e patriotismo. Vejamos abaixo o primeiro hino do município de Monte Horebe⁵ votado e aprovado por unanimidade do legislativo, hoje substituído por outro, traz os seguintes dizeres:

*“ Somos fortes, vivemos unidos
 A procura de só um ideal,
 Transformar-te cidade imortal
 Para a glória dos filhos queridos.
 O teu povo também se envaidece
 Do teu solo tão fértil e fecundo
 Que plantando o que falta no mundo
 A bandeira da paz resplandece.
 Estribilho
 Monte Horebe, serrana cidade.
 Um cristal a luzir sobre o monte
 Com teu belo, teu nobre semblante,
 Clarindo toda a imensidade.
 Comparando com outras tu ganhas
 Inclusive no clima saudável
 És rainha e talvez mais notável
 Afluente do rio piranhas
 Como é lindo teu porte gentil,
 Encravado no pico da serra
 Colossal pedacinho de terra*

⁵ Livro de Atas, Câmara municipal de Monte Horebe, 1979.

Que faz parte do nosso Brasil. ”

(Letra: Constantino Cartaxo

Música: Rivaldo Santana)

O hino do município traz uma simbologia de valorização da cultura da cidade, unindo a essa cultura em forma de poesia e música, ao mesmo tempo que agrega uma seriedade, solenidade, despertando um patriotismo e glorificando o lugar. Caracterizando-a através de sua letra, descrevendo uma cidade entre serras, que comparada as demais se sobressai por seu generoso clima, visto que é banhada pelas águas do rio piranhas, de clima saudável e agradável. O músico evoca: “ *Transformar-te cidade imortal*”. Imortal na lembrança do seu povo e daqueles que a visitaram, a experienciaram, a descortinaram, se surpreenderam ou se decepcionaram com as especificidades intrínsecas a essas experiências.

Como coloca Antônio Paulo Rezende (1997), a cidade é produto dos sonhos dos homens é pensada para o uso deles. Ela será sempre isso, templo dos homens, das vivências e das significações atribuídas a essas experiências. Mas o que sobra quando a paisagem urbana é modificada, se não as histórias? 1970 marca a incorporação de elementos concretos ao tecido urbano, posto de saúde, mercado público, clube, prefeitura, praças, açudes, sistema de abastecimento, símbolos, necessários à sua existência legal e utilitária. Muito embora a cidade gestada nessa temporalidade já não mais exista em seus ritmos concretos, ela se faz presente, fragmentada no discurso dos documentos e de quem a descreveu. A nós historiadores cabe a tarefa de juntar os fragmentos e desnuda-la, mesmo que não abarquemos a sua totalidade.

Os discursos sobre a cidade de Monte Horebe evidenciaram que os anos de 1970 tornaram concreto, mesmo repleto de lacunas e falhas, o projeto de cidade que foi pensado em 1961 e vem passando por transmutações ao longo dos anos. Buscamos aqui identificar os traços de modernidade contidos nela. E percebemos através dos discursos inseridos nas Atas e nas falas dos depoentes que ela é um espaço social que enquanto cidade vem sendo processualmente construída desde o seu projeto de emancipação, criando e ampliando as relações. Como afirmou Calvino (1972) o que realmente importa na cidade não são suas sete ou setenta e sete maravilhas, mas a resposta que ela dá a nossas perguntas. Logo, o que a torna uma cidade diferente das outras não é somente seus limites e características geográficas, sua organização administrativa, mas um composto dessas peculiaridades e sua história vivida cotidianamente.

Sendo assim, a estrutura física de Monte Horebe, suas ruas, habitações, prédios e paisagem se modificou tanto quanto a dinâmica social expressa em seus ritmos, nas formas de lazer e trabalho adotadas oferecendo respostas concretas aos seus habitantes através do que dessas transmutações se pode experimentar.

Através da especulação às Atas da câmara municipal percebemos que a cidade de Monte Horebe não se deteve apenas a sua estrutura física, retratada em algumas fotografias supracitadas. Mas em um espaço político onde foram debatidos projetos que deram andamento as funções vitais da mesma, a exemplo da contratação de mão de obra para abrir estradas, limpar as ruas, coletar o lixo, educar e atender a população no setor da saúde. Percebemos ainda nas falas das depoentes referenciadas acima que mediante a esses projetos havia uma melhora nos serviços de educação, de segurança, no controle do comércio, em função das reivindicações dos habitantes e dos desejos e necessidades dos próprios políticos. Todavia, no oposto a essas mudanças tidas como progressistas existiam falhas no planejamento e boa execução das atividades nesses setores, a exemplo da saúde que por não dispor de atendimento médico poderia negligenciar a situação de um doente até que este chegasse ao hospital de São José de Piranhas ou Cajazeiras, onde a prefeitura de Horebe estabeleceu um convênio.

Por fim, concluímos que cada cidade possui uma dinâmica própria, um território que fisicamente se delimita e comporta o que chamamos aqui de equipamentos urbanos. Ultrapassar esses limites geográficos estabelecidos de uma cidade para outra causa estranheza, por mais que elas se assemelhem. Isso decorre porque as cidades são compostas de culturas diferentes, alegorias, pessoas e particularidades diferentes.

Em síntese, todas as cidades são planejadas com uma utilidade em comum e essencial: ser moradia dos homens. E a forma como eles vão se apropriar desse espaço é a peça chave que desencadeia a problemática investigada pelo historiador. Dessa forma, a maneira como os habitantes se apropriaram do espaço urbano de Monte Horebe nas décadas de 60 e 70, transformando-a em um lugar social de progresso e modernidade para uns e retrocesso para outros, foi a resposta fornecida às nossas perguntas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho buscou apresentar uma nova perspectiva para problematizar a história de Monte Horebe, a partir de um estudo centrado nas vivências do urbano, frente as dinâmicas da sociedade sob o recorte temporal de 1960 e 1970. Objetivando em primeiro plano travar uma discussão acerca do nosso objeto formal de pesquisa e analisar a configuração estrutural da cidade, suas aparelhagens técnicas, enquanto o sonho da emancipação ia tomando forma e prática agregando elementos ao seu espaço físico.

Em segundo plano, buscamos nos aproximar do urbano por meio de uma “hermenêutica” da cidade, de forma a não entender somente a paisagem física tão somente, mas percebermos quais projetos foram pensados para gestá-la enquanto cidade, tornando-a útil e significativa para os seus habitantes. E partindo dessa significação pontuamos quais os desejos postos por eles, como se apropriaram desse espaço a fim de saber como estavam configurados e iam se constituindo pragmaticamente os espaços sociais em Monte Horebe nas décadas de 60 e 70 em decorrência de sua urbanização.

Para realização dessa pesquisa usamos o manuseio metodológico de fontes primárias, tais como os livros de Atas do legislativo na temporalidade estudada, o primeiro livro de tombamento da paróquia São Francisco de Assis datado de 1963, fotografias e iconografias que visaram registrar as imagens da cidade e sua arquitetura. Também fizemos uso de entrevistas, método muito usado pelos historiadores no desenvolvimento de suas pesquisas e narrativas da história oral.

Em função de não existir muitos escritos acerca da história da cidade de Monte Horebe, compreendemos que esse trabalho contribuirá com essa lacuna suscitando o desejo de novas pesquisas e novas escritas advindas da formação acadêmica e do interesse de outros pesquisadores do tema. Nosso objetivo é que esse estudo possa ser tomado como base para delinear-se pela historiografia e indagar novas questões, desencadeando pesquisas maiores e mais complexas.

De acordo com o que foi problematizado neste estudo, concluímos que a cidade como objeto de estudo, está sujeita a modificações físicas imiscuídas na sua dinâmica social. Ela comporta elementos diversos não podendo ser analisada na sua totalidade e

único estudo. Pois o historiador não daria conta da sua diversidade, especificidade e amplitude. Por isso não são poucos as investigações estabelecidas sobre o urbano e suas faces. Os resultados advindos dessas pesquisas são significativos e inspiram novos olhares, travam novos conhecimentos, agregam perspectivas e reinventam a investigação histórica.

Diante desses estudos históricos, este projeto visou compreender também as organizações cidadinas, identificando a inserção da cidade de Monte Horebe, suas nuances e tramas na história urbana, salientando a importância de pesquisar e conhecer o passado desses pequenos centros, visto que, eles compõem a identidade de uma comunidade. Ao mesmo tempo, observamos que muitas cidades não possuem uma história escrita que se torne conhecida pela comunidade e como tal complemento a memória coletiva de seus habitantes. Na maioria das vezes o que prevalece são os marcos e figuras políticas. Mas não só de política vive a cidade, ela intermedia as trocas culturais, econômicas, afetivas em um tempo guiado por um elemento central e não estático, o humano. Logo, percorremos as ruas como um *Flâneur*, ouvimos algumas memórias contidas nesse espaço com o intuito de transcrever e problematizar a história da urbanização de Monte Horebe e sua sociedade, identificando ares de modernidade.

Percebemos que ao término de 1968 Monte Horebe possuía componentes urbanos, mas ainda estava mergulhada em uma paisagem e hábitos rurais, comum as cidades do interior nordestino. Somente nos anos de 1970 os prédios públicos recém construídos, como a prefeitura, escolas e o posto de saúde passaram a efetivar seus serviços entre precariedade e melhorias. A modernidade posta por meio desses equipamentos do moderno, como a luz elétrica alterou então os costumes dos habitantes de forma a dividirem o tempo e as tarefas diárias e enxergar a noite como um momento de lazer, diversão, religiosidade, provocando também um aumento de habitações e vizinhança na área urbana.

Portanto, compreendemos que o processo de urbanização de Monte Horebe se vincula a necessidade de se ter uma economia local, por meio tanto da feira livre como dos estabelecimentos privados. Em outras palavras, acreditamos que foram as conturbadas relações comerciais que impulsionaram a sua emancipação e trajetória. E posteriormente suas questões sociais decorre da ocupação do espaço em urbanização.

Por fim, questionamos o quanto era moderna a cidade de Monte Horebe em meio aos discursos de modernidade já presente nos grandes centros e capitais brasileiras

desde as primeiras décadas do século XX. Quantas décadas se passaram e em função de que, os pequenos aglomerados urbanos, a exemplo da cidade de Monte Horebe nos anos 1960-1970, tiveram seu ritmos e tempos diferenciados de convivência com os signos do moderno, são questões postas para mais investigações e pesquisas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E FONTES

ARAÚJO, Emanuel. **O Teatro dos vícios: transgressão e transigência na sociedade urbana colonial**. 2. Ed. – Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.2007.

BENJAMIN, Walter. As ruas de Paris. In: _____. **PASSAGENS 1892-1940** Belo Horizonte: Editora da UFMG: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.p. 557-567.

BENJAMIN, Walter. O Flâneur. In: _____. **PASSAGENS 1892-1940** Belo Horizonte: Editora da UFMG: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.p. 557-567.

BENJAMIN, Walter. ” O narrador, considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”. In: _____ **OBRAS ESCOLHIDAS**, Magia e Técnica, Arte e Política. 4.ed. In. Sp: Brasiliense,1985. P.197-221.

BOLLE, Willi. **Fisiognomia da metrópole moderna**. SP: EDUSP: FAPESP, 1994.

BLOCH, Marc Leopold Benjamin, **Apologia da história, ou, O ofício de historiador**. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BRESCIANI, Maria Stella Martins. As sete portas da cidade. Espaço & Debates: Revista de Estudos Regionais e Urbanos. Núcleo de Estudos Regionais e Urbanos, 1981.

_____, *Maria Stella Martins. **As sete portas da cidade**. Espaço & Debates, n.34, NERU, 1991, p.10-15.*

_____, *Maria Stella Martins. **Londres e Paris no Século XIX: O espetáculo da Pobreza**. São Paulo: Brasiliense, 1994.*

_____, *Maria Stella Martins. Permanência e ruptura nos estudos da cidade*. In: FERNANDES, Ana; GOMES, Marco A. A. de F. (org.). **Cidade & História**. Salvador: UFBA,1991.

CALVINO. Ítalo. **As cidades invisíveis**. Rio de Janeiro: O globo. 2003

CARVALHO, Marieta Pinheiro de. O século XVIII: Um novo Pensamento sobre a cidade. 1.Ed. Odisseia editorial, 2008.

DIAS, Eva Márcia; DIAS, Mércia Maria. Monte Horebe: Suas Histórias e Estórias. Cajazeiras: Gráfica Real,2011.

FAUSTO, Boris. A vida política. In:GOMES, Ângela de Castro (Coord). Olhando para dentro 1930-1964 (História do Brasil nação 1808-2010). Rio de Janeiro: Objetivo,2013. P 92-140.

FERNANDES, Edésio . Direito e Gestão na Construção da Cidade Democrática no Brasil. In: BRANDÃO, Carlos Antônio Leite (Org.). **As Cidades da Cidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG,2006. P. 123-139.

FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). História oral: desafios para o século XXI. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora Fio cruz casa de Oswaldo Cruz - Fundação Getúlio Vargas, 2006.

FONSECA, Giovanna de Aquino. **O Global e o Local das Feiras Contemporâneas: um Estudo dos impactos gerados pela globalização em feiras de Portugal e do Brasil (1986-2007)**. 3ª ed. Campina Grande: EDUFMG.2014.

FRAÇA, Suzani Silveira Lemos. As cidades dos contadores de história (século XV). In CARVALHO, Maria Margarida et. Al. **As cidades no tempo**. Franca: UNESP; SP: Olho d'Água, 2005.p. 201-219.

Garcia, Marília Fontana. **Nordeste**: o reverso da medalha. Lua Nova, Jun 1984, vol.1, no.1, p.67-71. ISSN 0102-6445.

HALBWACHS, Maurice. A **memória coletiva**. Tradução de Beatriz. Sidou. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2013.

HELLER, Agnes. Uma teoria da história. Tradução Dilson Bento de Faria Ferreira Lima. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.

HISSA. Cássio Eduardo Viana. Ambiente e vida na cidade. In: BRANDÃO, Carlos Antônio Leite (Org.). **As cidades da cidade**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006. P.81-91

HOLLANDA, Sérgio Buarque de. O semeador e o ladrilhador in. **Raízes do Brasil** [4a ed.]. Brasília: Ed. da UNB, 1963.

HOLANDA, Sergio Buarque de, 1902-1982. Raízes do Brasil / Sérgio Buarque de Holanda. — 26. ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 1995.

KONDER, Leandro. Um olhar filosófico sobre a cidade. In: PECHMAN, Robert Moses. **Olhares sobre a cidade**. RJ: Ed. UFRJ, 1994. P73-82.

LE FEBVRE, Henri. **A Revolução Urbana**; Tradução de Sergio Martins. - Belo Horizonte; Ed. UFMG, 1999. ISBN:978-85-7041-195-2.

LE FEBVRE, Henri. **O direito à cidade** ; Tradução Rubens Eduardo Frias. São Paulo : Centauro, 2001.

LEPETIT, Bernard. **Por uma nova história urbana**. São Paulo:EDUSP,2001. ISBN 85-314.

LIMA, Lauro. **O cavalo de Piripiri**. Roteiro do Nordeste. Recife,1977.

MALUF, Marina & MOTT, Maria Lúcia. "Recônditos do Mundo Feminino". In: SEVCENKO, Nicolau (org.). História da **Vida Privada no Brasil**: República da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo, Companhia das Letras, 1998. vol. 3, p. 367421.

Marins, Paulo César Garcez. "Habitação e Vizinhaça: Limites da Privacidade no Surgimento das Metrôpoles Brasileiras". In: Sevcenko, Nicolau (org.). História da **Vida Privada no Brasil**: República – da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo, Companhia das Letras, 1998, Vol. 3. p. 131-214.

MARINS, Paulo César Garcez. A Cidade Colonial na América Portuguesa: Morfologia Urbana Atores Sociais, Presença do Estado (salvador, séculos XVI a VVII). In: CARVALHO, M.M ; LOPES, M.A.S.; FRANÇA,S.S.L. (orgs). . **As cidades no tempo**. Franca: Unesp, São Paulo: olho d'água, 2005.

MATOS, Olgária. "O direito à paisagem". In: PECHMAN, Robert Moses. **Olhares sobre cidade**. RJ: Ed: UFRJ, 1994. P.43-59.

MOURA, Maria Berthilde Filha. **De Filipeia à Paraíba**: Uma cidade na estratégia de colonização do Brasil: séculos XVI-XVIII. João Pessoa: IPHAN/superintendência na Paraíba, 2010. P.71-205

MUMFORD, Lewis, Santuário Aldeia e fortaleza, in. **A cidade na história**: suas origens, transformações e perspectivas. São Paulo: Martins Fontes, 1998. 4ª Ed

NICOLINI, Alberto. A imagem de cidade e do território do vice-reino do Peru sua construção e consolidação entre 1535 e 1581, pelo fundador Francisco Pizarro, o ouvidor Juan Matienzo e o vice-rei Francisco de Toledo. In: FRIDMAN, F.; ABREU, M. (orgs). **Cidades Latino- Americanas: Um debate sobre a formação de núcleos Urbanos**. Rio de Janeiro: casa da palavra, 2010.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Uma Outra Cidade: O mundo dos excluídos no final do século XIX**. 1. Ed. SP: Companhia Editora Nacional, 2001.

PONTE, Sebastião Rogério. **Fortaleza Belle Époque: reformas urbanas e controle social 1860-1930**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha: Multigraf, 1993.208p.

REIS FILHO, Nestor Goulart. Sobre o Urbanismo barroco no Brasil. Outro Petro 1989.

REZENDE, Antônio Paulo de Moraes. **(Des)encantos Modernos: histórias da cidade do Recife na década de vinte**. Recife: Fundarpe, 1997. 204p.ISBN 85-7240-054-0

RIBEIRO, L.C.Q. (1994). Urbanismo: olhando a cidade, agindo na sociedade. In R. Pechman (Ed), **Olhares sobre a cidade**. Rio de Janeiro: EDUFRRJ.

ROLNOK, Raquel. **O que é cidade**. São Paulo: Brasiliense, 1995.(coleção primeiros passos; 203).4ª reimprensão da 1ª.ed.de 1988.

SANTOS, Andréa Cristina. SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA,26,2011, São Paulo. **A transição do regime militar para a democracia: o Partido Comunista do Brasil (PC do B) entre enlacs e jogos da política**. São Paulo: ANPUH,2011. 16p. Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300935381_ARQUIVO_textopara_anpuh.pdf<Acesso em 26 de Fevereiro de 2018.

SEVCENKO, Nicolau (org). **História da Vida Privada no Brasil - Volume 3**. São Paulo: companhia das letras,1998.

SEVCENKO, Nicolau. A capital Irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: ____ (org.). **República: da Belle Époque à Era do Rádio**. (História da Vida Privada no Brasil.Vol 3. 1998

SOUSA, Silvana Vieira de. **Tradição e fé: memórias e histórias de uma religiosidade popular na Paraíba do século XX**. Campinas, SP : [s. n.], 2011.

SILVA, Jéssica Naiara. **A estação do bairro: nos trilhos da memória contada vida, cotidiano e trabalho na ferrovia sousense (1960-2000).** Cajazeiras,2017.

SILVA FILHO, Osmar Luiz. Na cidade da Paraíba, o Percurso e as Tramas do Moderno. Recife. 1999

FONTES:

Livros de Atas da Câmara Municipal de Monte Horebe, Pb – 1961 a 1979.

1º Livro de tomo da paroquia São Francisco de Assis. Monte Horebe, 1963.

SITES:

Portal da cidade de Monte Horebe,Pb

Disponível em <<http://montehorebe.pb.gov.br/>> Acesso em 26 de fevereiro de 2018.

IBGE

Disponível em <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/monte-horebe/panorama>> Acesso em 26 de fevereiro de 2018.

Música de Luiz Gonzaga

Disponível em: <https://www.letras.mus.br/luiz-gonzaga/338393/>>. Acesso em: 03 de fevereiro. 2018

Poema: Mergulho no Passado

Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=OUeAkfdmb7c&t=138s>>. Acesso em: 03 de fevereiro. 2018

DEPOIMENTOS

Maria Deodata De Jesus,07 de novembro de 2016;

Lourival Dias,16 de junho de 2016;

Maria Vilani Pereira, 08 de novembro de 2017;

Geralda Bandeira Bento, 10 de outubro de 2017.

APÊNDICE A- ENTREVISTAS**ENTREVISTA 01**

NOME: MARIA DEODATA DE JESUS- “MARIA LUIZA”

LOCAL: RUA JOSÉ FERREIRA CAVALCANTI S/N- RESIDÊNCIA DA DEPOENTE

DATA: 07/11/2016

HORA: 18:00 HORAS

Depois da apresentação e concedida à entrevista:

L.I – Naquela época a partir de 1960 o povo vivia de quê?

M.L- O povo vivia da agricultura, era o que dava dinheiro. Era jermum, melancia, batata, planta de milho, feijão, algodão e vendia tudo lá, a feira era lá (no mercado da cidade).

LI: E era grande a feira?

M.L: Era grande a feira do Horebe, era grande.

L.I: Nesse tempo tinham muitas casas em Horebe?

M.L: Só tinha casa perto da igreja. Só me lembro da casa de Zeca Brito. As outras não tenho lembrança.

Mia fia, Lampião,ó naquelas areias tanta muié levou pea nua (risos). Aquele aquele ponto ali os cangaceiros de lampião dava peã nas muié nua. Mas num lembro de terem roubado nada. (risos)

L.I: E o que mais a senhora lembra? Como eram as festas?

M.L: As festa era boa,muita gente. Os forró era na praça. Forró e pilera (Risos). A festa de São Francisco era na igreja, fazia procissão, não era muito diferente de hoje. Só tinha as festas de São João, São Pedro,os forró.

L.I: E as roupas das pessoas, como elas se vestiam?

M.L: As blusa de manga, saia cumprida, não podia mostrar nada.

L.I: Fora as festas do padroeiro tinham outras festas, de algum santo, por exemplo?

M.L: *Não e lembra não (balançando a cabeça, pensativa). As festa de Frei Damião aqui era a coisa mais linda do mundo. Em nenhum desses lugar ele passava, mas aqui no Horebe ele adorava, passava muitos dias, era muita gente toda vida. Ele ficava na igreja, o povo ia prá lá se confessar, ele celebrava missa.*

L.I: Você lembra de quanto em quanto tempo ele vinha?

M.L: *Vei muitas vez. O povo tinha muita fé nele.*

L.I: E antes desse açude da CAGEPA quando tinha água, como era o abastecimento de água?

M.L: *Lá nos oitão. Ó tem um onde hoje é aquele cercado, um onde é a casa de dona Júlia, tem outro ali, é oi d'água. Pegava água todo dia, na cabeça, era perto. Pra lava roupa era no açude.*

L.I: E como foi quando inauguraram esse açude da CAGEPA? A senhora lembra?

M.L: *Lembro não minha fia.*

L.I: Lembra de alguma obra que foi inaugurada aqui em Horebe e a década?

M.L: *Não.*

ENTREVISTA 02

NOME: LOURIVAL DIAS

LOCAL: RESIDÊNCIA DO DEPOENTE

DATA: 16/06/2016

HORA: 17:00 HORAS

L.I: Boa tarde seu Lourival. Agradeço a disponibilidade!

Primeiro gostaria que o senhor autorizasse a entrevista e o uso dela nessa pesquisa. Porque ela passa por um comitê de ética para que seja aprovada.

L.D: *Autorizo minha fia porque eu não tenho medo de nada. Eu não fiz nada de mal em minha vida.*

L.I: Esse trabalho é sobre Horebe para entender como foi quando Horebe se transformou em cidade, a emancipação. Como o senhor foi prefeito aqui, conhece a história eu queria que me contasse como Horebe era antes e depois da emancipação.

L.D: *Ó prá começo de conversa ele era mais feio do que o que é (Risos). Mas melhorou, melhorou. Tem algumas coisa do governo, aumentou e tal. Você quer saber o quê?*

L.I: Já tinham casas construídas antes da emancipação do município?

L.D: *Tinha,tinha. O primeiro vereador de Monte Horebe fui eu.*

L.I: O senhor lembra qual foi à primeira casa a ser construída aqui?

L.D: *Tá em pé ainda. Aquela casa da esquina, daquele vei, de, de...(pensado). Que mora naquela esquina de expedito. Daquele vei Antonio daquele povo dos Lolâ. Foi à primeira casa construída aqui.*

L.I: Aí depois da emancipação as pessoas começaram a construir as casas na rua?

L.D: *Foi, mas devagazin. Começou a aumentar depois que eu entrei, com as casas construindo, aí o pessoal começou a organizar.*

L.I: Nessa época as pessoas moravam no sítio, ne?

L.D: *Era.*

L.I: E qual a principal renda das pessoas, agricultura, comércio?

L.D: *Agricultura, diferente de hoje que tá muito evoluído. No meu tempo eu não recebia dinheiro, chegava lá prá conseguir as coisas prá cá.*

L.I: E nos dias de feira aqui como era?

L.D: *As feira aqui era muito boa, bonita, era muita gente, feira boa, de tudo.*

L.I: A feira era onde?

L.D: *Aí mesmo onde é hoje, no centro.*

L.I: Nessa época, seu Lourival, se todo a maioria das pessoas viviam da agricultura, como se diferenciava as pessoas que tinham mais dinheiro que as outras?

L.D: *Era tinha o povo do sítio (burburinho) e os comerciante da cidade.*

L.I: E as primeiras eleições como foram?

L.D: *Era assim normal do jeito de agora. Os comício dava pouca gente.*

L.I: E como o povo se divertia nessa época de 1970? Tinham forrós, como era?

L.D: *Tu acredita que era mais mior do que agora? Era muita gente boa. Agora não, tem forró até demais. Eu sou mais eu que não quero ir prá forró. É o povo indo pró forró e eu aqui não tenho mais disposição de ta em forró.*

ENTREVISTA 03

NOME: GERALDA BANDEIRA BENTO

LOCAL: RESIDÊNCIA DA DEPOENTE

DATA: 10/10/2017

HORA: 17:09 MN

L.I: Boa tarde. Agradeço a disponibilidade!

Primeiro gostaria que a senhora autorizasse a entrevista e o uso dela nessa pesquisa. Porque ela passa por um comitê de ética para que seja aprovada.

L.I: Na década de 60 a senhora já morava aqui na cidade?

G.B: *Em 67 eu vim prá cá, morava no sítio. Cheguei em 67.*

L.I: Nessa época existiam construções na zona urbana?

G.B: *Eu lembro de Lourival indo pra lá, no pedo, tirava o leite do gado lá e tudo, mas do meu tempo essa casa dele aqui já existia. A casa de expedito, por sinal tão construindo lá, ne! Essa casa aí onde mora João Pi(interrupção), onde mora Naninha que era que*

chamava é ,como era a mãe de Genivalda, que não é mãe, era vó de Genivalda. Como era o nome dela mulher? Você não lembra, não é do seu tempo. Meu Deus do céu!

L.I:Você disse que chegou aqui em 67, a renda das pessoas era qual? Agricultura...

G.B: *Minha filha fala sério, pelo menos o pai do meu marido trabalhava com meu pai lá na Ponta da Serra. Ele trabalhava, como é que é? Ele botava roça com o pai. É isso que fala,né? E Chicó era um pitoco desse tamanho assim (gesticulando) que ele é mais velho do que eu só dois ano, Né? Meu marido. Ele trabalhava lá mais o pai dele, ele fazia alguma coisa, pelo menos em época de,de, de colher, assim, Né? Plantar. O pai dele trabalhava com meu pai.*

L.I: As pessoas vinham do sítio para a rua por conta da feira? Como era a feira aqui?

G.B: *Era bem melhor.*

L.I: Era aqui nesse mercado?

G.B: *Não, Aí era assim só uma meia parede assim, um galpão, entendeu? Era tipo um galpão, não era a parede até em cima. Só que era coberto, mas era uma meia parede assim. Nossa, era muito, muito grande, era muita coisa. Muita, muita mesmo. Era tudo lá dentro. Não tinha essas coisas de banquinha fora, essas coisas assim, até banca de tecido as pessoas vendiam lá dentro. Luiz Gonçalves que hoje tá bem de vida, graças a Deus, começou vendendo nessa época ele trazia o banquinho de tecido prá cá.*

L.I: Aí o pessoal trazia mercadoria do sítio, por exemplo, batata, frutas para vender lá?

G.B: *Era, isso.*

L.I: Você lembra qual o dia que era a feira, porque agora é no sábado, né?

G.B: *Domingo, era domingo.*

L.I: Porque a feira de São José é na segunda e as pessoas costumam ir, mesmo sendo a pé, NE?

G.B: *É na segunda. Agora Frei Damião pediu para não mudar, ne? Assim eu ouvi falar que ele tinha pedido prá não mudar, prá voltar a feira no domingo.*

L.I:Eu já ouvi falar que a feira era no domingo,porque na segunda algumas pessoas iam para São José...

G.B: *E no sábado muita gente trabalha, faz alguma coisa assim de roça, aí no domingo ninguém vai trabalhar. Dava mais gente, eu acho. Menina, nossa, dava muita gente, muita gente e era o povo passava assim pelo outro na rua, nesse centro aí de Cláudio, sabe? Só gente!*

L.I: E nessa época as ruas eram calçadas?

G.B: *Então aqui mesmo em frente da minha casa, não tinha a prefeitura, não tinha,por sinal não tinha prefeitura, por sinal. Agora me recordo que não tinha prefeitura. Sei que não era calçado, daí da minha calçada para a outra rua de Belizária era chão, chão mesmo,de terra. Tinha muito xerenzinho de pedra, num sabe? Eu lembro disso daí. Por sinal no dia que mataram o finado Zé Basílio, ele era padrinho de minha filha, é, nossa. Foi lá para os lado das Batinga.*

L.I: Foi nessa década de 60 também?

G.B: *Mulher em sessen... 74, não já era em 75. Porque minha filha nasceu em agosto e mataram ele, ela tinha 8 meses. Por sinal meu marido quase morre nesse dia, porque ele estava sentado assim com ele, igualzinho. E essa morte foi com o pessoal da Batinga.*

L.I: Mas você sabe o porquê desses conflitos, dessa morte, essas coisas?

G.B: *Uma traição de uma mulher que tinha traído o marido... foi horrível hoje, mas não tem as drogas que tem hoje, as matanças que tem hoje,mulher matando o marido, mandando matar,é, é, namorado matando as namoradas. Você viu o acontecido aí desse cara em Minas, pertinho da minha filha lá. (pausa)*

L.I: Sei

G.B: *Assim que meus irmãos chegavam da roça e tudo que tomava banho, a gente ligava nesses forró de Cajazeira e ia era dançar.*

L.I: Era? Na calçada?

G.B: *Nam,era dentro de casa mesmo, era.*

L.I: Ouvia-se falar em ditadura, comunismo, atentado, militarismo, essas coisas?

G.B: *Não. Já existia, mas longe que a gente não tinha nem.*

L.I: A iluminação da cidade vinha dos postes, como era?

G.B: *Luz motor. Eu mesmo alcancei a luz do motor.*

L.I: Onde ficava o motor, você lembra?

G.B: *Dent' de casa era candeeiro. O motor ficava aí onde hoje é Severino de Santino. Aí.*

L.I: Aí tinha hora para acender e apagar também?

G.B: *Acho eu acendia de seis e apagava de nove.*

L.I: No caso tinha toque de recolher para as pessoas irem para casa também?

G.B: *Ah... com certeza. Não podia ficar nos escuros. Também assim a gente ficava em casa, não saia muito.*

L.I: E as pessoas se alimentavam mais dos alimentos da roça?

G.B: *Era e dava, viu? Era plantando e colhendo mesmo, enchia silos. Meu pai mesmo, nossa senhora, aonde era o açude, não sei se você conhece da Ponta da Serra, ia até a extrema do finado Zé de Sousa, as planta dele, de banana, de manga, de goiaba, de pinha, de, de, de, menino, nossa tanto pé de manga que baixava assim as galhas. Os pés de mangas dava duas vez a altura dessa casa, banana maçã que meu pai lavrava, NE nos animal. Vamo dizê, Era seis caçuá em três animal de banana maçã cheio, cheio de banana maçã e ainda ficava em casa. Era só banana maçã, não tinha outra, a banana que ele lavrava era banana maçã. Agora, era bom demais. Minha mãe fazia queijo de manteiga, era muita vaca que meu pai tinha. Nossa senhora, era muito leite, muito leite! Faia bastante queijo de manteiga, de coalho, ah!*

L.I: Em 1970 teve uma seca muito grande. Você lembra de alguma coisa sobre essa seca?

G.B: *Pronto em 70 eu tive um filho. Houve é, é as mergências.*

L.I: Você conhecia muita gente que trabalhava nessas Frentes de emergência?

G.B: *Não, não, era quebrar pedra, nera negócio de quebrar pedra? Mas não sei se era nessa mesma época (pausa). É, é, eu não lembro se morreu algumas frutas na época assim. Porque o açude, o açude tinha reve, NE? A parede que pegava o açude cheio, assim. Era revê que chamava. Tinha uma revê que entrava dentro do sítio. O açude ali(Cagepa) foi Bodé que construiu. Não lembro o ano.*

L.I: E com relação a educação. Tinha escola aqui em 70?

G.B: *Tinha, tinha que meus filho já estudava. O Marconde que é de 68. Já tinha.*

L.I: E com relação a saúde. Tinha posto já ou foi depois?

G.B: *Tinha não(balançando a cabeça). E a estrada de São José de Piranhas era chão.*

L.I: Iam de quê? Carro, cavalo?

G.B: *De carro, animal também. Aí tinha uma passagem de água lá em São José de Piranhas, antes de chegar em São José de Piranhas. A gente passava por dentro quando não estava cheio.*

ENTREVISTA 04

NOME: MARIA VILANI PEREIRA

LOCAL: RUA TIBURTINO DIAS DE OLIVEIRA. Nº 30 - RESIDÊNCIA DA DEPOENTE

DATA: 08/11/2017

HORA: 19:22 MN

L.I: Boa tarde. Agradeço a disponibilidade!

Meu nome é Leiana Ísis, sou aluna do curso de História, estou no décimo período. Essa entrevista tem finalidade de falar sobre Monte Horebe, as mudanças físicas e sociais, sua experiência de vida em Monte Horebe. O comitê de ética pede que o depoente autorize o uso dessa entrevista na pesquisa.

M.V: *Muito bem. Está autorizada!*

L.I: Eu elaborei algumas perguntas acerca da cidade, mas ao decorrer da entrevista você pode ficar a vontade relembrar e falar sobre o que lembrar.

A gente sabe que a emancipação de Horebe se deu na década de 60...

M.V: *61, 1961.*

L.I: Em 1961 você já morava aqui?

M.V: *Morava no sítio de Monte Horebe.*

L.I: Qual o sítio?

M.V: *Poço Cavallo. O qual foi construído Monte Horebe também. O sítio Poço Cavallo.*

L.I: E Onde hoje é o centro havia casas?

M.V: *Tinha pouquíssimas. E a primeira casa que foi construída lá na esquina (onde mora Lourdes Ferreira), naquele prédio que hoje é de Lindete foi a primeira padaria e era do senhor Joaquim Dantas. Onde é Ana & Jairo, Expedito, por ali, era um comércio de tecido, uma loja de tecido de Cesário Pereira de Sousa, por sinal meu tio. Depois vinha as falhas de casa e já vinha para a da esquina de Dona Santana, conhecida como a primeira mulher com o ponto de venda de lanche, de cafezinho, de doce. Passando-se o bequinho aí vinha a casa da primeira professora Francisca Gondim. Aí tinha outras falhas, a casa que hoje é de Neuza Pereira, mas que nesse tempo era do pessoal de tio Venâncio, primeiro... praticamente o fundador de Monte horebe. Do lado que estou te falando, já do outro lado, a direita da igreja de quem entra tinha pouquíssimas casas. Começava ali casinhas de Taipa, onde hoje é Dezinha. Vizinho a Dezinha tinha mais uma padaria de Joca Dias, aí vinha as falhas. Eu não me recordo tudo. A casa de seu Lourival no tempo da emancipação já era construída, as duas casas de seu Lourival, essa padaria de Joca, a de expedito eu não lembro. Foi construída eu ainda morava no sítio e esquina que hoje é do pessoal de Vilma era um salão de festa do senhor Clóvis Cavalcante. Aí vinha as falhas novamente que dava de encontro com casas bem falhadas no centro, Mas tinha na esquina que hoje é a praça, como estou le dizendo, tinha o primeiro açougue do senhor José Ferreira Cavalcante.*

L.I: Quanto a praça, já existia aquela praça, não naquela configuração?

M.V: *Nem naquela e nem na primeira. No lugar daquela praça, após a calçada da igreja vinha esse cruzeiro que eu Le disse. Era um cruzeiro, era uma armação feita com madeira, lá na cabecinha da madeira tinha um galo e nele tinha uma, uma proteção de não cair raios, era um para raio e era feito um cruzeiro em volta de degraus onde o povo passeava, se sentava pra bater papo. Não tinha praça nesse tempo, só esse cruzeiro onde as pessoas se sentavam nos degraus. Tinha pé de figo. Tinha um pé de figo que era ali onde hoje é o prédio de Jairo. Uma das primeiras plantas. Na esquina também tinha outro. O povo se sentava nas calçadas fora os degraus desse que se chamava o cruzeiro de Monte Horebe que, hoje ele está no cemitério. A história não perdeu, é aquele do cemitério. Inclusive eu falei com um dos vereadores para ele fazer o mesmo modelo que era lá fazer ali pequenininho, porque não cabe, mas fazer. Porque lá era grande, o povo passeava em volta, era bem divertido, eu lembro.*

L.I: Sei. A maioria da população morava na zona rural? E as pessoas vinham passear nesse local que hoje é a praça todos os dias?

M.V: *A maioria. Não. Só nos dias de feira e era aos domingos. A feira nesse tempo era aos domingos, quem mudou a feira dos domingos foi Frei Damião. Porque domingo não era dia de trabalho, era dia de descanso, do Senhor.*

L.I: E a igreja? No livro de Tombo da igreja se tem que ela tornou-se paróquia em 63, mas não se tem nada sobre a construção dela.

M.V: *Só, tem a história, NE? Que antes foi quando Joaquim de Sousa doou um terreno pra fazer Monte Horebe, ele fez uma capelinha onde hoje é aquele prédio de Orestes e depois Pe. Ferreira criou o memorial São Francisco, lembra? Que terminou acabando. Então por conta da população que ia aumentando as pessoas não sabiam preservar, NE? Derrubaram essa capelinha, era de frente para o poente que, essa eu não conheci. Eu só sei da história porque meus pais me contaram. Isso não foi do meu tempo! Aí construíram a outra igreja mais em baixo que coubesse as pessoas que freqüentavam. Foi aí que foi construída por Venâncio Dias com recursos próprios, ele praticamente construiu aquela igreja só ele e os filhos. Pouquíssimas pessoas eu vejo falar que, eu escuto falar que alguém ajudou.*

L.I: Sei. Mas isso foi antes do Pe. Ferreira? Porque antes teve Pe. Linhares que ficou entre as duas paróquias.

M.V: *Foi bem antes. Isso eu já fui batizada lá já por Pe. Linhares. E antes era Pe. Virgílio que eu também não conheci. Mas isso já foi bem antes da emancipação. Eu fui batizada naquela igreja com um mês de vida, em 52. Então ela existe há muitos anos.*

L.I: Então se pode dizer que a igreja sempre se localizou ali desde a sua construção? E a prefeitura?

M.V: *Sempre. A prefeitura? A prefeitura teve um tempo, o tempo de Severino Gabriel que já foi o primeiro prefeito votado. Ela começou funcionando praticamente na casa dele, aí depois que foram construindo alguma coisa que a primeira prefeitura de Horebe era onde é hoje a câmara de vereadores. Foi a primeira prefeitura de Monte Horebe.*

L.I: Nas primeiras eleições como se dava os votos? Não era em urnas, como se dava?

M.V: *Eu me lembro que os meus pais diziam que quando Monte Horebe pertencia a Bonito era um voto diferente, tipo uma urna que não era segura, tipo um saco. E que quando começou a votação aqui era uma urna, como estou Le dizendo, tipo um saco e eu nem sei se aquilo tinha lacre. Eu sei que eu escutava meus pais contando como foram as primeiras votações aqui.*

L.I: E a gente sabe que o município sempre teve ligação econômica, a renda principal vinda da agricultura. Creio eu que em 60 devia ser algo mais acentuado do que é hoje. Você lembra como as pessoas viviam nessa época?

M.V: *Minha filha, todo mundo que tinha terra cedia para aqueles que não tinham. Tipo assim, a comunidade se dirigia aos que tinha terra, pagava renda dessa colheita que, graças a Deus meu pai não cobrava, o povo plantava e dava o que queria. E era sempre em cima do milho do arroz, feijão, da fava. E pra sobrevivência financeira, que isso era só do alimento, ne? Para a sobrevivência financeira, pra outras compras era o plantio de algodão, aqui teve um tempo que teve plantio de sisal até na terra do meu pai. Eu era pequena, bem pequena, morava lá no sítio ainda e é... Monte Horebe é dentro desse sítio, 1,5km só.*

L.I: Quando a gente fala assim : Nessa época Monte Horebe era cidade. Pelo menos penso eu não essa dimensão de cidade que a gente tem hoje. Mas recém formada, onde

as pessoas estavam vindo para cá aos poucos, devagar. Teve algum acontecimento em 60 ou 70 que você se lembre, alguma coisa marcante?

M.V: *Minha filha, só mais as festas do padroeiro, as festas políticas que sempre aconteciam, a festa tradicional do preto e branco que já começou a acontecer na década acho que de 70. Foi despertando assim a curiosidade do povo e as festas foram crescendo. Sessenta mesmo eu não lembro muito dos acontecidos até sessenta e sete por aí assim, eu ainda morava no sítio, mas já tinha. Severino Gabriel começou a construção da praça. Uma pracinha rasteira muito bonita por sinal, bancos soltos feitos de cimento. Esses bancos alguns vereadores colocaram uma placa, teve umas doações e alguns vereadores que queriam o banco com seu nome doava. E na década de 70 já que foi no tempo de seu Lourival ele reformou a praça sem tirar à estética e colocou bancos de encosta que, era tipo sofá. Mas não meu na plantação, na arborização que, era groselha e pampola.*

L.I: No caso não tinham ainda os pés de figo?

M.V: *Não, os pés de figo tinham na rua. Agora na praça era pés de groselha e aquelas que o povo chama de pampola que, nós chamamos boca de leão. Aí depois foi construído o mercado. Aquele mercado quem construiu foi Assis meu irmão, Assis Pereira de Sousa e era só, tipo uma latada que o povo chamava, depois é que foi reformado por Assis novamente e hoje dizem que vão reformar. O ano eu não lembro não, só sei que foi na década de 70.*

L.I: No caso aquele mercado era só meia parede, mas tinha coberta?

M.V: *É assim, é como eu digo, era tipo galpão aberto, mas tinha coberta sim e que funcionava para o pessoal comercializar dentro. Vinha bastante gente de São Zé de Piranhas, vinha pessoas de fora. O comércio daqui teve um tempo que foi muito, muito bom. Tanto de lojas como no sentido do que o povo chamava bodega. Não tinha bares, era bodegas e também era onde era feito as festas, ali no mercado. Fazia a esta do 31 de maio.*

L.I: E se você pudesse fechar os olhos e lembrar o cenário de como era o mercado. Você encontrava o que para vender lá?

M.V: *De tudo um pouco, principalmente cereais. E tinha bancas de miudezas. Por sinal eu ainda lembro que um dos primeiros comerciantes que veio vender o que o povo chamava miçanga foi Jurami, Jurami de São Zé de Piranhas, que eles diziam a banca de miçanga de Jurami não veio hoje. Cada um tinha seu local e era até cobrado impostos. Era bem organizadinho. Tudo simples e organizado.*

L.I: Então a gente pode dizer que o mercado, o comércio era um ponto de encontro, NE?

M.V: *Um ponto de encontro onde a gente passeava em volta. Passeava em volta, namorava, dançava, se divertia tudo de braços dados (risos). Só não podia era beijar! E que ali antes, quando foi doado esse terreno Leiana, foi celebrada a primeira missa em uma latada feita de palha de coco. Essa missa eu me lembro que meus pais diziam, foi celebrada no dia 18/10/1925 que houve o primeiro casamento que, foi os pais de Antônio de Pedro, seu Pedro. O primeiro casamento, dessa latadinha fizeram tipo uma capelinha de palha de coco, armação de madeira, mas palha de coco. Isso eu não conheci, é história que meus pais me contavam.*

L.I: E as ruas eram calçadas, como eram? Na terra?

M.V: *Era na terra. Além de falha as construções, eram casas simples, na terra. O primeiro calçamento eu acredito que já foi com Severino Gabriel que por sinal fez um centrinho, fez a praça e foi calçando aos poucos.*

L.I: Por exemplo, se você entrar nas imagens do Google Earth vai ter as imagens aéreas De Monte Horebe e percebe se que algumas ruas vão de encontro, mas acredito que nem sempre foi assim, que não é uma cidade planejada.

M.V: *Quando começaram a construir a rua que desce para o colégio José dias guarita hoje, lembro que tinha assim umas quatro casas. Mas já em alinhamento. Era bem organizado. Depois foi cruzando as ruas e sempre foi organizadinho. Não era organizado aqui prá trás. Inclusive aqui onde hoje é o clube tinha bastante casas que o povo chamava casa de taipa. Tinha umas casas de taipas que eram chamadas “O doze”. Eram as casas das mulheres amadas.*

LI: No caso, casa de taipa, como assim?

M.V: *É construída com armação de madeira e preenchida com barro.*

L.I: Então a maioria das casas aqui era desse tipo?

M.V: *Não, só nessa rua. As outras eram de tijolos. As do centro já foram feitas com tijolos.*

L.I: As pessoas que morava no centro, no que hoje é o centro, digamos que era porque elas tinham uma condição social mais elevada ou não?

M.V: *Era, eram pessoas que tinham condições de construir casas melhores.*

L.I: E em questão do abastecimento de água na cidade?

M.V: *O abastecimento de água na cidade antes de eu vir morar aqui eu ouvia falar que pegava em açudes vizinhos. Depois construíram esse açude que era chamado açude da rua, na entrada de São Zé de Piranhas para Monte Horebe. E antes desse açude o pessoal pegava água ali na frente do Venâncio Dias onde tinha uma cacimba que hoje chama de poço. A água potável era essa.*

L.I: Conta-se que em pontos da cidade aqui tinham o que chamava-se oitão, depois ouvi falar que esse açude que hoje é poluído servia para o abastecimento de água também.

M.V: *E era normal, o povo nem adoecia, certamente a água era pura, ne? Porque o açude foi feito justamente para abastecer a cidade, só que as pessoas indo pegar água. Lata d'água na cabeça, ancoretas, caçambas com latas. A gente comprava querosene, esvaziava as latas pra carregar água nessas caçambas. E eu fiz parte disso. Minha primeira profissão aqui em Monte Horebe foi botar água. Eu botava água na casa da minha mãe e das minhas irmãs. Em vez delas pagarem a outras pessoas que botavam pra ganhar, elas me forneciam roupa, calçado, perfume. E eu já tinha meu 12 anos, e foi minha primeira profissão em Monte Horebe, botar água em jumento para abastecer algumas casas.*

L.I: Então, a construção desse açude que no caso abastecia a cidade recentemente foi mais ou menos em que ano você sabe?

M.V: *Lembro não, porque eu também passei um tempo fora, na década de setenta passei uns três anos em São Paulo. Quando eu cheguei aqui foi na época dessa construção, mas o ano não lembro não.*

L.I: E a iluminação da cidade como era?

M.V: *A iluminação da cidade era a motor, só funcionava no máximo até oito horas da noite. Era ligado quando escurecia e era naquela rua onde hoje é a casa de Cilinha mãe de Zenaide, era a casa do motor. Aí era abastecida essa energia aos tanques d'água. Eu lembro demais que eu fui conhecer pequena. Tinham uns tanques d'água onde esse motor se movimentava através disso, como eu não sei. Sei que eu lembro que tinha um tanque d'água enorme e no meio desse tanque d'água tinha esse motor pra abastecer a cidade. Não tinha geladeira, não tinha ferro elétrico. O primeiro ferro elétrico e a primeira geladeira que foi comprada em Monte Horebe foi Raimundo Martins. E ligava também só um pouquin, porque não tinha energia diariamente. Tinha o toque de recolher para as pessoas. Dava três sinais que a luz ia apagar. No terceiro sinal já tava todo mundo em casa. A base de candeeiro. Não tinha vela não, era candeeiro. Fogão a lenha, candeeiro, a base do pote.*

L.I: Até porque eu acredito que as pessoas, principalmente as mulheres não tinham tanta liberdade pra estar transitando nas ruas, NE?

M.V: *Tinha nada. Meu pai não deixava nem ver as outras. Era uma vez perdida que a gente vinha dar umas voltinhas ao redor desse comércio ou dessa praça que já estava feita, acompanhada, sempre acompanhada. Mas no tempo da falta de energia não tinha praça ainda não.*

L.I: E o policiamento da cidade?

M.V: *Eu lembro que meu pai contava que no tempo dele era delegado nomeado. Tinha tipo às pessoas determinadas a fazer acontecer à justiça. Como eu lhe disse, quando foi já nesse desfile, eu acredito que nos anos sessenta. Esse primeiro desfile que você vai ver as fotos já tinha três policiamento. Um cabo que se chamava cabo Pereira, o nome dele de guerra, NE que eles chamam? E dois policiais que eu não lembro. E no decorrer dos anos foi mudando esse policiamento.*

L.I: E eu queria que você tentasse lembrar dos finais dos anos 60 já chegando em 70. Os meios de comunicação qual eram?

M.V: *Aí já foi melhorando. Porque aí sim nessa época já funcionava correio, só que era em casa particular, era na casa de seu Zé Fragoso. Aí tinha o telefone, isso quando*

eu ainda morava no sítio, o telefone daquele que manuseava que eu não sei nem como era o nome, tinha esse telefone e um pequeno cartório de dona Aldenora, já vizinho a casa dela e começou funcionando as coisas bem melhores. Na década de 70 já era bem arrumado. O Venâncio Dias funcionava bem, já tinha o Ivan Bichara, onde foi demolido, por trás do Venâncio, já tinha creche. Em 70 já indo pra 80 era bem... Eu cheguei aqui, fiquei até 74 em São Paulo e quando eu cheguei aqui já tinha transporte pra gente estudar em São Zé de Piranhas. Era bem evoluído.

L.I: No caso a educação que o município oferecia era qual, 1º grau?

M.V: *Era primário, da alfabetização ao 4º ano.*

L.I: E era considerado muita coisa?

M.V: *Era muita coisa, Leiane. Era tão bem aplicado que eu quando fui ser professora do município eu só tinha o 4º ano e dava conta de ensinar da alfabetização ao 4º ano. Alunos gostavam de estudar naquele tempo.*

M.V: *Aí começou as novas construções. Que fizeram aí o centro social, o clube nos anos de Raimundo Bento, pelo prefeito Raimundo Bento. Ivo Saraiva fez poucas bem feitorias na cidade, porque ele era assim prefeito do povo. Ele era mais de ajudar o povo. Em tudo que fosse necessário ele era muito presente na vida do povo. Severino Gabriel começou a enfeitar o Horebe já fazendo a praça, já organizando a câmara de vereadores. Aí depois veio o seu Raimundo Bento que eu só lembro essa construção do clube. Depois vieram outros prefeitos. Agora acredito, Leiane que o prefeito que mais construiu Monte Horebe foi seu Lourival. Ele construiu câmara, ele construiu prefeitura. Ele construiu onde funcionava a Telemar, construiu rodoviária, construiu o Ivan Bichara que funcionava até a oitava série. Na gestão dele que, ele foi prefeito mais de uma vez. Ele construiu creches, ele organizou a parte de correios, ele oi organizando aos poucos. Eu não lembro bem qual foi à década, se foi setenta ou oitenta. Mas acho que já foi de 70 a 80, já nos finais, já teve o banco, eu acho que era o bradesco. Que funcionava Ali a caminho do Zé dias guarita. Os políticos pra serem... mulher nós tivemos prefeito analfabeto, mas não implicava eles serem organizados. Não sabia colocar tudo para frente em organização maior, mas em relação à situação deles era tudo organizado. Os vereadores não ganhavam dinheiro nessa época, era espontâneo e ainda fazia pelo povo.*

L.I: Esse centro onde hoje a gente conhece por centro social, ele já existia em 70?

M.V: *Não, esse centro social, acredito que já foi na época de Zé Bodé e acabou a estrutura da entrada de Monte Horebe, acabou a graça. Eu acho que ele foi construído de maneira errada e depois parece um baú.*

L.I: Uma coisa que me chama muito a atenção é aquele cruzeiro que tem em frente. Você sabe alguma coisa sobre?

M.V: *Eu acredito que aquele cruzeiro desceu pra ali quando acabou a história do cruzeiro do centro praticamente deve ter criado esse dali. Eu não Le respondo com precisão não porque eu não lembro.*

L.I: E as outras praças que existem a parte da central, na rua do José dias guarita, a praça padre Cícero?

M.V: *Eu acredito que ali já foi em setenta, eu era bem mocinha. Todas as ruas tinham uma pracinha daquelas e os prefeitos não foram segurando, zelando por elas, NE? Caia e deixavam cair. Mas tinha a pracinha que desce pra Bonito, a pracinha que hoje está bem estragada, a Padre Cícero. Essa que desce para o colégio foi a última que foi construída. Ai depois dessa praça que Severino Gabriel fez a pracinha rasteira. Aí Luiz pedrosa trouxe a planta dessa que agora foi demolida, a população não gostava. Ele fez aquela praça ali e principalmente as pessoas que moram no centro não gostaram porque tomou a visão. É uma praça mais pra cidade que em prédio e não casas. E fez aquela plantação, prejudicou muito as casas e ela foi demolida porque, a pedido do povo, viu? Quiseram questionar, mas...*

L.I: Quanto ao crescimento da cidade. Em qual década você acha que a cidade cresceu mais? Em 60, 70, 80, 90 ou ela está crescendo mais agora?

M.V: *Eu acredito que ela está crescendo mais agora, porém ela teve um grande avanço entre 70 e 80.*

L.I: Conta-se que em 83 e em 70 teve uma seca grande, NE?

M.V: *Em 70 teve uma seca que foi triste. Em 80 teve uma seca, mas leve do que 70 e já tinha o abastecimento, tinha a CAGEPA que mesmo o açude não dando pra abastecer normal, criaram-se uma frente de emergência que fizeram tipo o canto onde as pessoas*

pegavam água que era ali abaixo da casa de Bida. Aquilo ali eu nem lembro como era que chamavam, eu sei que tinham umas torneiras de água e o povo ia pegar água. Antes não eram caixas de água, eram torneiras em determinado lugar pra o povo pegar água, só tinha nesse canto também, não me lembro se tinha em outro canto não.

L.I: Você chegou a conhecer alguém que trabalhou nessas frentes de emergência?

M.V: *Conheci bastante gente. Muito sofrido, as mulheres quebravam pedra. Não só trabalhavam homens não, as mulheres também iam quebrar pedra. O trabalho era pesado. Bastante gente sobreviveu sofrendo. Foi saqueado. Monte Horebe foi saqueado na seca de 70. Eu lembro que o povo dizia que vinham de fora, que também vinha do sítio, eu lembro que eles ficaram no mercado, no galpão. Saqueavam e levavam pra lá, foi triste.*

L.I: Foi na mesma época que você estava em São Paulo?

M.V: *Não, nesse ano eu estava aqui ainda. Foi antes.*

L.I: Não tinham polícias na cidade ou eram poucos?

M.V: *Eram poucos. Um policial, dois, nem se atrevia, NE?*

L.I: Mas mesmo com essa seca, com as pessoas trabalhando nas frentes de emergência, o trabalho principal ainda era a agricultura ou não?

M.V: *A agricultura. Mesmo sem ter certeza se iam tirar o que comer eles colocavam roça. E o tratamento era à base da broca e da queima. Não tinha máquina, eles mesmos brocavam, faziam a derruba das matas e queimavam; O que prejudicava o solo.*

L.I: Se você pensar em tudo o que me falou até agora. Você acha que a cidade de Monte Horebe mudou muito?

M.V: *Mudou em relação a educação. Eu acho Monte Horebe, pelo que eu já passei em Monte Horebe, ela virou uma cidade grande em educação. As pessoas são mais esforçadas, os pais são mais liberais, que antes não deixavam a gente estudar fora. E hoje as pessoas buscam. Se não tem realmente aqui o que a gente necessita pelo menos tem a condição de buscar lá fora, NE? Melhorou muito na educação! Eu também acredito que tenha melhorado muito na saúde, porque antes aqui ou correria pra São Zé de Piranhas ou Cajazeiras ou morria.*

L.I: Você lembra quando foi construído o posto de saúde aqui?

M.V: *Eu acho que foi na década de 70 esse posto.*

L.I: Esteticamente como você vê a cidade hoje?

M.V: *Eu gostaria que tivesse umas modificações, (risos). Bem que Eu gostaria que tivesse umas modificações, principalmente na maneira de construir. E aqui quando a gente fica idoso, as crianças, nós não temos passeio. As casas foram construídas desestruturadas. Em alinhamento, mas cada um foi fazendo do seu jeito, as calçadas não oferecem passeio pra gente. Você aqui anda perigosamente no meio da rua, porque não tem como está subindo. E que há uns 10 anos atrás foi feito um projeto, eu participei do projeto, onde as casa que fossem ser construídas a partir daquele momento eram pra ser em alinhamento, calçadas de passeio, se fosse preciso aterro ou não. E não cumpriram com isso, continua do mesmo jeito, sem pensar. Eu quero fazer uma casa aqui e faço. Por exemplo, no tempo que eu fiz a minha isso não tinha acontecido ainda, porque se tivesse acontecido eu não teria feito calçada tão alta. Só que a minha eu tive que fazer alta porque o erro já vem de antes. Um saiu errando atrás do outro.*

L.I: Sei. E em questão de divertimento naquela época, eu queria que você frizasse alguns tipos de diversão nesses períodos que eu perguntei para você e comparasse com agora para eu entender se houve muita mudança.

M.V: *A maior diversão dos jovens eram duas ou três festas ao ano, começava as 7 horas da noite até as 11 e a ente era acompanhada dos pais. A privacidade era pouca, se tinham valores a ser respeitados.*

L.I: Consumiam álcool nas festas?

M.V: *Consumia, já tinha quem consumisse álcool, só que era bem interessante, por não ter geladeira, era colocado em tambores. Mandavam pegar gelo fora e colocavam as bebidas em tambores, só que as festas já tinham consumo de álcool, só que era raro você ver pessoas de fogo. Bebiam pra se divertir.*

L.I: Eu tenho aqui algumas fotos da cidade vista de cima e de alguns pontos, praça, igreja... queria que você olhasse e me falasse que lembrança te traz.

M.V: *Essa praça tinha uma fonte de água no meio, por sinal o cruzeiro ficava aí. E a igreja sempre foi assim, mas sem essa porta de lado. As primeiras portas dessa igreja quando foi pra mudar, porque as outras já estavam antigas, foi nesse ano que eu fui candidata (Mostra a foto), que por sinal o dinheiro foi para fechar a igreja que era a porta de duas bandas. Ainda conheceu? Depois eu fui candidata de novo e compramos parte dos bancos, aqueles fraquinhos que foram doados.*

L.I: *Vendo essas fotos de cima percebe-se o clima da cidade era bem agradável, NE? Há uma diferença do clima de antes para o de agora. Realmente teve época que aqui estava muito frio?*

M.V: *Teve. Aqui teve época que você amanhecia e anoitecia de meia, roupa de frio e nem ventilador existia, porque era frio, muito frio, principalmente junho e agosto que era com garoa, com gelo. Eu ainda vi chuva de granizo em Monte Horebe do tanto que esfriava. O povo correndo para a rua para chupar gelo que naquele tempo não tinha gelo, o povo chamava chuva de gelo. O povo chamava : vamos chupar gelo! Nós só via gelo quando tinha essa chuva de granizo que o povo chamava pedra. Era um clima frio!*

L.I: *Sei. Essa outra foto dá pra ver a praça antiga.*

M.V: *Eu sinto saudades dessa praça. A gente chupava muita groselha. No tempo de seu Lourival as festas eram simples, porém ele dava tudo, até as roupas dos estudantes pra desfilar ele dava. Quando terminava o lanche era na padaria, ki suco com pão pra todo mundo, era o prato que tinha pra oferecer, e bala, essas coisas assim que tinham. Era mais para as crianças, mas se o povo entrasse na fila pra comer, ele também não dizia não dê, ele deixava a vontade. Nessa outra foto aí (foto mostrando a antiga prefeitura municipal) a prefeitura era justamente essa casa, a casa do prefeito e a prefeitura. A prefeitura era prefeitura e a casa do prefeito. Então nesse primeiro desfile aí, desfilou com os meninos pela rua e a concentração foi aí. Pode ver que o desfile vai passando e vem para escutar os discursos. Era bem organizado para a época, minha filha. E tinha o alto-falante para baixo, onde hoje é a casa de Geraldo Catita, onde tinha o quartinho do alto-falante. Era uma casa e fornecia o quarto só pra esse alto- falante, me lembrei agora que Chico Dias falava assim “Alto falante a voz de Monte Horebe.”*

L.I: *E rádio. Vocês já escutavam a rádio de Cajazeiras?*

M.V: *Escutava mais a áudio piranhas, era mais a áudio piranhas e eu lembro que o primeiro rádio que eu vi foi meu avô que trouxe, veio passar uma semana na casa da minha mãe e trouxe o rádio para a gente conhecer. Até o rádio era difícil, mas também depois que chegou energia aí tudo foi melhorando, já começaram a comprar rádio de energia e diminuía a pilha, mas a maioria era a pilha. Eu lembro que a gente escutava toda a programação. Os pais não deixavam a gente sair à noite, a gente se juntava em volta do rádio e ia cantar as músicas ao som do rádio.*

L.I: Sei. Em 60 e 70 principalmente o Brasil passou por uma fase bem difícil, o da ditadura militar. Chegavam burburinhos, comentários de alguma coisa aqui, por causa da distância?

M.V: *Chegava, mas pouca gente entendia. Meu pai era muito curioso, ele gostava de ouvir a rádio globo depois da meia noite e no outro dia ele amanhecia contando essas histórias. “Por aí a fora está um história militar, de uma guerra.” Ele contava. Eu lembro assim de eu entender, mas ele contava vagamente. E eu lembro que aqui por duas vezes nessa época vieram manifestantes de fora a pé, tudo de vermelho, protestando que, eu não lembro o quê, eu morava no sítio e passava esse protesto. E o povo dizia “É o comunismo, ó aí o comunismo.” E tinha medo. Tinha medo porque não se tinha o costume de ver uma manifestação daquelas, como se faz hoje nas cidades grandes e todo mundo já sabe o que é, mas naquele tempo eles tudo de bandeira. Era só fazendo uma demonstração e tentando conscientizar o povo do que eles estavam fazendo. Teve um ano, eu não lembro a década, mas teve um ano que passou duas vezes.*

L.I: E o que mais você lembra?

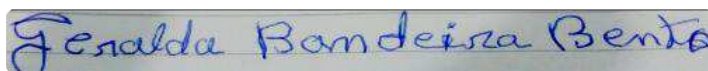
M.V: *Olhe, a primeira professora do Horebe foi Dona Iracema. Dona Iracema ensinava lúdico, ensinava cantando, sem saber o que era metodologia, sem saber o que era nada. Ela só tinha primário, ela ensinava lúdico. A primeira casa de Monte Horebe sabe onde foi? A de seu Antônio Pereira.*

APÊNDICE B- TERMO DE LIVRE CONSENTIMENTO ESCLARECIDO**CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS AUTORAIS****SOBRE DEPOIMENTO ORAL**

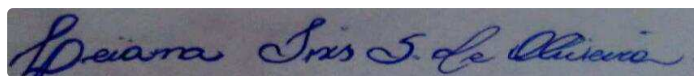
Pelo presente documento, eu, abaixo identificado, autorizo graciosamente o aluno (a) Leiana Isis Soares de Oliveira, aluna regularmente matriculada no Curso de História do Centro de Formação de Professores da UFCG, sob matrícula nº 212230024 a utilizar sem restrições quanto aos seus efeitos acadêmicos, a plena propriedade e os direitos autorais desse depoimento de caráter histórico e documental, que prestei, como depoente, sobre a História da cidade de Monte Horebe.

A aluna-pesquisadora fica autorizada a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais e acadêmicos, o mencionado depoimento, no todo ou parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e indicação da fonte e autor.

Monte Horebe, 25 de fevereiro de 2018.



Assinatura do (a) depoente



Assinatura do pesquisador responsável

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS AUTORAIS
SOBRE DEPOIMENTO ORAL

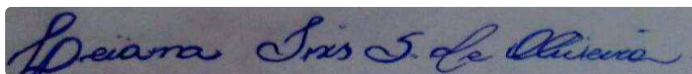
Pelo presente documento, eu, abaixo identificado, autorizo graciosamente o aluno (a) Leiana Isis Soares de Oliveira, aluna regularmente matriculada no Curso de História do Centro de Formação de Professores da UFCG, sob matrícula nº 212230024 a utilizar sem restrições quanto aos seus efeitos acadêmicos, a plena propriedade e os direitos autorais desse depoimento de caráter histórico e documental, que prestei, como depoente, sobre a História da cidade de Monte Horebe.

A aluna-pesquisadora fica autorizada a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais e acadêmicos, o mencionado depoimento, no todo ou parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e indicação da fonte e autor.

Monte Horebe, 25 de fevereiro de 2018.



Assinatura do (a) depoente



Assinatura do pesquisador responsável

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS AUTORAIS
SOBRE DEPOIMENTO ORAL

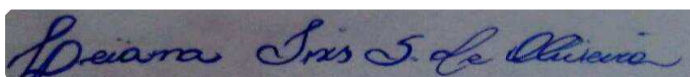
Pelo presente documento, eu, abaixo identificado, autorizo graciosamente o aluno (a) Leiana Isis Soares de Oliveira, aluna regularmente matriculada no Curso de História do Centro de Formação de Professores da UFCG, sob matrícula nº 212230024 a utilizar sem restrições quanto aos seus efeitos acadêmicos, a plena propriedade e os direitos autorais desse depoimento de caráter histórico e documental, que prestei, como depoente, sobre a História da cidade de Monte Horebe.

A aluna-pesquisadora fica autorizada a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais e acadêmicos, o mencionado depoimento, no todo ou parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e indicação da fonte e autor.

Monte Horebe, 25 de fevereiro de 2018.

A photograph of a handwritten signature in blue ink on a light-colored surface. The signature is written in a cursive script and appears to read "Maria Rosa de Jesus". The signature is partially obscured by a dark, circular shadow or smudge.

Assinatura do (a) depoente

A photograph of a handwritten signature in blue ink on a light-colored surface. The signature is written in a cursive script and appears to read "Leiana Isis S. de Oliveira".

Assinatura do pesquisador responsável

ANEXOS A- HINO ATUAL

Letra por Jacqueline Dias Cavalcanti Abreu

Melodia por Jacqueline Dias Cavalcanti Abreu

Monte Horebe, princesa dos montes
Teu nome é fonte de amor e de fé
Tu és bendita, és muito amada
Abençoada por Jesus de Nazaré

Por visitantes admirada
Pelo clima e hospitalidade
Agora e sempre, terra adorada
Serás tratada com justiça e lealdade

Enaltecemos Joaquim de Sousa
Obstinado, futurista e generoso
E agradecemos honrosamente
Ao doador deste solo primoroso.

Queremos hoje homenagear
Venâncio Dias teu ilustre bem feitor
Que com bravura e honestidade
Fundou a vila onde tudo começou.

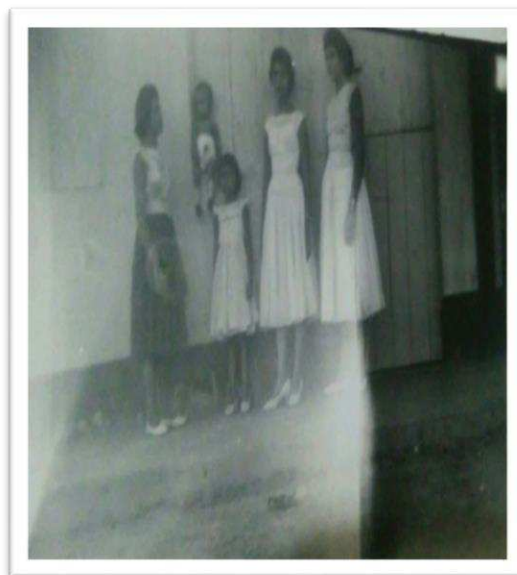
Do teu trono jamais sairás
Ladeada pelo teu povo servil
E confiante prosseguirás
Parte integrante do Nordeste do Brasil.
Terra humilde, de crianças nobres
Mulheres sérias e homens varonis
És um pontinho no hemisfério
Pequena grande, orgulho do meu país.

ANEXOS B - BRASÃO DO MUNICÍPIO

ANEXOS C- FOTOGRAFIAS DA CIDADEFigura 01:Carro da época,*Jeep*

Fonte: Acervo pessoal de Lourival Dias.

Figura 02: Foto em frente aos correios



Fonte: Acervo pessoal de Vilani Pereira.

Figura 03: Foto de época, década de 60



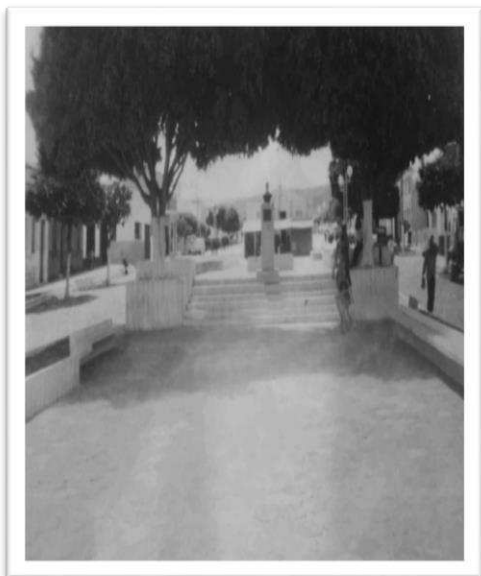
Fonte: Acervo pessoal de Vilani Pereira.

Figura 04: 1ª Kombi no município



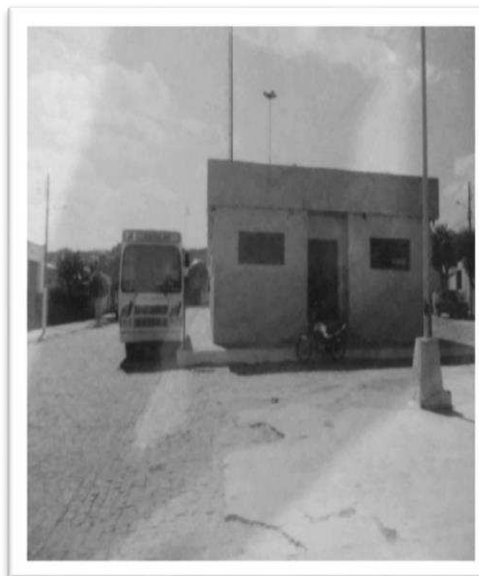
Fonte: Acervo pessoal de Vilani Pereira.

Figura 05: Praça Venâncio Dias



Fonte: Acervo pessoal Maria Luzinete

Figura 06: Prefeitura, anos 2000.



Fonte: Acervo pessoal de Maria Luzinete.

Figura 07: Carro de luxo, anos 70



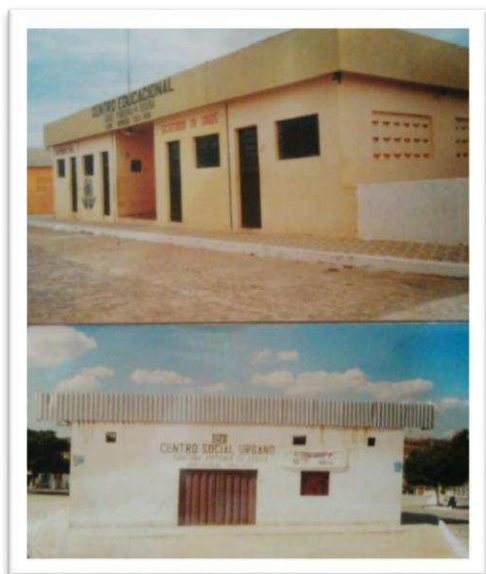
Fonte: Acervo pessoal Vilani Pereira

Figura 08: Mercado público e câmara



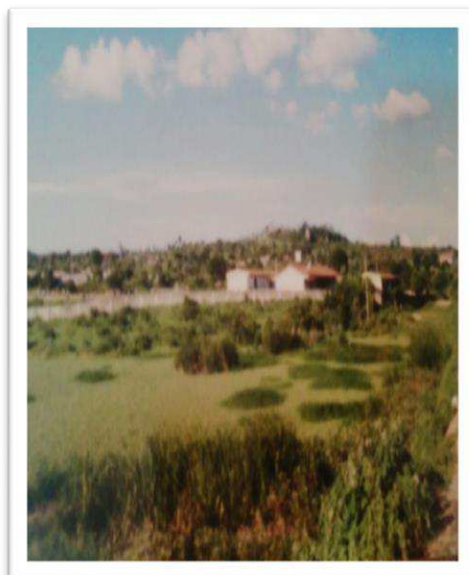
Fonte: Acervo pessoal Maria Luzinete

Figura 09: Sec. de Educação e centro social, 2000



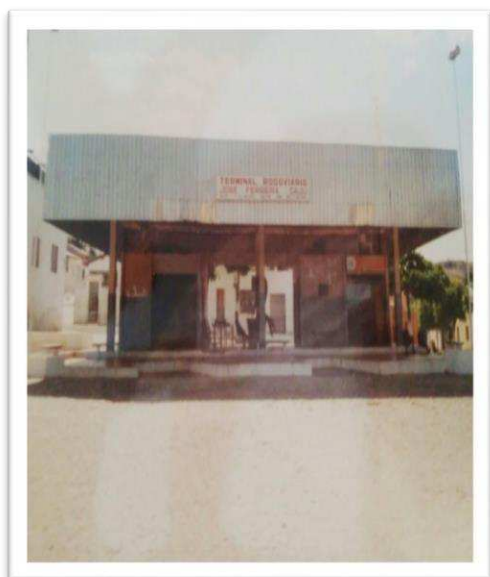
Fonte: Acervo pessoal Maria Luzinete

Figura 10: Açude poluído



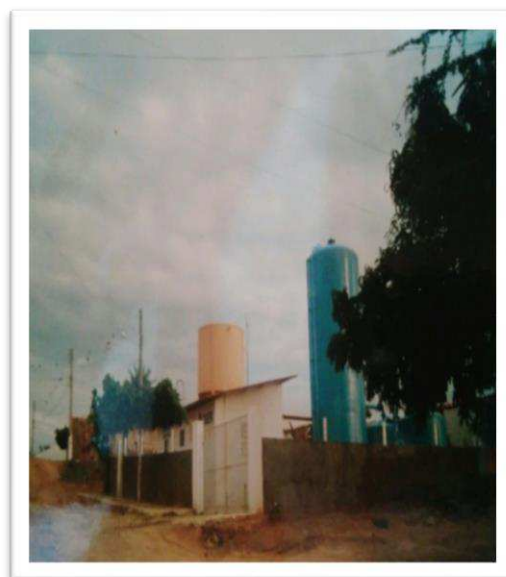
Fonte: Acervo pessoal Maria Luzinete

Figura 11: Rodoviária



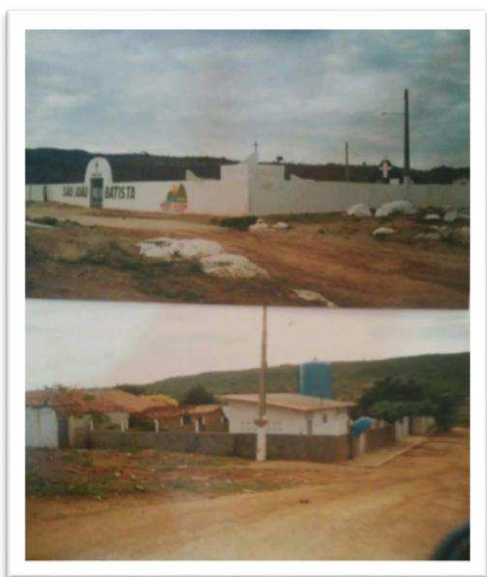
Fonte: Acervo pessoal Maria Luzinete

Figura 12: Cagepa



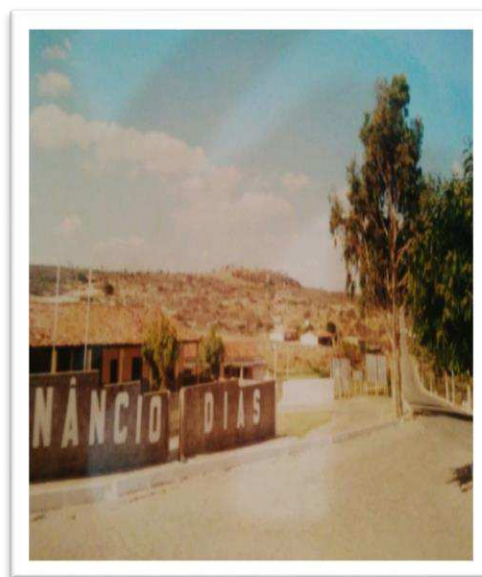
Fonte: Acervo pessoal Maria Luzinete

Figura 13: Rua do cemitério,2000



Fonte: Acervo pessoal Maria Luzinete

Figura 14: Escola Venâncio Dias,2000



Fonte: Acervo pessoal Maria Luzinete

Figura 15: Sindicato dos trabalhadores rurais



Fonte: Acervo pessoal Maria Luzinete

Figura 16: Pb-400



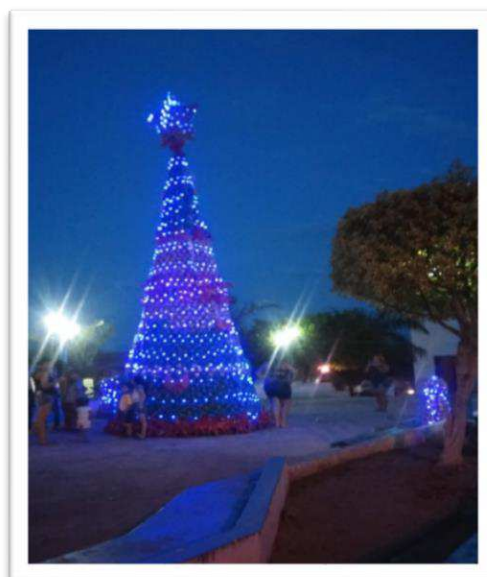
Fonte: Acervo pessoal Maria Luzinete

Figura 17: Plenário da câmara municipal



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 18: Árvore de garrafa



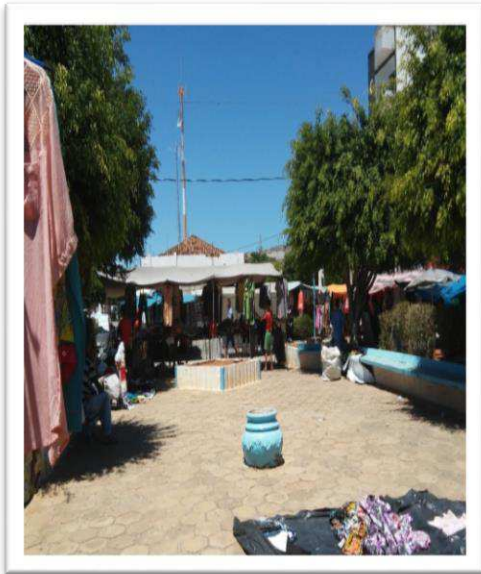
Fonte: Arquivo pessoal

Figura 19: Festividades do padroeiro, 2015



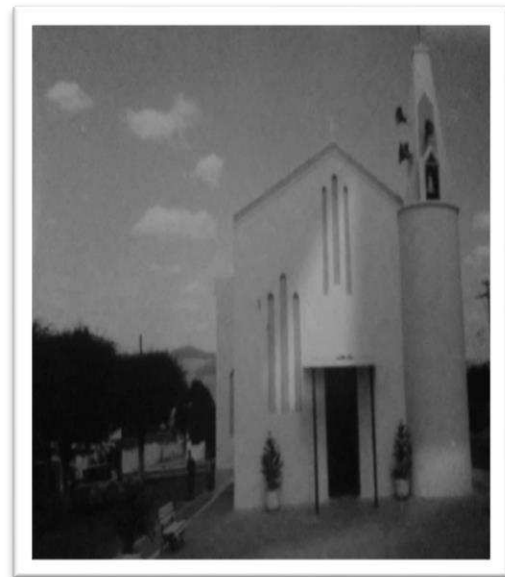
Fonte: Arquivo pessoal

Figura 20: Feira do Sábado,2015



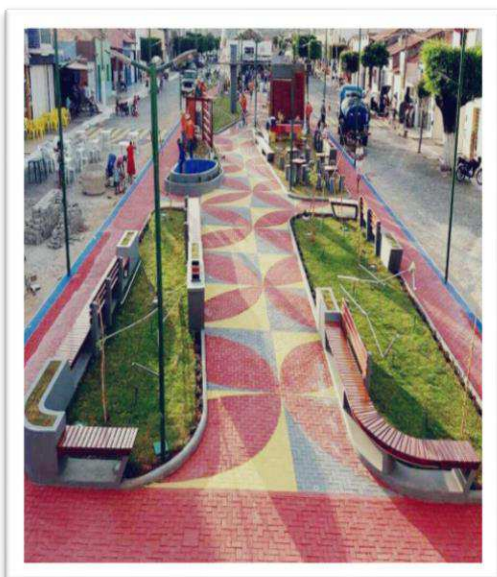
Fonte: Arquivo pessoal

Figura 21: Igreja matriz, anos 2000



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 22: Praça Venâncio Dias, 2017



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 23: Entrevista com Lourival Dias



Fonte: Arquivo pessoal